**Universidade Federal de Juiz de Fora**
**Instituto de Ciências Humanas**
**Programa de Pós-graduação em Geografia**

**Raphaela Granato Dutra**

# A Espetacularização e Mercantilização dos Eventos Festivos Universitários: uma análise geográfica sobre a realidade juiz-forana

**Juiz de Fora**
**2017**

**Raphaela Granato Dutra**

# A Espetacularização e Mercantilização dos Eventos Festivos Universitários: uma análise geográfica sobre a realidade juiz-forana

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Pires Menezes

**Juiz de Fora**

**2017**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Dutra, Raphaela Granato .
A Espetacularização e Mercantilização dos Eventos Festivos Universitários : uma análise geográfica sobre a realidade juiz-forana / Raphaela Granato Dutra. -- 2017.
143 f. : il.

Orientadora: Maria Lúcia Pires Menezes
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Geografia, 2017.

1. Formatura. 2. Ritual. 3. Festas. 4. Estudantes Universitários. I. Menezes, Maria Lúcia Pires , orient. II. Título.

# A ESPETACULARIZAÇÃO E MERCANTILIZAÇÃO DA FORMATURA UNIVERSITÁRIA: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA SOBRE A REALIDADE JUIZ-FORANA

RAPHAELA GRANATO DUTRA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, Área de Concentração Espaço e Ambiente, linha de pesquisa Dinâmicas Sócio-Espaciais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 29 / 06 / 2017

Aureanice de Mello Corrêa

Prof.ª Dr.ª Aureanice de Mello Corrêa (Membro Externo)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Carlos Eduardo Santos Maia (Membro Interno)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.ª Dr.ª Maria Lucia Pires Menezes (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

## AGRADECIMENTOS

Confesso que jamais pensei um dia, que chegaria o momento de agradecer. Na vida existe um tempo para tudo, tempo de sofrer, tempo de colher, tempo de ser feliz. Agora é chegada a hora de apenas agradecer.

Primeiramente agradeço a Deus por ter me sustentando e me dado fôlego para chegar até aqui.

Agradeço ao meu companheiro, amigo e esposo Anderson da Silva Ferreira, peça chave para meu ingresso no PPGEO- UFJF. Sem seu carinho, atenção e sem sombra de dúvida boa vontade não teria conseguido ao menos me inscrever no processo seletivo.

Agradeço à minha mãe Rosária pelo apoio e carinho, por me ouvir nas horas de tristeza e me consolar ao dizer que isso tudo irá passar.

Agradeço à minha querida orientadora Professora Doutora Maria Lucia Pires de Menezes, por me apoiar, abraçar minhas idéias, por ter realizado um excelente trabalho profissional e conquistando minha enorme admiração e carinho.

Agradeço aos amigos Luciana Sampaio e Leandro Assis, por me ajudarem ao longo da pesquisa, com discussões produtivas e até nas idas a campo.

Ao professor Doutor Carlos Eduardo Santos Maia, por ter me inspirado ao longo de minha trajetória acadêmica, contribuindo certamente para que eu alcançasse este momento e por suas contribuições para com essa dissertação.

Ao professor Doutor Cassiano Caon Amorim, por suas contribuições para com este trabalho.

À professora doutora Aureanice de Mello Corrêa por gentilmente aceitar o convite para compor a banca de mestrado e trazer suas considerações para a melhoria desta reflexão.

Aos meus amigos e colegas de trabalho, gostaria de agradecer imensamente a todos que de algum modo contribuíram para o bom andamento dos trabalhos, seja oferecendo uma palavra de ânimo ou promovendo discussões sobre o tema, todos foram de grande valia para a conclusão desta etapa.

À amiga Érica Cristina, pelo carinho e pela presteza em contribuir com a revisão deste trabalho.

Agradeço ao Programa de pós-graduação em Geografia da Universidade

Federal de Juiz de Fora pela oportunidade de cursar suas disciplinas que contribuíram de forma relevante para minha formação e para o desenvolvimento da dissertação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio financeiro fornecido ao desenvolvimento do trabalho.

Enfim, é chegada a hora, a todos, meus sinceros agradecimentos!

*O que não dá prazer não dá proveito.*

*Em resumo, senhor, estude apenas o que lhe agradar.*

(William Shakespeare)

## RESUMO

Após os anos 2000 o Brasil viveu um período de grande expansão no ensino superior. Observamos que esse fato modificou consideravelmente o perfil do estudante universitário e agregou um número expressivo de pessoas na educação superior, despertando interesses mercadológicos em diversos setores. O segmento de festas e organização de eventos passa a se interessar por este público, incorporando em seus produtos elementos da cultura universitária. Por meio do trabalho das empresas gerenciadoras de fundo de formatura, este ritual de passagem passa a ser comercializado gerando renda, criando novas demandas consumidoras e consequentemente novos negócios. Cria-se um fetiche em torno da formatura, desencadeando o seu processo de mercantilização, tornando-se uma mercadoria, vendida como qualquer produto. O objetivo de nossa pesquisa é analisar o processo de espetacularização e mercantilização em relação à cultura universitária, tendo como elemento central a formatura. Destacamos a formatura como um ritual presente na vida acadêmica e como tal, portador de certas espacialidades e temporalidades, o que lhe confere geograficidade. Tomamos como recorte espacial a cidade de Juiz de Fora, localizada no sudeste de Minas Gerais, na mesorregião da Zona da Mata. A escolha se deu devido nossa vivência na cidade e a relevância do município para a região.



Palavras chave: Formatura. Ritual. Festas. Estudantes Universitários.

**ABSTRACT**

After the years 2000 the Brazil lived a period of great expansion in higher education. We note that this fact considerably changed the profile of the university student and has added a significant number of people in higher education, arousing interest in marketing in various industries. The parties and events segment is interested in this audience, incorporating in their products elements of the University culture. Through the work of organizer companies of graduation background, this rite of passage is now marketed generating income, creating new consumer demands and consequently new business. Creates a fetish around graduation, unleashing the your process of commodification, becoming a commodity, sold as any product. The goal of our research is to analyze the process of commodification and spectacularization regarding University culture, having as a central element the graduation. We highlight the graduation as a ritual present in academic life and as such, certain spatialities and temporalities, which gives geograficidade. Take the space city clipping of Juiz de Fora, located in the southeast of Minas Gerais, in the Zona da Mata. The choice came about because of our experience in town and the relevance of the municipality for the region.

Keywords: Graduation. Ritual. Parties. University Students.

## LISTA DE FIGURAS


Figura 1 – Imóveis para estudantes universitários ..... 17

Figura 2 – Juiz de Fora capital regional B e sua região de influência ..... 24

Figura 3 – Faculdade de Filosofia de Juiz de Fora ..... 31

Figura 4 – Escola de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora ..... 32

Figura 5 – Campus da Universidade Federal de Juiz de Fora ..... 36

Figura 6 – Promoção “dia do universitário” ..... 46

Figura 7 – Regras da promoção “Terça universitária” ..... 47

Figura 8 – Sistema de cotas UFJF ..... 60

Figura 9 – Número de estudantes migrantes em 2013 na UFJF ..... 61

Figura 10 – Boas-vindas aos calouros ..... 68

Figura 11 – Cartaz de propaganda de festa ..... 76

Figura 12 – Títulos de reportagens sobre abusos em festas universitárias ..... 85

Figura 13 – Normas para realização de festas e eventos na UFJF ..... 87

Figura 14 – *Flyer* do Carnadministrando edição 2013 ..... 89

Figura 15 – Temporalidade das festas universitárias ..... 91

Figura 16 – Troca de abadás – Carnadministrando 2014 ..... 93

Figura 17 – Granja da Phormar ..... 94

Figura 18 – Brindes de formatura ..... 98

Figura 19 – Alunos trajados para a colação de grau contrata pelo fundo de formatura ..... 101

Figura 20 – Aula da saudade - turma Geografia UFJF ..... 102

Figura 21 – Viva Eventos, mais que eventos, verdadeiros espetáculos ..... 104

Figura 22 – Orçamento de uma festa de formatura para 100 formandos ..... 110

Figura 23 – Baile de luxo da Politénica da USP ..... 111

Figura 24 – Eu e minha amiga, Cristina Oliveira, em nossa formatura (real) ..... 114

Figura 25 – Colação de grau contratada por meio de fundo de formatura (formatura *fake*) ..... 117

Figura 26 – Cine Theatro Central 120

Figura 27 – Acidente após formatura universitária em Jequié - BA ..... 123

Figura 28 – Expominas Juiz de Fora ..... 124

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Estudantes por cor ou raça, por região brasileira ..... 53

Gráfico 2 – Graduandos segundo a renda familiar mensal bruta e a modalidade de ingresso (em %) – 2014 ..... 54

Gráfico 3 – Faixa etária por identidade de gênero ..... 58

Gráfico 4 – Ingresso dos estudantes na UFJF por cotas ..... 59

Gráfico 5 – Opinião dos estudantes em relação às empresas de fundo de formatura..... 99

Gráfico 6 – Opinião dos estudantes sobre a espetacularização das festas de formatura..... 106

Gráfico 7 – Contratação de empresa de fundo de formatura ..... 107

Gráfico 8 – Participação individual no fundo de formatura da turma ..... 112

Gráfico 9 – A importância da festa de formatura..... 113

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização de Juiz de Fora (MG) ..... 29

Mapa 2 – Localização da Universidade Federal de Juiz de Fora ..... 39

Mapa 3 – Localização do bairro Salvaterra na região Sul de Juiz de Fora ..... 121

## LISTA DE SIGLAS

| | |
|---|---|
| ABD | Administrando a Boca Direitinho |
| Ajadi | Associação Juizforana das Administradoras de Imóveis |
| Andifes | Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior |
| BACH | Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas |
| CGCO | Centro de Gestão do Conhecimento Organizacional |
| EAD | Educação a Distância |
| Enem | Exame Nacional do Ensino Médio |
| Fafile | Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora |
| FHC | Fernando Henrique Cardoso |
| Fies | Fundo de Financiamento Estudantil |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| ICB | Instituto de Ciências Biológicas |
| ICE | Instituto de Ciências Exatas |
| ICHL | Instituto de Ciências Humanas e Letras |
| IES | Instituições de Ensino Superior |
| Iesf | Instituições de Ensino Superior Federal |
| Ifes | Instituições Federais de Ensino Superior |
| IFET | Instituto Federal de Educação Tecnológica |
| Inep | Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira |
| Ipea | Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada |
| MBA | Master in Business Administration |
| MEC | Ministério da Educação |
| PM | Polícia Militar |
| Prouni | Programa Universidade para Todos |
| Reuni | Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão Dasuniversidades Federais |
| Settra | Secretaria de Transporte e Trânsito |
| Sisu | Sistema de Seleção Unificada |
| UAB | Universidade Aberta do Brasil |

| | |
|---|---|
| UFJF | Universidade Federal de Juiz de Fora |
| Unesp | Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho |

**SUMÁRIO**


**1 INTRODUÇÃO** ..... 16
**2 O ENSINO SUPERIOR EM JUIZ DE FORA** ..... 21
2.1 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A CIDADE DE JUIZ DE FORA E SUA IMPORTÂNCIA REGIONAL ..... 21
2.2 A ORIGEM DO ENSINO SUPERIOR EM JUIZ DE FORA E A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA ..... 25
2.3 O UNIVERSO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA: ENTENDENDO UM POUCO A INSTITUIÇÃO ..... 31
2.4 A UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA E SUA IMPORTÂNCIA PARA JUIZ DE FORA: O PAPEL DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL EM UMA CIDADE MÉDIA ..... 34
**2.4.1 O modelo de campus da Universidade Federal de Juiz de Fora** ..... 34
**2.4.2 Da localização do campus** ..... 38
**2.4.3 O campus como um equipamento de lazer** ..... 42
**2.4.4 A importância da Universidade Federal de Juiz de Fora nas questões econômicas de Juiz de Fora** ..... 43
**3 O ENSINO SUPERIOR E O ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO** ..... 50
3.1 DADOS GERAIS SOBRE OS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS ..... 50
**3.1.1 Levantamento de dados sobre os estudantes da Universidade Federal de Juiz de Fora: desdobramentos metodológicos** ..... 55
**3.1.2 O perfil dos estudantes universitários da UFJF** ..... 57
3.2 ALGUNS FATORES GERADORES DE EXPECTATIVAS QUANTO AO INGRESSO EM IFES ..... 62
3.3 A ENTRADA NA UNIVERSIDADE: ADAPTAÇÕES EM RELAÇÃO AO NOVO COTIDIANO ..... 65
3.4 O MUNDO UNIVERSITÁRIO: REFLEXÕES SOBRE CULTURA UNIVERSITÁRIA, SEUS ELEMENTOS E RITUAIS ..... 68
**3.4.1 Considerações acerca da “cultura universitária”** ..... 69
**3.4.2 O outro lado da Universidade: alguns elementos da cultura universitária** ..... 73

**4 O CASO DAS FESTAS UNIVERSITÁRIAS** ..... 82
4.1 O CONCEITO DE FESTA E AS FESTAS UNIVERSITÁRIAS ..... 82
4.2 OS TIPOS DE FESTAS UNIVERSITÁRIAS ..... 86
4.3 A TEMPORALIDADE E ESPACIALIDADE DO FESTAR UNIVERSITÁRIO ..... 90
**5 A FESTA E O NEGÓCIO: O RITUAL DA FORMATURA COMO UM PRODUTO MERCADOLÓGICO** ..... 96
5.1 FÁBRICA DE SONHOS: AS EMPRESAS ESPECIALIZADAS EM GERENCIAMENTO DE FUNDOS DE FORMATURA ..... 96
5.2 O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR: A FORMATURA COMO UM ESPETÁCULO ..... 100
5.3 TEMPORALIDADES E ESPACIALIDADES DA FESTA DE FORMATURA ..... 114
**6 CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... 126
**REFERÊNCIAS** ..... 131
**APÊNDICES** ..... 140

# 1 INTRODUÇÃO

Durante os anos 2000, o Brasil viveu mais um período de expansão do ensino superior com um crescimento quantitativo e, de certo modo, qualitativo. Foram criados programas por meio de políticas públicas que permitiram à população um maior acesso aos cursos superiores, como o Programa Universidade para Todos (Prouni) com a oferta de bolsas de estudo integrais e parciais em instituições de ensino privadas. Outro ponto importante foi a Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que promoveu um aumento no quantitativo das vagas oferecidas em Instituições de Ensino Superior Federal (Iesf) e também realizou reforma, ampliação e criação de novas unidades.

O aumento das facilidades para se ingressar em uma Institutição de Ensino Superior (IES) despertou o interesse da população, tendo em vista que algumas instituições privadas baratearam o custo de alguns cursos, enquanto que, na esfera pública, no caso da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), alguns programas contribuíram para o incremento do número de matrículas em seus cursos.

À medida que as matrículas em IESF aumentaram, novas estratégias foram criadas na cidade para absorver esta demanda. Houve, por exemplo, uma necessidade de adequar os equipamentos existentes a esta nova realidade. As reformas e ampliações das instituições já existentes começaram a ocorrer, bem como a chegada de novas IES, além da construção de novos *campus*.

Diante deste cenário, o empresariado observou uma oportunidade de empreender em negócios voltados para esta parcela da população, como relatado em várias reportagens vinculadas sobre este tipo de negócio em diversas revistas e sites de economia, tais como Forbes Brasil, Pequenas Empresas e Grandes Negócios, Estado de São Paulo, Gazeta do Cerrado e vários outros veículos na mídia.

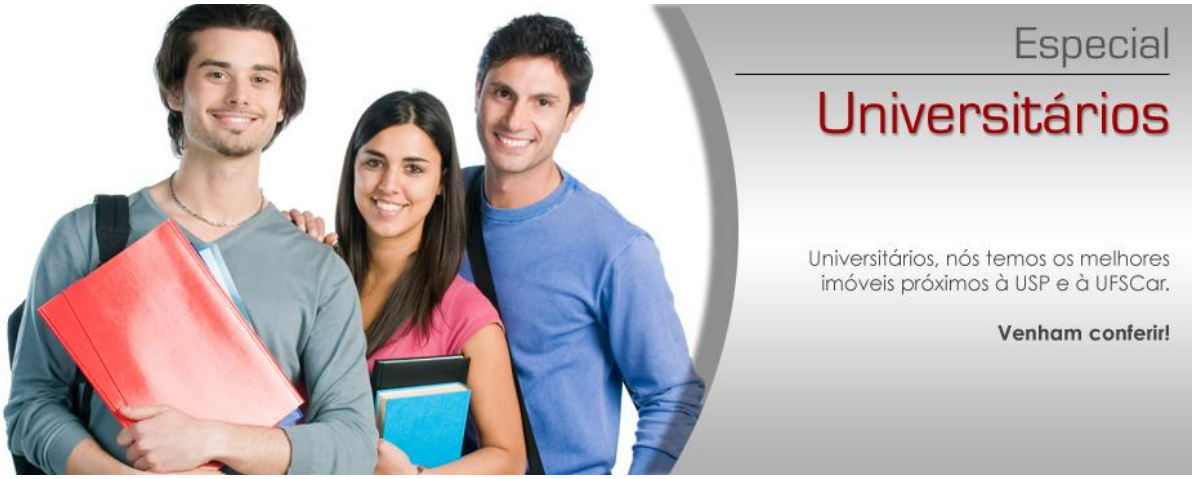
O ramo imobiliário e da construção civil se aqueceram, tendo em vista o grande número de estudantes migrantes, fixando residência na cidade e iniciando a construção de várias unidades voltadas para este público, principalmente no bairro São Pedro, onde se situa a UFJF.

Com isso, algumas imobiliárias criaram verdadeiros empreendimentos e

estratégias para estudantes, como a Universal Imóveis e a Imobiliária Juiz-forana, que criou em seu site “www.universalimoveis.com.br”, uma sessão com imóveis recomendados para universitários e estudantes, em uma divisão de quarto e sala, como característica principal desse tipo de imóvel.

Durante a pesquisa realizada na internet, encontramos uma nova categoria: apartamentos universitários, ou apartamentos para universitários. Alguns se localizam aos arredores de faculdades e universidades, e, como mencionado anteriormente, são imóveis no formato quarto e sala ou kitnetes[1]. A Figura 1 ilustra uma sessão do site da imobiliária Center Imóveis, localizada em São Carlos-SP. De acordo com a imagem, é possível observar que essas seleções não são exclusividade das imobiliárias juiz-foranas. Assim, diante da elevada demanda de imóveis por parte dos universitários, cada vez mais o segmento imobiliário está se especializando, para satisfazer esse público e obter êxito em seus negócios.

Figura 1 – Imóveis para estudantes universitários




Fonte: Center Imóveis, c2017[2]

Além dessas estratégias do ramo da construção civil e imobiliário, vários segmentos vêm no encalço do aumento do número de pessoas matriculadas em instituições de ensino superior. Podemos destacar, por exemplo, as empresas

[1] Kitnet: o termo vem do inglês significando “pequena cozinha”, no Brasil ficou conhecido como um apartamento pequeno, com apenas dois cômodos, um grande salão conjugando sala e quarto em um ambiente e um banheiro.
[2] Disponível em: <http://www.centerimoveis.com/universitarios.php>.

gerenciadoras de fundo de formatura como um segmento novo, em busca de um mercado consumidor. Agregados a essas empresas, há também estúdios de fotografia, *buffet*, gráficas, entre outras, que oferecem serviços personalizados para esse público. De acordo com as reportagens e depoimentos dos empresários, o segmento de festas e organização de eventos universitários têm se tornado cada vez mais lucrativo e diversificado. Como foco deste mercado, temos a formatura universitária como a “cereja do bolo”.

A formatura, para a maioria dos estudantes e seus familiares, é um momento muito esperado desde o ingresso na instituição. Ao ingressar em um curso de graduação, o estudante está dando um passo para adentrar no mundo do trabalho. Para Carvalho, Lopes Neto e Silva (2015, p. 50), o termo graduação “significa convocação, começo, admissão ao ensino superior”. Segundo os autores, a formatura pode ser entendida como um ritual que manifesta de modo cerimonial o sentimento de respeito por aqueles que estão obtendo o grau de bacharel ou licenciado em uma instituição de ensino superior.

Os rituais, de acordo com van Gennep (2011), autor da clássica obra “Os rituais de passagem”, são importantes demarcações na vida cotidiana das mais diversas sociedades proporcionando um sentido em relação às várias fases da vida. O autor destaca que

> [...] a vida individual qualquer que seja o tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra. Nos lugares em que as idades são separadas, e também as ocupações, estas idades, esta passagem é acompanhada por atos especiais, que, por exemplo, constituem para nossos ofícios a aprendizagem, e que entre os semicivilizados consistem em cerimônias. (VAN GENNEP, 2011, p, 24).

Assim, sob a perspectiva antropológica, a formatura é o ritual de passagem responsável pela transição entre o mundo acadêmico e o mundo do trabalho. Porém, sob o olhar dos empresários, a formatura transcende essa função e ela passa a ser considerada um produto mercadológico bastante lucrativo, passando de uma mera formalidade, para um grande momento de festivo, onde temos fabulosos espetáculos.

A formatura como um produto mercadológico movimenta todo um circuito econômico e passa a dinamizar principalmente o mercado de eventos. Em torno deste produto, surgem novas possibilidades, novas empresas e também novos

serviços. Como exemplo, temos os brindes da festa de formatura, a criação de novos softwares para auxiliar no gerenciamento contábil, além das próprias festas universitárias que, em alguns casos, acabam tambémse tornando um subproduto agregado ao pacote de formatura.

Tudo isso é uma tendência atual da fase neoliberal do capitalismo, que segundo J. P. M. Souza (2011, p. 273) “intensifica a propensão do sistema a transformar todos os tipos de bens em mercadorias”. Nesse sentido, observamos que, para os empresários, a “cultura universitária” tem sido objeto deste tipo de transformação, comercializando sonhos e transformando o ritual em uma espécie de megaevento, sendo um processo que se aproxima da espetacularização da sociedade, apresentado por Guy Debord (2003) na obra *Sociedade do espetáculo* considerada um clássico sobre esta temática.

O objetivo de nossa pesquisa é analisar o processo de espetacularização em relação à cultura universitária, tendo como elemento central a formatura. Destacamos a formatura como um ritual presente na vida acadêmica e como tal é portador de certas espacialidades e temporalidades, o que lhe confere geograficidade.

Como recorte temporal, partiremos de meados dos anos 2000, momento oportuno para este tipo empreendimento, segundo os empresários. Foi a partir do aumento da demanda universitária que surgem algumas empresas do ramo de eventos especializadas em formaturas universitárias e outras começam a se interessar em investir neste segmento.

Nosso recorte espacial se dá sob a cidade de Juiz de Fora, localizada no sudeste de Minas Gerais, na mesorregião da Zona da Mata. Escolhemos este município devido a nossa vivência na cidade. Sendo considerada uma cidade de porte médio e capital regional B, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2008).

A segunda seção intitulada “O ensino superior em Juiz de Fora” traz uma contextualização da cidade de Juiz de Fora e sua importância para a região. Nesta seção, iremos compreender a gênese da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) escolhida como instituição de referência para nossas análises. Escolhemos a UFJF por ser uma instituição pública federal acessível a dados e pesquisas sobre os estudantes universitários, além da facilidade em realizar as entrevistas e visitas de campo.

Na seção seguinte, passaremos a analisar o ensino superior e o estudante universitário. Nosso objetivo foi colher dados referentes ao perfil dos estudantes e do ensino superior tanto no âmbito nacional, por meio de um estudo realizado pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), quanto ao nível regional tomando por base os estudantes da UFJF. Discutimos ainda sobre os anseios e expectativas enfrentados pelos estudantes ao ingressar no ensino superior, a “cultura” em torno do mundo universitário e alguns de seus elementos.

Na quarta seção de nossa pesquisa, intitulada “O caso das festas universitárias” iremos analisar as festas universitárias, seus tipos, temporalidades e espacialidades. Em nossa perspectiva, as festas universitárias oferecidas por empresas de gestão de fundos de formatura são momentos de descontração para os estudantes e, ao mesmo tempo, possuem um caráter mercadológico, pois são incluídas nos pacotes de formatura como alternativa para angariar renda para o fundo.

A última seção trata da formatura em si enquanto ritual de passagem. Analisamos a importância deste momento, as relações econômicas que envolvem a formatura, sua mercantilização por parte das empresas de gestão de fundo de formatura e suas temporalidades e espacialidades.

# 2 O ENSINO SUPERIOR EM JUIZ DE FORA

Nesta seção apresentaremos a cidade de Juiz de Fora, destacando sua importância regional, o que reflete sobre a dinâmica do ensino superior na cidade. Esta seção do trabalho também se encarrega de contextualizar a origem do ensino superior em Juiz de Fora e a criação da UFJF, bem como seus desdobramentos até os dias atuais.

## 2.1 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A CIDADE DE JUIZ DE FORA E SUA IMPORTÂNCIA REGIONAL

A consolidação da UFJF enquanto universidade federal foi um fator que, sem dúvida, causou vários impactos para o município de Juiz de Fora. Como destacado anteriormente, a cidade possui uma posição geográfica privilegiada, o que faz com que estabeleça relações tanto com a capital mineira Belo Horizonte quanto com as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Historicamente, Amorim (2010) destaca a importância de se levar em conta o contexto de povoamento e urbanização juiz-forana, que se deu a partir do Caminho Novo no século XVIII. A economia cafeeira pode ser responsabilizada em parte pelo dinamismo da região,

> [...] a região da Zona da Mata mineira apresentou um grande dinamismo no contexto da economia cafeeira. Em outras atividades, como comércio, indústria e setor financeiro, aconteceu um incremento no volume dos negócios, tendo como principal núcleo urbano a cidade de Juiz de Fora. (AMORIM, 2010, p. 208).

Yazbeck (1999) salienta o prestígio político, econômico e social como fatores que permitiram as elites de origem agrária diversificar seus negócios. Um outro ponto importante para o desenvolvimento da cidade é a abertura da rodovia União Indústria em 1861, que aproximou Juiz de Fora a cidade do Rio de Janeiro, sendo considerada para Chaves (2011) uma das primeiras, senão a primeira estrada brasileira construída com características modernas.

A questão da imigração, atrelada à construção da rodovia, pode ser elencada como um fator de fundação das pequenas indústrias e comércio. O grande contingente de alemães, italianos, espanhóis e portugueses que vieram para trabalhar principalmente na construção da estrada, posteriormente diversificaram suas atividades na cidade (YAZBECK, 1999).

Ao longo do curso do Rio Paraíbuna, temos o centro urbano de Juiz de Fora, que outrora fora chamada de Município de Paraíbuna, em 1850, mais tarde alterado para Juiz de Fora, em 1865 segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatpistica (IBGE). Juiz de Fora se encontra na Zona da Mata de Minas Gerais e podemos considerar a cidade mais expressiva da região, contando com uma população estimada em 559.636 mil habitantes de acordo com estatísticas do IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, c2017).

Essa importância faz com que a cidade seja referência em vários setores na região. A implementação do campus da UFJF em meados de 1960 foi um marco importante para o desenvolvimento da cidade. O campus da UFJF foi instalado entre os bairros São Pedro e Dom Bosco, que foram considerados decisivos para ocupação da região denominada de Cidade Alta. Geraldo (2014) menciona que a ausência de alojamentos estudantis pode ser uma possível causa no dinamismo da região. A autora também salienta que “a universidade gerou o efeito catalisador de investimentos. Portanto, a implantação da UFJF consorciada à modernização do sistema viário e infraestrutura regional adquiriu grande importância para a ocupação da região.” (GERALDO, 2014, p. 141).

Além da importância histórica do município perante a região da Zona da Mata, Juiz de Fora se consolida como uma cidade de porte médio. A definição de cidade média é um tanto delicada, pois pode variar de acordo com a concepção de cada autor. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) considera uma cidade como média adotando aspectos populacionais, definindo como aquela que possui uma população de 100.000 a 500.000 mil habitantes. Entretanto, o critério populacional depende de país para país e outros critérios podem ser somados a este para uma melhor definição sobre a questão.

Podemos dizer que é relevante classificar esse tipo de cidade para poder levar em conta como se desenvolvem as relações econômicas entre essas cidades e seu entorno como salienta França (2007). A autora destaca a relação das cidades médias com as escalas espaciais mais abrangentes e as relações referentes a

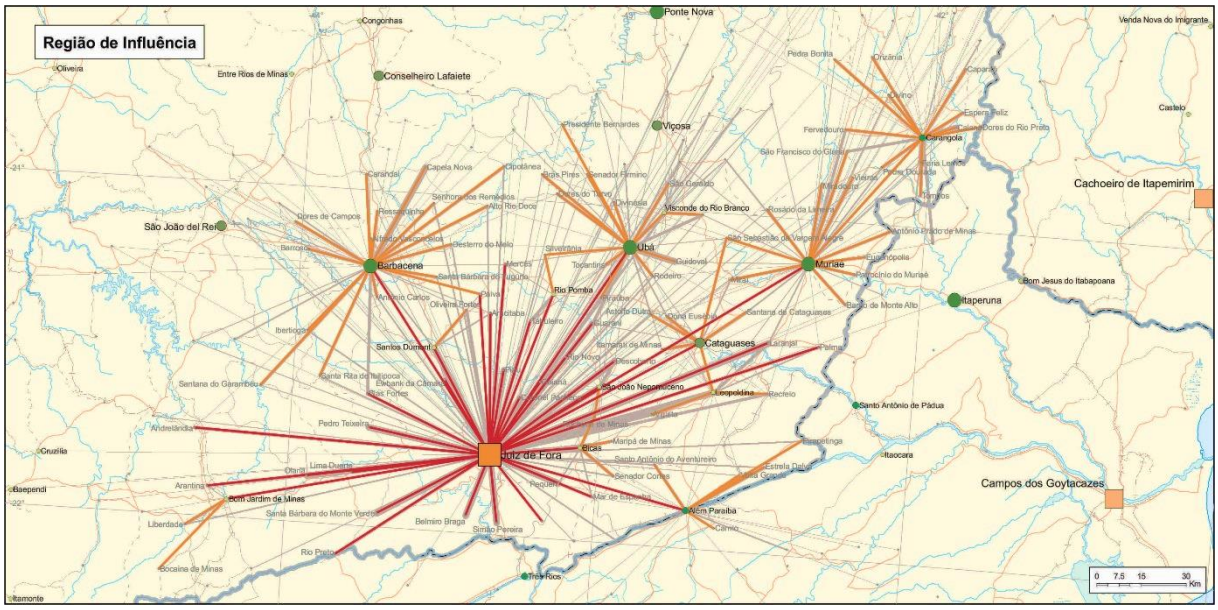
cidades e ao seu espaço intra-urbano. Em relação à cidade numa escala espacial mais abrangente, França (2007) elenca alguns critérios, tais como: relevância regional, localização em relação aos eixos principais, existência de programas especiais na área, distância de outras aglomerações ou centros e posição estratégica.

No que tange aos critérios referentes ao espaço intra-urbano, a autora destaca a evolução territorial urbana recente, suas dimensões demográficas, desempenho econômico recente, estrutura da população economicamente ativa, pobreza urbana e proporção de migrantes. Sobre o papel das cidades médias podemos destacar que

> elas estão se tornando, crescentemente, o *lócus* do trabalho intelectual como suporte para as atividades econômicas, agrícolas e industriais, sendo esse o papel que estão ocupando, gradativamente, na rede urbana. Nesse sentido, espera- se que essas cidades se convertam em cidades especializadas, provedoras de suporte de ensino e pesquisa científica para as diversas atividades humanas. (FRANÇA, 2007, p. 54).

Tomando tais observações sobre cidade média como referenciais, percebemos que Juiz de Fora se encaixa nesses critérios, não somente em relação ao seu tamanho populacional, mas também por sua influência na região como ilustrada na Figura 2.

Figura 2 – Juiz de Fora capital regional B e sua região de influência




Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2008

O mapa acima deixa transparecer a importância das cidades em relação uma às outras no que diz respeito à hierarquia dos centros urbanos. Na imagem em destaque, observamos que Juiz de Fora pode ser classificada como capital regional B de acordo com o documento intitulado *Região de influência das cidades* do ano de 2007 publicado pelo IBGE, o qual aborda a hierarquia urbana das cidades brasileiras.

Conforme o documento, este nível engloba 70 centros que se relacionam com o estrato superior da rede urbana, ou seja, com as metrópoles. Os centros possuem capacidade de gestão no nível inferior das metrópoles, área de influência de âmbito regional e são destino para um conjunto de atividades por grande número de municípios. Nessa classificação feita pelo IBGE, Juiz de Fora pode ser considerada um centro com múltiplas vinculações.

Diante da potencialidade da cidade, Juiz de Fora se destaca no cenário regional no que tange à oferta do ensino superior. As relações de hierarquia urbana demonstram como a cidade está intimamente relacionada com os grandes centros urbanos e também com cidades de menor porte em sua região de influência.

## 2.2 A ORIGEM DO ENSINO SUPERIOR EM JUIZ DE FORA E A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

As origens do ensino superior em Juiz de Fora, como aponta Yazbeck (1999) estavam atreladas a instituições religiosas. As escolas de ensino secundárias como Colégio Grambery e a Academia de Comércio deram origem aos primeiros cursos superiores na cidade. Os cursos de Odontologia e Farmácia foram os primeiros a serem ofertados pelo Colégio Grambery, instituto vinculado à Igreja Metodista, em 1904 e o curso de Direito criado em 1912. Neste mesmo ano, a Congregação do Verbo Divino, da Igreja Católica, cria o Instituto Politécnico e o Curso Comercial Superior.

A criação destes cursos se deu para atender a demanda que surgia durante esse período, no qual observamos um surto de industrialização e também de crescimento populacional no Brasil e em Juiz de Fora que foi considerada, em 1920, o maior centro industrial de Minas Gerais. Amorim (2010) ressalta que essa realidade “faz parte do movimento geral de acumulação de capital da economia agroexportadora cafeeira que, predominantemente mercantil em seu conjunto, implicou um processo de diversificação urbano-industrial pelo país” (AMORIM, 2010, p. 266).

Podemos destacar que, devido a este momento de urbanização e industrialização vivenciado no Brasil e, sobretudo em Juiz de Fora, a educação passa a ser um instrumento importante para o desenvolvimento. Com isso, a necessidade de mão de obra qualificada se torna primordial para o avanço da cidade. Sendo assim, o crescimento da oferta de cursos superiores e instituições de ensino passam a ser resultado dessas mudanças e avanços vivenciados.

A produção e consumo crescentes, sobretudo na região sudeste o Brasil, favoreceu a aglomeração de instituições de ensino superior. Nesse sentido, vale ressaltar a localização privilegiada de Juiz de Fora, situada entre São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Em meados de 1930, como destaca Amorim (2010) a cidade possuía 90 mil habitantes, sendo bastante urbanizada e de grande importância no cenário econômico nacional.

Apesar de as Faculdades de Farmácia, Odontologia, Direito e Engenharia se desvincularem em 1912 e 1913 respectivamente das instituições ligadas a ordens

religiosas se tornando faculdades laicas, apenas na segunda década do século XX o ensino superior juiz-forano se torna em grande maioria laico. No período entre guerras, a cidade passa a abrigar um número maior de funcionários públicos e militares, o que gerou uma mudança no perfil socioeconômico, como afirma Yasbek (1999). Momento esse, que favoreceu a especialização dos serviços, a instalação de pequenas unidades industriais e reabertura de algumas IES na cidade. Sobre esta reabertura, podemos dizer que na segunda metade do século XX os cursos superiores de Juiz de Fora funcionaram graças ao processo de federalização de instituições isoladas que criou as universidades federais, como salienta Amorim (2010).

Sobre a segunda metade do século XX, é importante frisar que este período marca uma grande transformação no cenário brasileiro em relação à revolução técnico cientifica. Os meios de transporte e telecomunicações evoluíram de maneira expressiva e há um aumento significativo da população. Em Juiz de Fora, a população, segundo dados obtidos por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população juiz-forana em 1970 era de 238.510 habitantes saltando para 525.225 habitantes em 2012 segundo estimativas.

Esse crescimento populacional também combina com o aumento da oferta de IES na cidade e também como o número maior de matrículas nessas instituições. Em 1960, através dos desmembramentos das IES vinculadas aos institutos Grambery e Academia de Comércio e outras isoladas na cidade, tem-se por meio do ato do então presidente Juscelino Kubitschek a criação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Na década seguinte temos a autorização de funcionamento para cursos superiores da instituição Vianna Junior e também o projeto de criação do Centro de Estudos Superiores de Juiz de Fora (CES).

O Quadro 1, em ordem alfabética, demonstra o crescimento da oferta de IES no município partindo de 1960, com a criação da UFJF, até a data de 2008, com a constituição do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (Ifsemg).

Quadro 1 – Instituições de ensino superior, sua natureza e data de credenciamento

| Instituição de Ensino Superior (IES) | Natureza | Ano do ato regulatório |
|---|---|---|
| **Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF)** | Privada | 1972 |
| **Centro Universitário Estácio de Sá** | Privada | 2002 |
| **Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora (FCMS/JF)** | Privada | 2002 |
| **Faculdade de Tecnologia Luiza de Larscheuer (Fatec/JF)** | Serviço Social Autônomo | 2004 |
| **Faculdade do Sudeste Mineiro (Facsum)** | Privada | 2002 |
| **Faculdade Doctum de Juiz de Fora (Doctum)** | Privada | 2003 |
| **Faculdade Juiz de Fora (FJF)** | Privada | 2006 |
| **Faculdade Machado Sobrinho (FMS)** | Privada | 1969 |
| **Faculdade Metodista Granbery(FMG)** | Privada | 1998 |
| **Faculdades Integradas Vianna Júnior (FIVJ)** | Sociedade Empresária Limitada | 1970 |
| **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IFSEMG)** | Autarquia Federal | 2008 |
| **Instituto Superior de Educação Carlos Chagas (Isecc)** | Privada | 2002 |
| **Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)** | Autarquia Federal | 1960 |
| **Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac)** | Privada | 1997 |
| **Universidade Salgado de Oliveira (Universo)** | Privada | 2003 |

Fonte: A autora. Adaptado de Brasil, c2017[3]

[3] Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>.

Observamos, diante do exposto no quadro anterior, que existe um predomínio nas IES privadas na cidade, sendo apenas duas instituições federais, das quais a UFJF é o estabelecimento que possui a maior área de campus e o maior número de alunos matriculados. No total, se formos incluir os estabelecimentos que oferecem cursos na modalidade à distância em Juiz de Fora, teremos um total de 30 IES atuando no município, segundo dados do MEC.

Ainda analisando o quadro de IES em Juiz de Fora, destacamos que muitas IES tiveram seu credenciamento regulamentado no ano de 2002, final do governo FHC. No geral, a maioria dos estabelecimentos da cidade foi regulamentada nesse governo, uns durante o período de primeiro mandato e outros durante o segundo. Cabe destacar que, no âmbito federal, o Instituto Tecnológico Federal, foi um importante ganho para a cidade e também para a região do sudeste de Minas Gerais, tendo seus cursos superiores regulamentados em 2008, durante a expansão do ensino superior por meio de instrumentos e políticas, como o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).

O grande número de IES localizadas em Juiz de Fora reflete a lógica da apropriação do espaço urbano por esses agentes. Como observado por Amorim (2010), a localização das IES explicita o processo de seletividade espacial. A localização privilegiada da cidade, entre o eixo São Paulo – Belo Horizonte – Rio de Janeiro, a trajetória histórica da cidade em outros contextos como um importante centro comercial aglutinador de pessoas, investimentos e instituições são fatores elencados pelo autor que elucidam a capacidade de alocação das IES no município. O mapa 1 explicita a localização privilegiada de Juiz de Fora.

Mapa 1 – Localização de Juiz de Fora (MG)

Fonte: A autora, adaptado de IBGE

Além da localização estratégica do município, cabe ressaltar que as políticas de acesso e permanência criadas nos governos do presidente Luís Inácio Lula da Silva (Lula) foram de grande relevância para o crescimento do ensino superior no âmbito nacional e também para a região de Juiz de Fora.

Durante o período de governo Lula, houve um aumento no número de cursos em estabelecimentos já existentes, bem como um incremento em relação ao número de vagas ofertadas. Esse crescimento foi incentivado, principalmente, pelas políticas públicas implementadas nessa gestão que visavam à democratização e

ampliação do ensino superior no Brasil, tais como o Universidade para Todos (Prouni), a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Esses programas foram criados pelo governo federal, representando um importante avanço em relação ao acesso ao ensino superior.

Juiz de Fora também acompanhou esse ritmo, que se deu não somente em número de matrículas oferecidas, como também em uma expansão física da rede, por meio da modernização e expansão dos campi de algumas instituições de ensino superior no país.

A UFJF foi uma dessas instituições que se beneficiou das políticas de expansão do ensino superior. Seu campus foi modernizado e ampliado. Também houve a criação de novos cursos como o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas (BACH), o bacharelado interdisciplinar em Ciências Exatas, o bacharelado interdisciplinar de Artes e Design, além de ampliar o número de vagas em cursos já existentes.

Um dos principais programas do governo foi o Prouni, cuja finalidade é a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica. O programa foi instituído pelo Governo Federal no ano de 2004. A Lei nº 11.096 de 13 de janeiro de 2005 (BRASIL, 2005) institucionalizou o programa e oferece, para as IES, isenção de tributos por adotarem o Programa. O Prouni atende a estudantes egressos do ensino médio da rede pública ou bolsistas de estabelecimentos particulares, condicionados à renda familiar de três salários mínimos per capita.

Diferente de outros programas de governos anteriores, que estavam relacionados mais ao financiamento estudantil, como o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), do que com a acessibilidade ao ensino superior, o Prouni possui ações para auxiliar na permanência dos estudantes, oferecendo a Bolsa Permanência, convênios de estágio com MEC e a Caixa Econômica Federal, além de, em alguns casos, funcionar conjugado com o Fies, o que possibilitaria ao bolsista parcial financiar 100% das mensalidades de seu curso.

Essas ações propiciaram um cenário favorável ao crescimento do ensino superior em Juiz de Fora, que além de ser uma cidade importante na região, em termos de infraestrutura e localização, o município se consolida como uma referência em relação à educação superior.

## 2.3 O UNIVERSO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA: ENTENDENDO UM POUCO A INSTITUIÇÃO

A criação da UFJF está intimamente ligada à origem do ensino superior em Juiz de Fora. Como já mencionado anteriormente, a Universidade Federal de Juiz de Fora surgiu após a junção das Faculdades de Farmácia e Odontologia, Engenharia, Direito, Medicina e Ciências Econômicas em 1960. A Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora (Fafile) foi agregada a UFJF apenas em 20 de março de 1962, com a incorporação definitiva em 1966. Apesar das incorporações, as faculdades, durante um período de tempo, permaneceram em locais diversos na cidade. A Figura 2, abaixo ilustra a Faculdade de Filosofia de Juiz de Fora em 1968, já incorporada à UFJF e situada na Avenida Barão do Rio Branco, nº 3.372.

Figura 3 – Faculdade de Filosofia de Juiz de Fora

Fonte: Autoria provável Antônio Dornellas ou Jorge Couri[4]

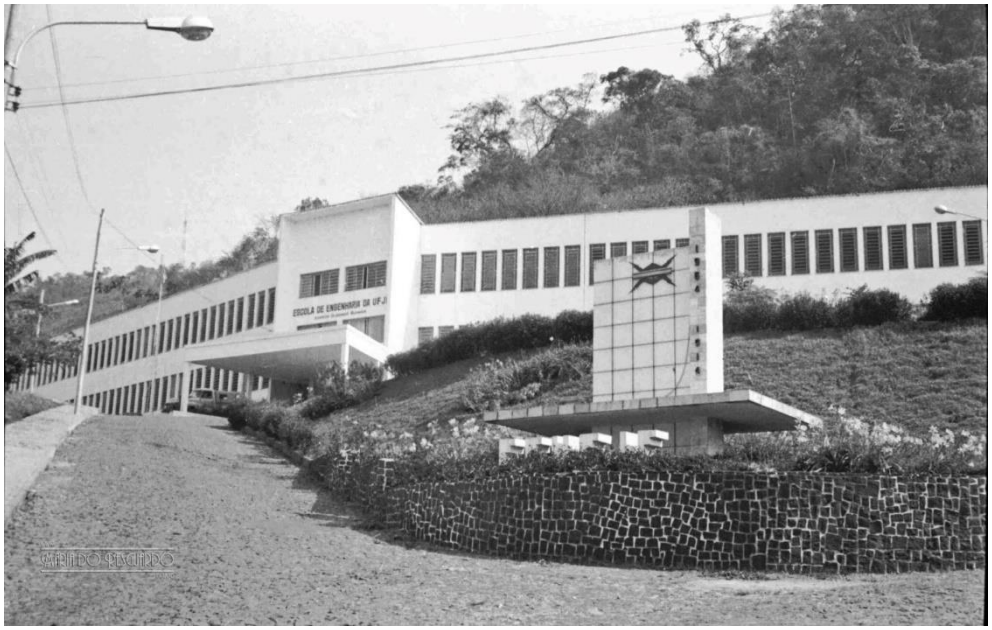
Atualmente, o prédio se mantém conservado e abriga a Casa de Cultura, órgão vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora.

---

[4] Disponível em: <http://www.mariadoresguardo.com.br/2016/04/faculdade-de-filosofia-da-ufjf-av-rio.html>.

A Escola de Engenharia da UFJF funcionou no prédio que atualmente abriga o Colégio de Aplicação João XXIII como mostra a Figura 4 abaixo.

Figura 4 – Escola de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora



Fonte: Autoria provável: Antonio Dornellas ou Jorge Couri[5]

Devido a sua grande extensão, os cursos oferecidos foram distribuídos entre as diversas unidades do *campus*. A Fafile teve sua estrutura modificada, como menciona Yazbeck (1999), para atender à nova legislação de ensino, a Lei nº 5540 de 28 de novembro de 1968 que fixou normas de organização e funcionamento do ensino superior. Ainda em meados de 1970, a instituição passou a contar com três institutos básicos: o Instituto de Ciências Exatas (ICE), Instituto de Ciências Biológicas (ICB) e Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL).

As exigências legais para a incorporação da Fafile à universidade, os cursos existentes – Geografia, Letras, Filosofia, Matemática e Ciências Biológicas, Ciências Sociais e História – foram incluídos aos Institutos Básicos e receberam o nome genérico de Cursos de Licenciatura. O curso de Jornalismo se enquadrou em um dos departamentos da Faculdade de Direito, quando posteriormente foi criada a Faculdade de Comunicação Social, que abrigou o curso em seu prédio próprio.

[5] Disponível em: <http://www.mariadoresguardo.com.br/2016/04/escola-de-engenharia-da-ufjf-rua.html>.

Conforme destaca Yazbeck (1999), a Faculdade de Educação pode ser considerada a sucessora da Fafile com a incumbência de ministrar o curso de Pedagogia, oferecendo formação pedagógica aos cursos de Licenciatura e também destinada a formar o especialista em Educação.

Desde a sua fundação até o período atual, a UFJF passou por grandes transformações. Novos cursos foram criados e os antigos ampliados. O Reuni foi responsável pela ampliação do número de cursos e também de vagas ofertadas. Segundo dados fornecidos pela UFJF, no segundo semestre do ano 2000 a instituição possuía um quantitativo de 8.914 matrículas ativas, número esse que salta para 17.910 durante o segundo semestre de 2015.

Esse incremento se deu principalmente com a criação da modalidade de educação à distância (EAD), estendendo a influência da instituição para outras regiões do estado de Minas Gerais e também da criação dos bacharelados interdisciplinares de ciências Exatas e ciências Humanas, que passaram a ser os cursos que ofereciam mais vagas em seus processos seletivos.

Atualmente a UFJF oferece 93 opções de cursos de graduação. Pelo campus da UFJF circulam diariamente mais de 20 mil alunos, sem contar os cerca de três mil estudantes da educação à distância, uma vez que essa é uma modalidade também oferecida. Além dos cursos de graduação, a instituição possui cursos de pós-graduação na modalidade *latu sensu,* que é um sistema organizado de cursos e programas destinados aos diplomados em cursos de Graduação, com objetivo de visar profissionais altamente qualificados no campo técnico-profissional.

Nesse sistema, são englobados os cursos de Especialização, Master in Business Administration (MBA) e Residências. Os cursos *latu sensu* da UFJF são oferecidos nas modalidades à distância e presencial. Existem também cursos de formação continuada englobando os de Aperfeiçoamento, de Atualização, de Iniciação, de Treinamento Profissional, bem como os demais que lhes sejam congêneres.

Também são oferecidos cursos *stricto sensu,* em termos de pós-graduação. É importante destacar que Stricto-sensu é a denominação dos programas de pós-graduação que ofertam cursos de mestrado e doutorado. Na UFJF, são trinta cursos de mestrado acadêmico, seis mestrados profissionais e dezessete doutorados.

## 2.4 A UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA E SUA IMPORTÂNCIA PARA JUIZ DE FORA: O PAPEL DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL EM UMA CIDADE MÉDIA

É notável a relevância da Universidade Federal de Juiz de Fora para a cidade, por ser uma instituição federal, que possui um grande campus, relevância econômica para cidade, iremos realizar uma análise sobre seu papel na cidade enfatizando os aspectos espaciais concernentes ao seu campus e também alguns aspectos econômicos causados por sua atuação na cidade.

### 2.4.1 O modelo de campus da Universidade Federal de Juiz de Fora

Conforme abordamos anteriormente, Juiz de Fora é uma cidade que ocupa uma posição de destaque em rua região. Em relação à grande oferta de serviços educacionais, sobretudo àqueles voltados para a educação superior, Juiz de Fora tem sido considerada pelo senso comum como uma cidade universitária. Entretanto, apesar da importância da UFJF e de outras instituições na cidade, não podemos aqui classificar a cidade como tal, nem nos cabe nesse trabalho realizar essa tentativa.

Podemos destacar as universidades como agentes (re) estruturantes das cidades, como aponta (BAUMGARTNER, 2015). Para o autor, uma universidade pública afeta diretamente as dinâmicas urbanas regionais de cidades médias e pequenas, pois se trata de uma estratégia governamental de promoção do desenvolvimento, que atua diretamente no emprego de diversos profissionais e também na melhoria dos padrões educacionais.

Juiz de Fora sempre possuiu um grande fluxo de pessoas e mercadorias, desde sua fundação com a atualização do Caminho Novo até os dias de atuais, com uma infraestrutura interessante, pois conta com malha viária e ferroviária, o que contribuiu para o escoamento e dinamismo da produção da cidade. Esses fatores que sempre fizeram parte do cotidiano juiz-forano podem, de certo modo, dificultar uma análise mais específica com relação aos impactos da UFJF na cidade.

Concordamos com Baumgartner (2015) ao destacar que a influência das universidades públicas deve ser observada de acordo com o porte das cidades. Aquelas que possuem maior porte e nas regiões economicamente ativas, a população local não percebe grandes mudanças em seu cotidiano. Porém nas cidades menores e em áreas menos dinâmicas, a instalação de uma universidade pública contribui para o desenvolvimento econômico da região. No entanto, esse desenvolvimento encontra ou pode encontrar um problema: a demanda de serviços que a população local muitas vezes não possui condições para absorver, seja por falta de qualificação ou por dificuldades financeiras.

Nesse sentido, esses novos serviços exigidos, acabam por serem oferecidos por empresas “de fora” ou por pessoas de outras localidades que abrem empresas na cidade e contratam a população local oferecendo geralmente baixos salários.

Esse obviamente não é o caso da cidade de Juiz de Fora e sua universidade federal, mas, em termos gerais, podemos dizer que “as universidades, além de contribuírem para o desenvolvimento educacional e cultural, acabam por se constituir grandes agentes econômicos e políticos e, consequentemente, com participação ativa no processo de produção do espaço urbano” (BAUMGARTNER, 2015, p. 18).

A implantação da UFJF no município trouxe grandes modificações para a cidade, sobretudo com relação à região em que se encontra o campus universitário: a zona oeste da cidade. Apesar de ter sido oficialmente regulamentada em 1960, o *campus* da Universidade Federal de Juiz de Fora foi projetado em 1965 por Arthur Arcuri, figura renomada no cenário mundial devido a projetos ousados e pioneiros no modernismo. Arcuri era engenheiro e arquiteto, juiz-forano, formado pela Escola Nacional no Rio de Janeiro.

O terreno o qual serviu de sede para UFJF foi doado pela prefeitura e possuía uma área de 831.610 localizado no bairro Martelos. A Figura 5 ilustra a área pertencente a UFJF, bem como a presença de algumas estruturas e prédios já erguidos durante esse período.

Figura 5 – Campus da Universidade Federal de Juiz de Fora

Fonte: Universidade Federal de Juiz de Fora, c2017[6]

O projeto de campus da UFJF possui uma proposta modernista e por campus entendemos ser uma

> [...] extensão de terreno que pode estar isolada da trama urbana ou nela estar inserida. Neste local, demarcado e limitado, levantam-se os edifícios das instituições de educação superior. Através de sua configuração espacial atende-se a funções específicas dentro de cada área destas instituições. (MAGALHÃES, 2014, p. 13).

O modelo de campus universitário brasileiro foi inspirado nos moldes americanos, como destaca Baumgartner (2015) e Magalhães (2014). O campus seria como uma unidade autônoma, “com um núcleo com a capacidade de oferecer ensino, mas também de abrigar centros de pesquisa, acolher alunos e professores, oferecer, enfim, todos os serviços que qualquer cidade oferece.” (MAGALHÃES, 2014, p. 23)

Daí a origem provável do termo “cidade universitária”, que batiza inclusive o bairro onde se situa a UFJF. “No Brasil, o termo cidade universitária se refere notadamente a um espaço interno da cidade, um ‘bairro’, onde está localizado o campus universitário” (BAUMGARTNER, 2015, p. 3). Na realidade, a Universidade Federal de Juiz de Fora encontra-se na região oeste da cidade, entre os bairros São Pedro e Dom Bosco, como citado anteriormente, e a área de entorno mais próxima ao campus recebe esse nome o de Cidade Universitária.

O projeto de campus da UFJF acompanhou o modelo do campus brasileiros, que oferecem serviços restritos e deficientes, mesmo os maiores, como

[6] Disponível em: <http://www.ufjf.br/ufjf/sobre/historia/>.

destaca Magalhães (2014). Os alojamentos oferecem poucas vagas e não existe moradia para os professores. Em relação ao transporte, apenas em dias úteis e em períodos letivos funciona com regularidade. Essa realidade apresentada pelo autor também está presente em Juiz de Fora. Por não serem autossuficientes, os campi dependem muito das cidades em que estão instalados e o uso do termo “cidade universitária” não passa como uma aspiração não concretizada (MAGALHÃES, 2014, p. 23).

Apesar dos modelos de campus ser inspirados nesse ideário autônomo, o modelo mais apropriado seria o campus integrado. Para o autor, esse tipo de construção “trata-se de um território fechado, com administração independente e que abriga espaços de ensino, aprendizagem e pesquisa. Reúnem alguns poucos serviços fundamentais como refeitórios, farmácias, reprografia, papelaria e praticamente só isso” (MAGALHÃES, 2014, p. 23).

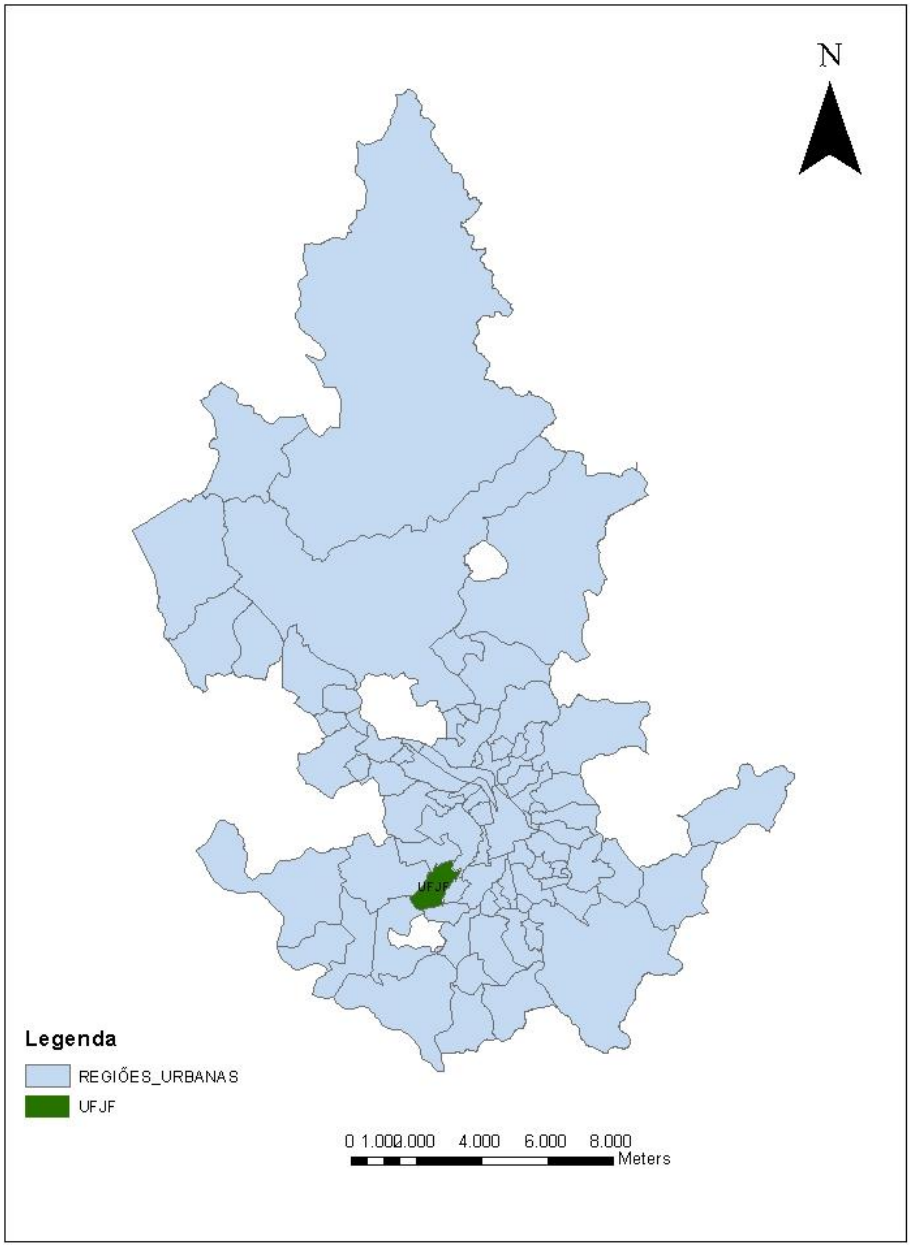
Diante dessas características, concordamos com o autor ao classificar a UFJF como uma instituição que adotou esse tipo de organização espacial. O modelo observado é bastante aplicado nas universidades portuguesas e também nas latino-americanas.

Apesar de ser um espaço aparentemente limitado, oferecendo alguns serviços básicos, como agências bancárias para atender alunos e funcionários, farmácia de manipulação, reprografia, um restaurante particular e um restaurante universitário (RU), o campus da UFJF é um espaço que modificou a cidade, tanto do ponto de vista espacial, com a construção do campus e alterações no fluxo do bairro, como também é uma área de lazer utilizadapela população residente do entorno, e pelos alunos. Em relação às questões espaciais referentes à UFJF, o seu campus pode ser entendido como um elemento singular na paisagem. A área destacada no mapa anterior, a qual está inserida a UFJF, fica relativamente distante do centro da cidade, algo que acompanha o modelo do campus, pois na maioria das universidades que adotam esse perfil, seus campi encontram-se em grandes áreas, preferencialmente nas periferias da cidade.

### 2.4.2 Da localização do campus

A localização do campus atualmente é bastante interessante (Mapa 2) no que tange à questão do transporte. Como citado anteriormente, na maioria das universidades brasileiras essa questão é recorrente e faltam linhas de ônibus em dias de feriados, recessos e férias escolares, dificultando o acesso ao campus nesses períodos. Durante o semestre a instituição é bem servida de linhas de ônibus, como veremos a diante o que é um ponto positivo para alunos que não dispõe de veículos próprios para seu deslocamento.

Mapa 2 – Localização da Universidade Federal de Juiz de Fora




Fonte: A autora, 2017.

A UFJF conta com algumas linhas que circulam dentro do campus. Essas linhas durante estes períodos (férias, por exemplo) se tornam escassas ou são desativadas temporariamente. Atualmente, o campus possui 19 linhas que circulam próximas à entrada da universidade; dessas, 4 linhas específicas servem o interior do campus e levam o nome de “Universidade”. São elas: 525 e 545 que sobem para o campus pela Avenida Itamar Franco; a linha 525 desce para o centro pelo Morro da Glória (saída pelo São Pedro) e 545 pela Itamar Franco, perfazendo um trajeto

menor em relação às outras. Ainda temos as linhas 535 que sobe para o campus pelo Morro da Glória (saída pelo São Pedro) e desce para o centro pela Av. Itamar Franco e a linha 555 fazendo o trajeto para o campus por meio do São Pedro, indo em direção ao centro da cidade pelo Morro da Glória, mas com percurso maior, pois serve a mais bairros.

Existem ainda as linhas expressas, que são aquelas que fazem um longo trajeto até a UFJF não passando pelo centro da cidade. A linha 755 denominada UFJF - Zona Norte-UFJF é a que possui o trajeto mais longo, pois inicia sua viagem na Zona Norte, pelo bairro Benfica, percorrendo a Avenida JK em direção à zona oeste da cidade. Em certo ponto do trajeto, a linha passa a não mais aceitar o embarque e desembarque dos passageiros.

A linha 190 e 590 atendem a zona sul da cidade, passando pelo bairro Santa Luzia e indo em direção ao Cascatinha para acessar o pórtico Sul. Essa linha, assim como a 755, também atende ao Hospital Universitário no bairro Dom Orione. Porém, diferente da que serve a Zona Norte, a linha da Zona Sul não percorre os institutos do campus, apenas passa pelo anel viário da UFJF.

As demais linhas ligam o Centro aos bairros da Cidade Alta. Algumas passam por dentro do campus, na ida ou na volta, e outras têm paradas próximas às entradas da Universidade. São elas: linhas do bairro São Pedro (532, 533, 540, 541 e 599), Santos Dumont (534 e 539), Lagoa (542), Recanto dos Brugger (544), N. S. Fátima (547), Adolfo Vireque (548) e Nova Germânia (549).

Essa praticidade de acesso ao campus se deve principalmente a abertura da Avenida Itamar Franco, outrora denominada Independência, e que inicialmente se chamaria Avenida 05 de julho. A avenida em questão tem o seu início no viaduto Augusto Franco e segue até o pórtico sul da UFJF.

A Avenida Itamar Franco foi de extrema importância para o desenvolvimento da Zona Sul da cidade, como salienta A. S. R. Rodrigues (2013). Ademais, foi um contribuinte para o desenvolvimento da zona sul e também contribuiu para o crescimento da zona oeste, uma vez que, por meio do acesso ao campus via Avenida Itamar Franco, o trajeto em direção à cidade alta (zona oeste) se tornou mais rápido.

Devido a essa facilidade de locomoção, os estudantes da UFJF utilizam também como forma de acesso ao campus essas linhas que circulam por ele. Tal situação tem gerado alguns debates em relação ao transporte público que serve a

UFJF.

Diversas já foram às reclamações com relação a esse uso. Em reportagem vinculada pelo jornal Diário Regional em 7 de junho de 2016 (CARVALHO, 2016), os universitários questionam o número de ônibus disponíveis para a UFJF.

Esse questionamento já é uma pauta antiga, tendo em vista que é possível encontrar reportagens sobre este tema desde o ano de 2010 em publicações feitas na internet. A situação mais relatada em nossas pesquisas é a de moradores prejudicados, pois não conseguem utilizar os ônibus que atendem a Cidade Alta. Os mesmos estariam sempre cheios de universitários, gerando algumas situações, como não conseguir mais embarcar devido à superlotação.

Por outro lado, estudantes se vêem na mesma situação, necessitando do transporte e utilizando ônibus sempre superlotados; às vezes não conseguem embarcar naqueles que fazem o percurso no interior do campus e por isso utilizam as linhas que fazem o entorno da universidade, mas que em muitos casos os deixam distantes dos seus institutos, que ficam espalhados pelo interior do campus.

Na reportagem vinculada (CARVALHO, 2016), há o relato de uma estudante de direito, no qual envolveu um cobrador e um motorista de uma das linhas que servem o entorno da UFJF. Na ocasião, já no primeiro ponto da Avenida Itamar Franco, o ônibus estava superlotado, e a estudante havia conseguido chegar apenas até a roleta. Dois pontos à frente, na mesma avenida, o motorista desligou o motor e o cobrador disse que não sairia com o ônibus enquanto os moradores do bairro não conseguissem entrar.

A partir de então, segundo a estudante, os passageiros do ônibus teriam se exaltado com a situação. Os passageiros alegavam não haver espaço para novos passageiros, mesmo assim o motorista continuou parando o ônibus por cerca de sete a dez minutos em cada ponto, pois sempre havia moradores do bairro. Alguns estudantes, segundo o relato, se sentiram coagidos e desceram do coletivo, apesar de terem efetuado o pagamento da passagem. Em decorrência do fato, a estudante acionou a Policia Militar (PM), pelo não cumprimento da relação de consumo.

Sobre as reclamações relacionadas à insuficiência de ônibus, a Settra (Secretaria de Transporte e Trânsito) de Juiz de Fora informou que

> [...] “com o encerramento da licitação, o sistema de transporte público vai ser modificado gradativamente e todas as regiões da cidade serão contempladas. A previsão é que, já a partir do mês de agosto, mais de 100 ônibus novos passem a integrar a frota de ônibus, melhorando o atendimento. A licitação também prevê wi-fi, bilhete único, entre outros itens que vão trazer mais conforto aos usuários”. A UFJF também se manifestou e informou que “a administração superior se sensibiliza com a situação e diz que irá voltar a solicitar à Prefeitura alguma solução para o caso”. (CARVALHO, 2016)[7].

Apesar desses inconvenientes, a UFJF está bem servida no quesito linhas de ônibus. Cabe ressaltar que a cada ano novos estudantes ingressam na instituição, o que aumenta a demanda por transporte público em direção à universidade. Além disso, foram implantadas linhas internas que circulam pelo campus entre os institutos. O maior problema em relação ao transporte acontece nos horários de pico, das 18 às 21 horas, quando a população residente nos bairros começa a retornar para suas casas e também há o início das aulas nos cursos noturnos. Fora dessa faixa de horários, é comum os ônibus rodarem mais vazios, o que revela que essa questão do transporte universitário perpassa apenas a questão de número de linhas, tema que ultrapassa nossas discussões e que, portanto, não será tratado aqui com maior aprofundamento.

### 2.4.3 O campus como um equipamento de lazer

O campus de uma universidade, além de ser “um equipamento singular” no meio urbano, como ressalta Magalhães (2014) é também um equipamento de lazer. Durante anos muitas pessoas o utilizam como um espaço de tranquilidade para realizar piqueniques, andar de bicicletas e patins, ouvir música, namorar.

Por equipamentos de lazer entendemos espaços que são construídos para a finalidade de se realizar alguma prática de lazer. Apesar do campus não ter sido projetado com essa finalidade fim, alguns locais em seu interior foram criados para que a grande área que abriga a universidade também oferecesse momentos de descontração e lazer.

Marcellino e outros (2007) destacam a cidade, ou seja, o espaço urbano,

---

[7] Disponível em: <http://www.diarioregionaljf.com.br/cidade/3949-universitarios-questionam-numero-de-onibus-disponiveis-para-a-ufjf>.

como um equipamento de lazer, por reunir as condições necessárias para a sua efetivação. Logo, se o tecido urbano pode ser considerado um equipamento de lazer, um campus universitário que agregue tais características, como o campus da UFJF, também pode ser considerado como tal.

Atualmente o campus da UFJF proporciona a quem o visita algumas áreas de lazer, tais como: jardim sensorial, pista de skate, ciclovia, bicicletário, academia ao ar livre, parque infantil, área para caminhada e pista de corrida, complexo esportivo com piscinas, quadras e academia de musculação. Para utilização dos recursos do complexo esportivo, existem programas de extensão abertos ao público em geral, promovidos pela Faculdade de Educação Física (Faefid), são oferecidos pela faculdade aulas de ginástica, musculação, natação e outras. Além destes, o campus conta com área para shows e apresentações (concha acústica), centro de vivência e disponibilização do infocentro sito na biblioteca central para a comunidade externa a UFJF.

Podemos dizer que o campus da UFJF é um excelente local para a prática do lazer, sendo democrático e aberto ao público em geral todos os dias da semana. Uma iniciativa recente que tem como intuito tornar o campus ainda mais integrado com as comunidades do entorno da UFJF é o retorno do projeto “Domingo no campus”, com a proposta de que a universidade seja inclusiva e relevante.

### 2.4.4 A importância da Universidade Federal de Juiz de Fora nas questões econômicas de Juiz de Fora

Contando com mais de 17 mil alunos matriculados na instituição, o número de pessoas circulando pelo campus chega a ser maior que muitas cidades do interior. Ressaltamos que essa rede de fluxos e fixos impacta em certos aspectos a cidade de Juiz de Fora, com especial destaque para a migração de estudantes de diversas partes do estado e do Brasil para a cidade em estudo. Segundo dados obtidos por meio de reportagem vinculada no site da UFJF pelo setor de comunicação em 3 de fevereiro de 2015, mais da metade dos estudantes aprovados no processo de Seleção Unificada (Sisu) são oriundos de outros municípios (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE

ENSINO SUPERIOR, 2014).

O movimento de migração estudantil entendido como um novo fluxo, conforme Santos (2006) aborda, recria condições ambientais e sociais redefinindo um lugar. No momento, não possuímos dados precisos em relação ao número de estudantes migrantes na cidade de Juiz de Fora, mas é fato que a população da cidade cresceu muito.

Segundo dados do IBGE fornecidos pela prefeitura de Juiz de Fora, observamos um aumento significativo da população que cresceu em torno de 120% desde 1970 até 2012, segundo estimativas. A Tabela 1 abaixo demonstra o crescimento populacional de Juiz de Fora.

Tabela 1 – Crescimento populacional de Juiz de Fora

| População residente | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **Ano** | **Total** | **Homens** | **Mulheres** | **Urbana %** | **Rural %** |
| 1970 | 238.510 | – | – | 92,40 | 7,60 |
| 1980 | 307.525 | – | – | 98,10 | 1,90 |
| 1991 | 385.996 | 184.385 | 201.611 | 98,51 | 1,49 |
| 1996 | 424.479 | 202.473 | 222.006 | 98,76 | 1,24 |
| 2000 | 456.796 | 217.411 | 239.385 | 99,17 | 0,83 |
| 2002* | 471.693 | – | – | – | – |
| 2005* | 501.153 | – | – | – | – |
| 2006* | 509.125 | – | – | – | – |
| 2010 | 516.247 | 244.024 | 272.223 | 98,90 | 1,13 |
| 2012* | 525.225 | – | – | – | – |
| * estimativas | | | | | |

Fonte: Juiz de Fora, c2016[8]

Em reportagem veiculada no jornal Tribuna de Minas em 28 de abril de 2012, desse total de habitantes divulgado pelo IBGE um terço é oriundo de outras cidades. A cidade conta com 516.247 habitantes, mas 173.209 nasceram em outros municípios, o que representa 33,5% da população (SANGLARD; ARÊAS, 2012).

[8] Disponível em: <www.pjf.mg.gov.br/populacao>

Esse número pode ser maior, diz a então, supervisora de Disseminação de Informações do IBGE em Minas, Luciene Longo, pois não é levada em conta a maioria dos estudantes de fora. Isso porque as pessoas que têm família em outras cidades, mas vivem em Juiz de Fora e fazem uso da rede de ensino local, normalmente, são contabilizadas como habitantes dos municípios onde seus pais residem. Por isso, o número de pessoas de fora que estão presentes no dia a dia da cidade é ainda maior (SANGLARD; ARÊAS, 2012).

Entretanto, apesar de não serem totalmente computados no censo, os estudantes oriundos de outros municípios somam uma parcela que impacta significativamente a cidade de Juiz de Fora. Podemos destacar o setor de comércio e serviços como um dos afetados por essa população.

Os jovens universitários, principalmente os migrantes, movimentam consideravelmente o comércio, o lazer e o setor imobiliário da cidade. Muitos estudantes residem próximos ao entorno da UFJF, o que dinamiza o comércio local.

O bairro São Pedro vem se modernizando ao longo do tempo, como era de se esperar, pois com a implantação da UFJF e, posteriormente, o plano diretor em 1970, a zona oeste passou a ser como um vetor de crescimento. Uma das respostas ao crescimento da região é a implantação de novos equipamentos e serviços no bairro. Bem próximo à entrada do campus foi inaugurado, em 2011, um hipermercado. Algum tempo depois, uma nova agência do banco Caixa Econômica foi aberta a poucos metros do pórtico Norte. Além desses dois estabelecimentos, muitos bares, restaurantes e lanchonetes foram abertos nas proximidades.

Saindo em direção ao centro da cidade, temos a inauguração do Shopping Independência, que não está diretamente ligada ao crescimento do número de estudantes universitários, mas também é utilizado como um equipamento de lazer por este público.

A Figura 6 ilustra uma promoção que é oferecida por esse shopping. Visando atrair ao público universitário e demais estudantes da cidade é criada a promoção “Terça universitária”.

Figura 6 – Promoção “dia do universitário”

Fonte: “TERÇA universitária”, c2017[9]

A “terça universitária” não é exclusividade apenas deste estabelecimento em Juiz de Fora; também ocorre em outros cinemas, porém o termo “universitária” pode ser entendido como uma estratégia de marketing, tendo em vista que todo estudante tem direito a meia entrada em cinemas, salas de espetáculo e outras. De acordo com o artigo 1º da Lei nº 12.933, de 26 de dezembro de 2013 (BRASIL, 2013), dispõe o benefício do pagamento de meia-entrada para estudantes, idosos, pessoas com deficiência e jovens de 15 a 29 anos comprovadamente carentes em

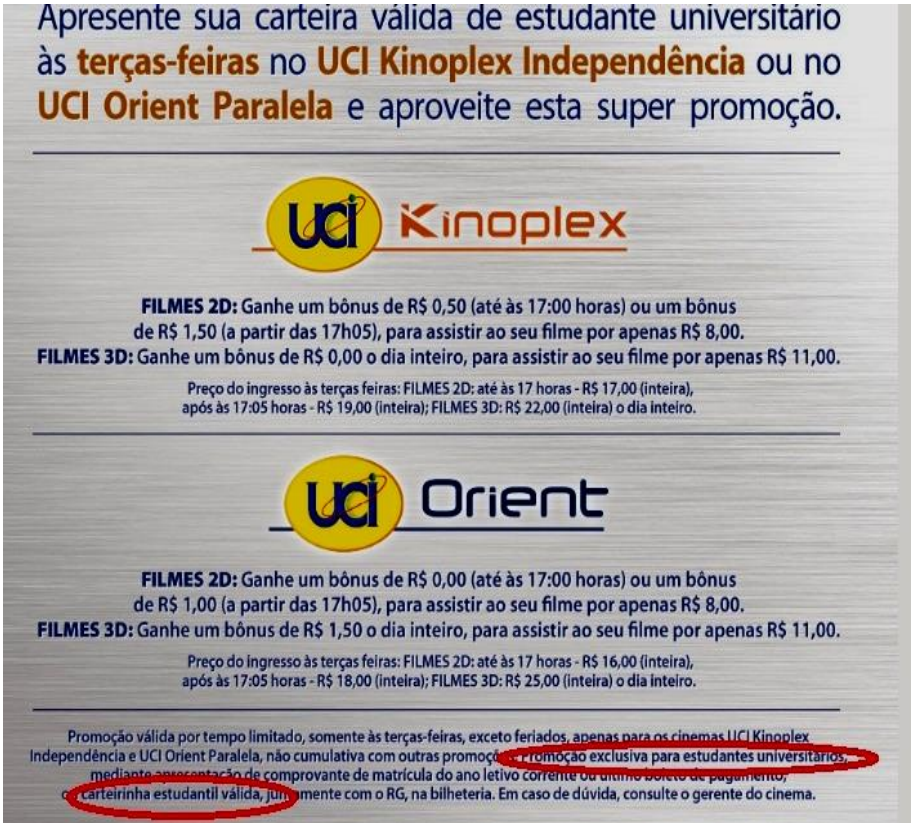
[9] Disponível em: <http://www.ucicinemas.com.br/terca_universitaria>.

espetáculos artístico-culturais e esportivos, e revoga a Medida Provisória nº 2.208, de 17 de agosto de 2001.

> Art. 1º É assegurado aos estudantes o acesso a salas de cinema, cineclubes, teatros, espetáculos musicais e circenses e eventos educativos, esportivos, de lazer e de entretenimento, em todo o território nacional, promovidos por quaisquer entidades e realizados em estabelecimentos públicos ou particulares, mediante pagamento da metade do preço do ingresso efetivamente cobrado do público em geral. (BRASIL, 2013, p. 4).

Tomando conhecimento da legislação pertinente ao tema, percebemos que tal propaganda se trata realmente de uma estratégia mercadológica, pois se todo estudante - universitário ou não - tem direito a meia entrada por lei, qual seria a finalidade de se criar um dia específico para o universitário? A seguir temos a Figura 7 que apresenta as regras para participar da promoção.

Figura 7 – Regras da promoção “Terça universitária”




Fonte: “TERÇA universitária”, c2017[10]

[10] Disponível em: <http://www.ucicinemas.com.br/terca_universitaria>.

Nota-se que a promoção é exclusiva para estudantes universitários segundo informação destacada na imagem. Podemos dizer que um aspecto positivo da promoção é desburocratizar esse acesso para os estudantes universitários, uma vez que para comprovar a sua condição são aceitos desde boletos do último pagamento à carteira estudantil. Porém, fazendo uso das carteiras permitidas em lei, o estudante teria acesso à meia entrada em qualquer dia da semana.

Retornando à questão das migrações universitárias, um levantamento realizado pela UFJF constatou que 15% dos calouros são de outros estados. Em 2013, 1.293 estudantes eram oriundos de outros municípios, o que representava quase metade dos aprovados no Sistema de Seleção Unificada (Sisu).

A mobilidade destes estudantes traz impactos para o setor de serviços na cidade, tanto que no ano de 2015 a possibilidade de suspensão do segundo semestre letivo da UFJF gerou apreensão em comerciantes e empresários do ramo imobiliário, como sinaliza reportagem vinculada em 29 de julho de 2015 pelo G1 (ANTUNES, 2015). Em conversa com a equipe da reportagem, o proprietário de um restaurante, situado nos arredores da instituição no bairro São Pedro, relatou que estimava uma redução de até 50% no movimento dos estudantes, o que traria prejuízos, pois o seu maior público são os universitários da UFJF. A seguir, o relato do empresário extraído da reportagem

> A suspensão complica ainda mais se os professores decidirem também paralisarem. Com a greve dos servidores não sentimos porque continuou a movimentação na UFJF. Além do mais, com o Restaurante Universitário (RU) parado, as pessoas foram forçadas a procurarem outras opções de alimentação próxima ao campus. Mas sem os alunos complica", contou. (Daniel Rocha, proprietário de restaurante). (ANTUNES, 2015)[11].

Outro setor que pode ser afetado é o mercado imobiliário, conforme o presidente da Associação Juiz-forana das Administradoras de Imóveis (Ajadi), Antônio Dias. "De imediato, pode não existir um impacto, mas a gente sabe que haverá uma consequência, com certeza. Só não se consegue ainda estimar a proporção. Os universitários representam um público significativo que atendemos. A decisão da suspensão do calendário interfere na vida de muitas pessoas e em muitos negócios".

---

[11] Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2015/07/suspensao-do-2-semestre-letivo-da-ufjf-deve-afetar-economia-de-cidade.html>.

Devido à grande presença de estudantes universitários na cidade, com especial destaque aos da UFJF, o mercado cada vez mais observa esse público como um potencial consumidor dos mais variados produtos.

Essa visão dos empreendedores em relação a esta parcela da população faz com que a economia da cidade se torne dinâmica e propensa a novas atividades. Prova disso é a consolidação das empresas gerenciadoras de fundo de formatura, as quais chegam a movimentar milhões por ano, e que surgiram do vislumbramento de novos serviços para novas demandas emergentes.

Nos próximos capítulos, iremos abordar o que são estas empresas e sua relação com a apropriação mercadológica de alguns elementos da cultura universitária.

# 3 O ENSINO SUPERIOR E O ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO

Nesta seção, para melhor compreender o universo, o qual estamos mergulhados, se faz necessário delinear o perfil dos estudantes universitários e suas relações com a Universidade. Nossa investigação nesse tópico nos faz refletir sobre as mudanças ocorridas no perfil dos graduandos e da universidade e compreender alguns dos elementos que permeiam o “mundo” universitário, como as expectativas de ingresso em uma instituição de ensino superior federal, a cultura em torno do estudante universitário e a ritualização na Universidade.

## 3.1 DADOS GERAIS SOBRE OS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS

Em agosto de 2016, a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) divulgou um estudo realizado com estudantes de instituições de ensino superior federais de todo o Brasil. A pesquisa intitulada “*IV Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras – 2014*”, que contou com um universo (população) de 939.604 alunos matriculados em instituições federais de ensino superior (IFES) brasileiras. Desses, foram utilizados uma amostra de aproximadamente 14%, ou seja, participaram efetivamente da pesquisa 130.959 estudantes de IFES do Brasil (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR, 2016). A Tabela 2, a seguir, representa o universo dos estudantes participantes da pesquisa.

Tabela 2 – Universo dos Estudantes de Graduação por IFES participantes da IV Pesquisa, 2014

| IFES | Centro Oeste |
|---|---|
| UFG | 23.959 |
| UFGD | 6.167 |
| UFMS | 18.883 |
| UFMT | 20.207 |
| UNB | 30.278 |
| **Total** | **99.494** |

| IFES | Nordeste |
|---|---|
| UFAL | 26.493 |
| UFBA | 25.837 |
| UFC | 22.086 |
| UFCA | 2.089 |
| UFCG | 15.280 |
| UFERSA | 8.568 |
| UFESBA | 297 |
| UFMA | 22.335 |
| UFPB | 30.969 |
| UFPE | 31.768 |
| UFPI | 23.477 |
| UFRB | 7.859 |
| UFRN | 20.588 |
| UFRPE | 11.959 |
| UFS | 6.856 |
| UNILAB | 2.469 |
| UNIVASF | 6.154 |
| **Total** | **265.084** |

| IFES | Norte |
|---|---|
| UFAC | 11.717 |
| UFAM | 28.046 |
| UFOPA | 6.966 |
| UFPA | 28.765 |
| UFRA | 4.498 |
| UFRR | 6.767 |
| UFT | 14.938 |
| UNIFAP | 7.371 |
| UNIFESSPA | 3.711 |
| UNIR | 8.408 |
| **Total** | **121.187** |

| IFES | Sudeste |
|---|---|
| CEFET-MG | 4.968 |
| CEFET/RJ | 4.043 |
| UFABC | 8814 |
| UFF | 38.231 |
| UFJF | 15.823 |
| UFLA | 9.225 |
| UFMG | 32.164 |
| UFOP | 13.602 |
| UFRJ | 42.541 |
| UFRRJ | 13.804 |
| UFSCAR | 12.953 |
| UFSJ | 11.384 |
| UFTM | 4.679 |
| UFU | 22.262 |
| UFV | 13.209 |
| UFVJM | 8.149 |
| UNIFAL-MG | 6.127 |
| UNIFEI | 5.817 |
| UNIFESP | 9.982 |
| UNIRIO | 9.310 |
| **Total** | **287.087** |

| IFES | Sul |
|---|---|
| FURG | 8.578 |
| UFFS | 6.913 |
| UFPEL | 15.340 |
| UFPR | 26.860 |
| UFRGS | 28.900 |
| UFSC | 29.270 |
| UFSM | 18.136 |
| UNILA | 1.412 |
| UNIPAMPA | 9.331 |
| UTFPR | 22.012 |
| **Total** | **166.752** |

Fonte: Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, 2016

O estudo revela uma mudança no perfil do estudante universitário brasileiro. Constatou-se que a composição dos estudantes de IFES está se modificando na direção da composição social do país. A maior parte dos estudantes matriculados em IFES são mulheres, de classes populares e negras.

Mais do que isso, vemos mudar a cor dos cursos. Mesmo os mais concorridos sentem a presença negra. A universidade veste-se de povo. Entretanto, o melhor legado ainda está por vir. Serão estes negros e negras que tornarão igualmente diverso étnica e racialmente o mercado de trabalho para as profissões mais bem remuneradas. Racismos velados e preconceitos históricos se verão em xeque (SILVA, 2014, p. 16).

Sobre o perfil básico dos estudantes de Ifes brasileiras, a maior

concentração está na região Sudeste com 30,55% e menor concentração encontra-se no Centro-Oeste com 10,59%. A faixa etária dos estudantes, conforme observamos na tabela abaixo, mostra uma maior concentração daqueles que se apresentam dos 18 aos 24 anos em todas as regiões brasileiras.

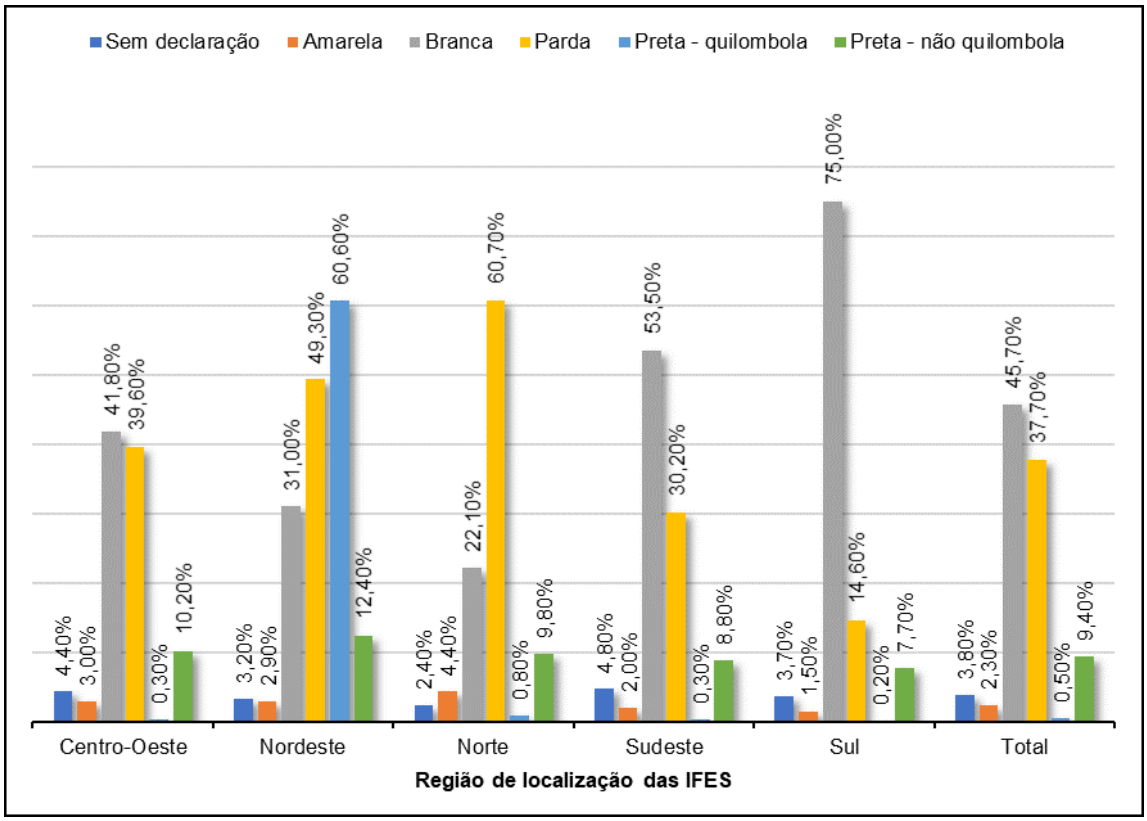
Tabela 3 – Estudantes por faixa etária e região

| Região de localização das IFES | | Faixa etária | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| | | 17 anos e menos | De 18 a 24 anos | 25 anos e mais | Total |
| Centro-Oeste | Freq. | 1.007 | 66.280 | 32.207 | 99.494 |
| | % (L) | 1,01 | 66,62 | 32,37 | 100,00 |
| | % (C) | 18,42 | 10,64 | 10,34 | 10,59 |
| Nordeste | Freq. | 2.266 | 173.417 | 89.226 | 264.909* |
| | % (L) | 0,85 | 65,42 | 33,73 | 100,00 |
| | % (C) | 41,11 | 27,85 | 28,71 | 28,21 |
| Norte | Freq. | 1.280 | 75.830 | 44.078 | 121.087 |
| | % (L) | 1,06 | 62,57 | 36,37 | 100,00 |
| | % (C) | 23,39 | 12,18 | 14,16 | 12,90 |
| Sudeste | Freq. | 471 | 198.791 | 87.826 | 287.087 |
| | % (L) | 0,16 | 69,20 | 30,59 | 100,00 |
| | % (C) | 8,60 | 31,92 | 28,21 | 31,00 |
| Sul | Freq. | 446 | 108.452 | 57.855 | 166.752 |
| | % (L) | 0,27 | 65,04 | 34,69 | 100,00 |
| | % (C) | 8,15 | 17,41 | 18,58 | 17,75 |
| Nacional | Freq. | 5.470 | 622.768 | 311.191 | 939.429* |
| | % (L) | 0,58 | 66,28 | 33,14 | 100,00 |
| | % (C) | 100,00 | 100,00 | 100,00 | 100,00 |

Fonte: Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, 2016

Ainda de acordo com o estudo, o percentual de estudantes autodeclarados pretos em universidades subiu de 5,9% no ano de 2003 para 9,8% em 2016. Esse percentual se eleva quando se trata dos estudantes autodeclarados como pardos, que em 2003 era de 28,3% e posteriormente passou para 37,7%. Os alunos que se dizem brancos recuou de 59,4% para 45,6%. O Gráfico 1, a seguir, ilustra o percentual de estudantes por cor ou raça, por região brasileira.

Gráfico 1 – Estudantes por cor ou raça, por região brasileira



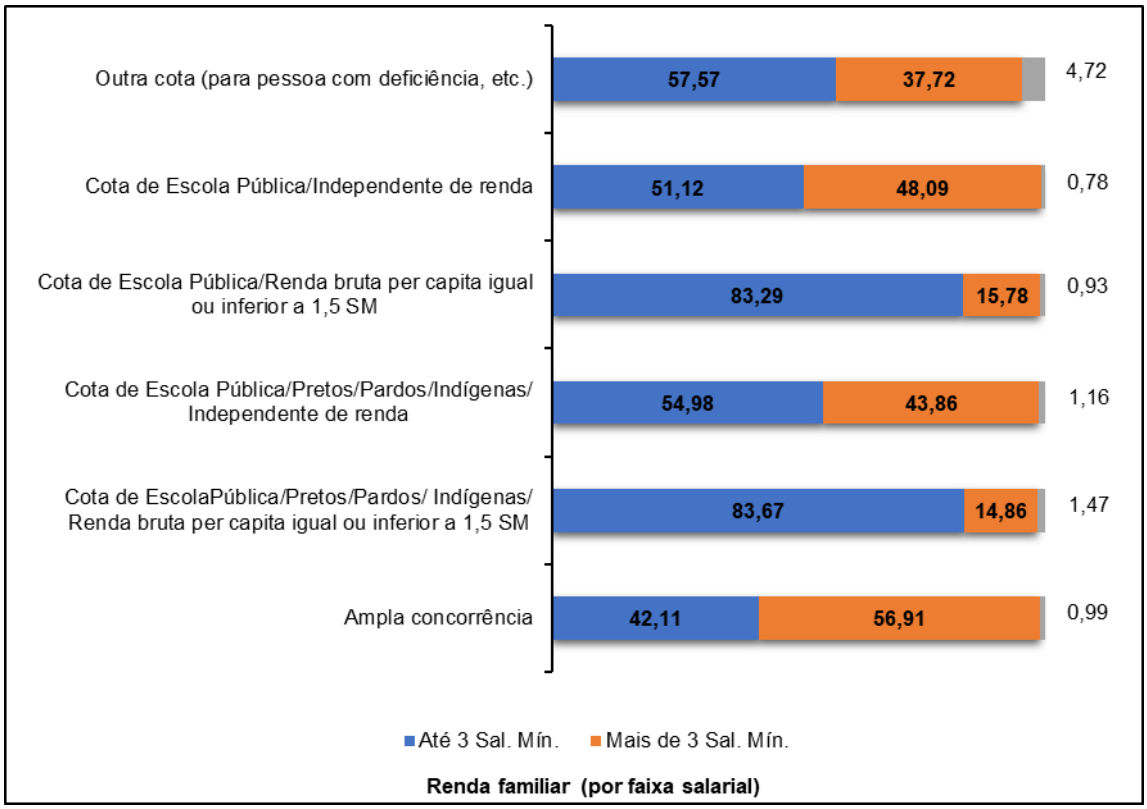

Fonte: Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, 2016

Sobre o acesso ao ensino superior, as modalidades de ingresso são basicamente em dois tipos: ampla concorrência e por cotas. As modalidades de cotas são genericamente em 5 tipos. Essas modalidades podem ser modificadas de acordo com critérios adotados pelas IFES. As principais categorias de cotas são:

- 1) Cotas de Escola Pública para estudantes Pretos, Pardos e Indígenas, com Renda bruta *per capita*, igual ou inferior a 1,5 salários mínimos;
- 2) Cotas de Escola Pública para estudantes Pretos, Pardos e Indígenas, Independente de Renda;
- 3) Cotas de Escola Pública para estudantes com Renda bruta *per capita*, igual ou inferior a 1,5 salários mínimos; e
- 4) Cotas de Escola Pública para estudantes Independente da Renda; e
- 5) Outra cota (para pessoa com deficiência etc.)

A pesquisa realizada pela Andifes revela que o ingresso dos graduandos ocorreu em grande maioria por meio da Ampla Concorrência, que não exige pré-requisitos para concorrer a uma vaga em IFES.

Gráfico 2 – Graduandos segundo a renda familiar mensal bruta e a modalidade de ingresso (em %) – 2014




Nota: * 1 salário mínimo = R$724,00

Fonte: Fonte: Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, 2016

O estudo sinalizou, ao cruzar os dados sobre a renda familiar mensal bruta e a modalidade de ingresso, que os estudantes que optaram por concorrer a uma vaga em IFES por meio da ampla concorrência são de uma faixa de renda mensal superior a 3 salários mínimos como mostra o gráfico acima.

Esses dados são interessantes e contribuem para o enriquecimento do nosso estudo uma vez que nos fazem refletir sobre a universidade pública federal. De um modo geral, podemos destacar, com base no estudo realizado pela Andifes,

alguns pontos sobre o perfil dos estudantes universitários de IFES: os estudantes que não declaram cor ou raça diminuíram (de 4,89% na primeira faixa “2009 ou menos” para 3,33% na última faixa “mais de 2013 a 2015”); percebe-se um aumento gradual dos que se declaram pardos (de 35,45% na primeira faixa “2009 ou menos” para 41,46% na última faixa “mais de 2013 a 2015”).

Em média, independentemente da região de localização das IFES, 86% dos graduandos são solteiros, 9% casados, 4% têm união estável, 1,2% é de separados e 0,13% de viúvos.

No quesito moradia, a maioria mora na cidade onde cursa graduação, chegando a um percentual de 70%. Considerando todas as IFES, pode-se dizer que 80 % dos estudantes moram na cidade onde estudam. O estudo chegou à conclusão de que, as capitais e as cidades que detêm as sedes das IFES têm proporções relativamente maiores de estudantes que estudam e moram na mesma cidade.

Estes dados apresentados pelo estudo da Andifes relatam uma mudança no perfil do estudante universitário de instituições federais, deixando transparecer um maior acesso aos estudantes de camadas mais populares da sociedade, aumento daqueles oriundos de instituições públicas e crescimento da presença de estudantes autodeclarados como negros e pardos. Esses dados vêm ao encontro de nossa pesquisa, a qual iremos discutir e apresentar na próxima seção.

### 3.1.1 Levantamento de dados sobre os estudantes da Universidade Federal de Juiz de Fora: desdobramentos metodológicos

Numa tentativa de conhecer os estudantes universitários da UFJF, nos lançamos a campo. Utilizamos questionários semiestruturados, com perguntas fechadas e algumas perguntas abertas, a fim de tentar estabelecer um perfil dos estudantes da instituição.

As entrevistas foram realizadas em diversos locais do campus da UFJF em Juiz de Fora. Foram entrevistados os estudantes que circulavam nos pontos de ônibus das Faculdades de Direito, Letras e Instituto de Ciências Humanas, na Biblioteca Universitária, Restaurante Universitário e Jardim Sensorial.

Diante do número expressivo de alunos na instituição, optamos por

trabalhar com uma amostra, por ser inviável entrevistar todos os sujeitos a serem investigados. Na realização de qualquer estudo, quase nunca é possível examinar todos os elementos da população de interesse. Temos usualmente que trabalhar com uma amostra da população. A inferência estatística nos dá elementos para generalizar, de maneira segura, as conclusões obtidas da amostra para a população (CORREA, 2003).

Temos que nos pautar em uma amostra representativa, e, para tal, devemos garantir que a amostra possua as mesmas características básicas da população. Correa (2003) afirma ser errôneo pensar que, se a pesquisa fosse realizada com todos os elementos da população, seria mais precisa, pois o grande número de dados e erros durante os procedimentos de coleta são fatores que podem causar conclusões errôneas do que quando generalizamos, através de uma amostra bem selecionada. Por isso as entrevistas foram realizadas em locais de grande circulação escolhendo os sujeitos a esmo. Como critério de aplicação dos questionários, foi mantido o anonimato do estudante pesquisado.

Correa (2003) destaca que “uma das formas de se conseguir representatividade é fazer com que o processo de escolha da amostra seja, de alguma forma, aleatório. Além disso, a aleatoriedade permite o cálculo de estimativas dos erros envolvidos no processo de inferência”.

Utilizamos a calculadora amostral da empresa Netquest, disponível online no site da empresa Netquest[12]. A calculadora utiliza segundo a empresa a seguinte fórmula matemática[13] para se chegar aos resultados:

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{(N - 1) \cdot e^2 + Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)} \qquad (1)$$

De acordo com a fórmula temos:

- n = tamanho da amostra que queremos calcular
- N = tamanho do universo

[12] Disponível em: <https://www.netquest.com>.
[13] Disponível em: <https://cdn2.hubspot.net/hubfs/2595966/Imported_Blog_Media/f%C3%B3rmula.png?t=1495105451063>.

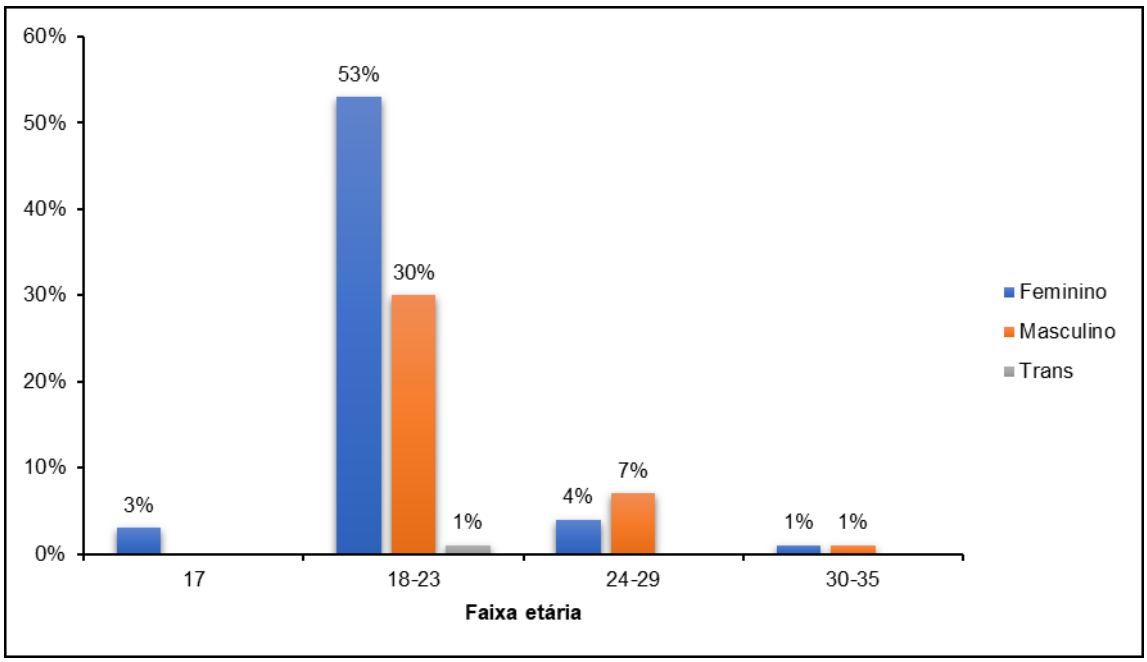
- Z = desvio do valor médio que aceitamos para alcançar o nível de confiança desejado
- e = margem de erro máximo que eu quero admitir (p. e. 5%) e
- p = proporção que esperamos encontrar.

O tamanho do nosso universo foi obtido por meio de dados fornecidos pela CGCO (UFJF), até a data de 14 de dezembro de 2014, quando a UFJF apresentava 17.910 alunos com matriculas ativas em cursos de graduação. Consideramos uma margem de erro de 10% para mais ou para menos, e um nível de confiança de 95%. De acordo com esses parâmetros, a calculadora indicou uma amostra de 96 sujeitos.

### 3.1.2 O perfil dos estudantes universitários da UFJF

Participaram de nosso estudo 96 estudantes de diversos cursos de graduação da UFJF. Aos quais a maior parte dos entrevistados pertence à faixa etária dos 18 aos 23 anos. O Gráfico 3 informa sobre o percentual de alunos por faixa etária e identidade de gênero.

Gráfico 3 – Faixa etária por identidade de gênero



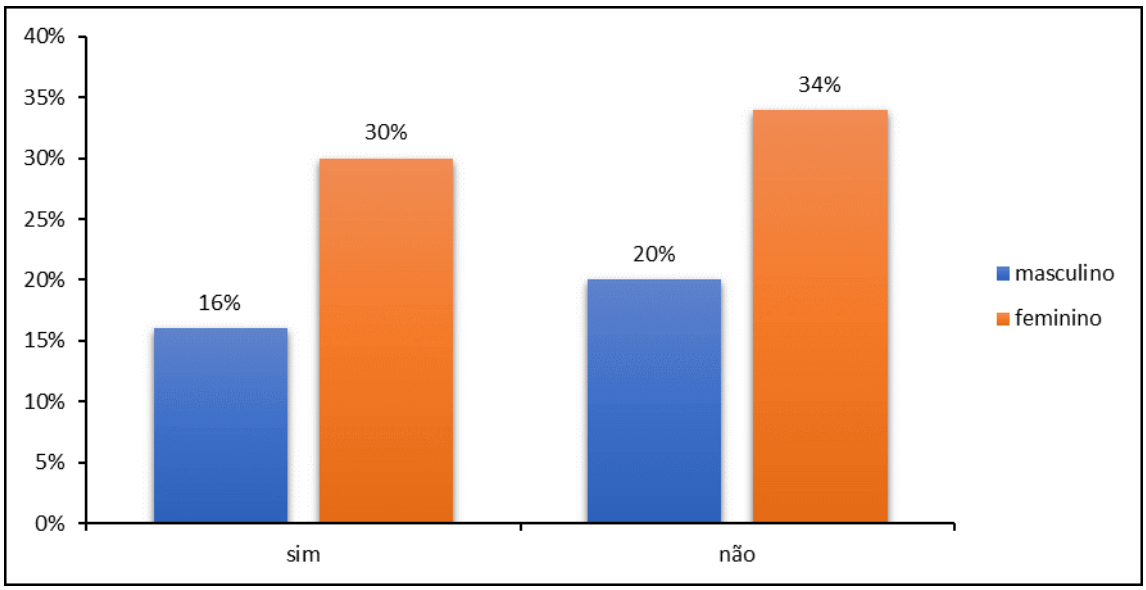

Fonte: A autora, 2017

Optamos por categorizar os entrevistados por identidade de gênero devido à multiplicidade de sujeitos que a pesquisa abarcou. Alguns entrevistadosse sentiram incomodados com a dualidade da classificação “sexo feminino e masculino”, por isso, ao revermos os questionários-piloto, elegemos outra maneira de categorizar os estudantes. Adotamos o critério de identidade de gênero, pois ao entrevistarmos alguns sujeitos, ocorreram situações um tanto constrangedoras para ambos em relação a esse binarismo relacionado ao sexo biológico. Sendo assim, uma classificação de acordo com suas identidades nos pareceu mais adequado ao nosso propósito, tendo em vista que

> Sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. E o gênero vai além do sexo: o que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a autopercepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente. (JESUS, 2012, p. 8).

A maior parte dos entrevistados se declarou solteiro e sobre o ingresso por cotas, esse número pareceu bastante equilibrado, como percebemos no gráfico 5 sendo pequena a diferença entre estudantes cotistas e não cotistas.

Gráfico 4 – Ingresso dos estudantes na UFJF por cotas




Fonte: A autora, 2017

Atualmente, a UFJF proporciona aos estudantes interessados em ingressar na instituição duas opções de ingresso: o Programa de Ingresso Seletivo Misto (PISM), quando o estudante exames durante o período em que cursa o ensino médio anualmente. O PISM é composto por 3 etapas de provas contemplando apenas os conteúdos equivalentes ao ano cursado pelo aluno. Já o Sistema de Seleção Unificada é um processo adotado por várias instituições federais de ensino superior. Para concorrer a uma vaga pelo SISU, basta o estudante prestar o ENEM e posteriormente se inscrever em algum curso de graduação de seu interesse. As vagas são concedidas aqueles estudantes que obtiverem a maior nota no ENEM. Em ambos os sistemas de ingresso, a instituição oferece o sistema de cotas. A Figura 8 explicita quais são as cotas e quais os critérios para aderir a uma das opções disponíveis.

Figura 8 – Sistema de cotas UFJF

Fonte: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016[14]

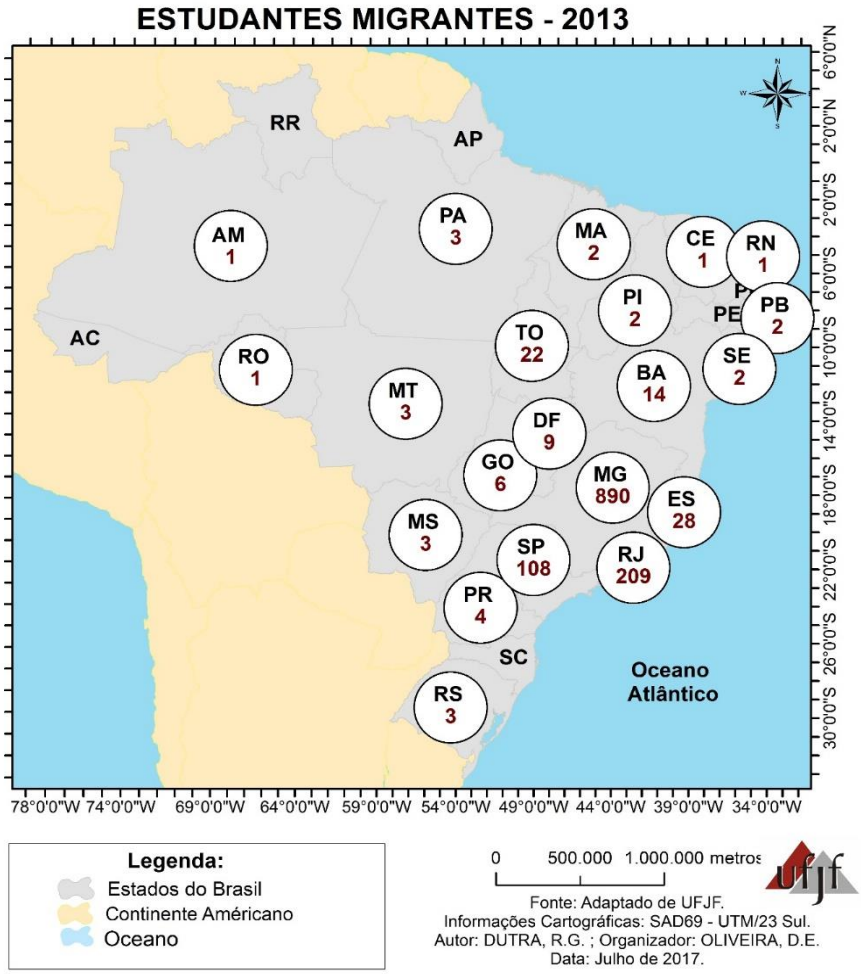
Outro ponto importante que percebemos na pesquisa foi em relação à questão da origem dos estudantes. Uma grande parte dos entrevistados declarou não ser natural de Juiz de Fora e ter se mudado para a cidade com o intuito de cursar o ensino superior. Dos entrevistados, 76% disseram possuir residência em Juiz de Fora, alguns residem em repúblicas, outros em casas de parentes ou apartamentos alugados pela família. Os estudantes que disseram não possuir residência em Juiz de Fora, são 24%; estes realizam migração pendular, pois residem em cidades próximas à cidade, como Santos Dumont, Ewbank da Câmara, Três Rios e outras.

Em reportagem divulgada em 24 de maio de 2013, no site da Universidade Federal de Juiz de Fora, a instituição já sinalizava um crescimento em relação ao número de estudantes oriundos de outros municípios. Esse número representa 49,80% dos aprovados no SISU. Segundo estimativas do Centro de Gestão do Conhecimento Organizacional (CGCO) da UFJF, cerca de 15% desse

[14] Disponível em: <http://www.ufjf.br/noticias/2016/01/14/sisu-2016-conheca-o-sistema-de-cotas-e-saiba-em-que-grupo-se-inscrever/>.

total, 1.293 estudantes aprovados na primeira chamada do SISU em 2013 precisarão se mudar de estado para cursar a faculdade. A Figura 9 a seguir ilustra esses números.

Figura 9 – Número de estudantes migrantes em 2013 na UFJF




Fonte: A autora. Adaptado de Universidade Fedral de Juiz de Fora[15]

Essas migrações de estados são fruto, principalmente, da implantação do Sistema de Seleção Unificada (SISU), que permite ao estudante, por meio da nota obtida no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), escolher à distância qual instituição irá ingressar. Os alunos geralmente escolhem seus cursos com base na

[15] Disponível em: <http://www.ufjf.br/secom/2013/05/24/migracao-de-estudantes-15-dos-calouros-sao-de-outros-estados/>.

nota de corte, por isso muitos escolhem instituições localizadas em outros municípios ou até mesmo outros estados.

Em termos gerais, nossa pesquisa pode constatar que o perfil do estudante universitário da UFJF é mulher com faixa etária de 18 a 23 anos, solteira, o que coincide com os dados apresentados pela Andifes no que tange ao perfil dos estudantes universitários de instituições federais brasileiras.

## 3.2 ALGUNS FATORES GERADORES DE EXPECTATIVAS QUANTO AO INGRESSO EM IFES

O ensino superior no Brasil surge no começo do Século XIX, “como resultado da formação das elites que buscaram a educação principalmente em instituições europeias durante o período de 1500 a 1800 e que retornaram ao país com sua qualificação” (STALLIVIERI, 2006, p. 3) e durante muito tempo esteve atrelado principalmente às elites tendo em vista o contexto histórico no qual foi criada. Segundo P. N. P. Souza (SOUZA, 1991), a aristocracia local muitas vezes ficou impedida de enviar seus filhos para estudarem na Europa. Devido à condição de colônia de exploração, os governantes não eram interessados em investir em educação no Brasil. Fernandes (1975) destaca que a escola superior brasileira se organizou de modo similar à universidade europeia, servindo a interesses profissionais e imediatos da elite, “voltada para a busca de conhecimento procedente do estrangeiro, considerado indispensável à formação de profissionais liberais” (p. 52). Em consequência, a escola superior tornou-se uma escola de elite, de ensino dogmático e profissional: hierarquizada, rígida e exclusivista (FERNANDES, 1975).

Para comprovar essa afirmação, podemos utilizar os dados de uma pesquisa realizada no ano de 2011 pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) intitulada de “Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras”. O estudo revela que 54% dos estudantes da rede federal de ensino superior são brancos e de classe A, nesse caso, chegam a 74%.

Entretanto, esse panorama sofreu modificações ao longo dos anos,

principalmente com a adoção de políticas públicas e ações afirmativas para permanência na universidade e democratização do acesso ao ensino superior público. Ações como a Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e o sistema de cotas colaboraram para que a mudança dos estudantes, em termos de cor ou raça, fosse bastante significativa, como aponta o estudo da ANFIDES mais atual realizado em 2014 e divulgado em 2016, de onde se conclui

> [...] uma significativa mudança na composição entre Brancos, Pardos e Pretos, com os primeiros perdendo participação e deixando de ser quase 60% dos estudantes para serem pouco mais de 45%, enquanto os Pardos sobem de pouco mais de 28% para 37,75% e os Pretos sobem de 5,90% até 9,82%. Juntos, Pretos e Pardos passaram de 34,20% do total de estudantes para 47,57%, um aumento de quase 10 p.p. Por fim, imprescindível deixar de ressaltar o principal resultado visto nesses dados: o de que as IFES agora se acham mais parecidas com o restante da sociedade. Uma realidade bem distinta até da vigente há 4 anos atrás. (ANDIFES, 2016, p. 4-5).

Destacamos essa mudança em relação ao perfil dos estudantes para subsidiar o fato de que as universidades e a imagem dos estudantes universitários sempre estiveram atreladas à figura de um jovem branco, pertencente à classe média alta da sociedade. Imagem esta que acreditamos criar um estereótipo do estudante universitário, porém devido a este novo contexto em que a universidade passa, esse modelo de estudante não condiz mais com a realidade. As universidades federais estão caminhando cada vez mais na direção da composição da sociedade brasileira no que se refere à cor ou raça.

Toda essa questão é um ponto a ser levado em conta em relação às expectativas em ingressar em uma universidade. Devido a esta forte presença das elites, as IFES, por muito tempo, foram consideradas espaços elitizados. A população mais carente observou a entrada no ensino superior público como um sonho pouco provável. As dificuldades encontradas na formação durante o ensino básico, o sistema de vestibular e mais recentemente o ENEM e o SISU são instrumentos que muitas vezes dificultam o ingresso dos sujeitos às IFES devido ao alto ponto de corte nas notas para ingresso e na concorrência elevada na busca de uma vaga.

Essas circunstâncias geram uma expectativa em relação ao ingresso nas IFES, aliado a esta relativa dificuldade em entrar na universidade, temos a questão da escolha profissional. Afinal o curso superior é a primeira etapa rumo à entrada no

mercado de trabalho, em uma ocupação que exija este nível de escolaridade.

Outro fator importante na escolha de ingressar em universidades é a família, já que a maioria dos estudantes ingressantes no ensino superior é composta por jovens. O papel da família em relação ao incentivo e ajuda na permanência no ensino superior deve ser leveda em consideração. Os autores S. L. R. (SILVA, S. L. R.; FERREIRA, 2009) encaram a família como um sistema vivo o qual procura manter o equilíbrio perante as pressões internas e externas de mudança. Aqui nossa noção de família corrobora com a dos autores rompendo com o paradigma da família tradicional, composta por um homem, uma mulher e seus filhos. Assim no âmbito familiar "a transição do estudante para o ensino superior é encarada como uma tarefa de desenvolvimento familiar" (SILVA, S. L. R.; FERREIRA, 2009, p. 112). Teixeira e outros (2008) observaram que o ingresso na universidade acarreta muitas mudanças na vida dos estudantes e ressalta principalmente a saída da casa dos pais como um evento impactante.

Podemos dizer que a entrada no ensino superior é um motivo de comemoração para muitos, como salienta Moreno e Soares (2014). Essa comemoração se deve, segundo os autores, ao fato de conquistarem "com esforço seu lugar no espaço universitário, ultrapassando assim uma barreira social de aceitação e muitas vezes atendendo às demandas dos pais ou da família". (MORENO; SOARES, 2014).

Em suas pesquisas, os autores utilizaram a técnica do grupo focal e encontraram 8 categorias que destacam alguns fatores como responsáveis em gerar expectativas aos alunos ingressantes no ensino superior.

A questão financeira está relacionada ao curso escolhido, muitos estudantes realizam suas escolhas não com base em suas preferências; procuram cursos que ofereçam estágios remunerados ou cursos que "tradicionalmente" estão relacionados com um retorno financeiro mais certo. Como destacado pelos autores, "muitos estudantes que visam esta meta podem procurar estágios ou trabalhos dentro da faculdade para que haja um avanço na área que se pretende desenvolver em busca da realização financeira" (MORENO; SOARES, 2014, p.119).

A segunda categoria elencada é a de realização pessoal e profissional, relacionada com o status pessoal e profissional. Para Bueno (1993), esse *status* almejado é resultado da falta de prestígio de algumas profissões, o aviltamento dos salários, condições de trabalho insatisfatórias. Frente a isso existem profissões,

segundo o autor, que ainda resgatam a sensação de prestígio, realização e sucesso financeiro.

Essas diferenças são os principais motivos que fazem os alunos refletirem sobre a escolha de seus cursos, deixando muitas vezes o sonho de ser professor (uma profissão frequentemente desvalorizada em nossa sociedade) para optar, por exemplo, por um curso de engenharia, já que o engenheiro, muitas vezes, poderia ser mais bem remunerado. Carreiras como o magistério e áreas técnicas são menos atrativas em relação a outras em que é possível se tornar um profissional liberal, por exemplo.

A opção de curso também foi algo que se destacou nas análises de Moreno e Soares (2014). Nesse caso, a expectativa se relaciona com o curso almejado, porém por diversos motivos os estudantes não conseguem ingressar nos cursos em que fizeram sua primeira opção. Deste modo, optam por um curso que se relacione com ele, como no caso de se optar por medicina e ingressar efetivamente em enfermagem ou biomedicina.

A quarta categoria seria o “trote”, encarado como um ritual de passagem do ensino médio para o ensino superior.

> O jovem, antes de ingressar na universidade, carrega consigo uma série de esperanças e vivências únicas, já tem em si seu estilo de vida e muitas vezes não trabalha, vivendo sob as regras dos pais. Muitas vezes, o trote representa não só a passagem do Ensino Médio para o Ensino Superior, mas pode ser entendido como um rito de iniciação à vida adulta. (MORENO; SOARES, 2014, p. 121).

Também são elencados como fatores geradores de expectativas quanto ao ingresso no ensino superior: a qualidade do corpo docente, disciplinas a serem cursadas, infraestrutura da instituição de ensino e aceitação familiar. Todos esses motivos acabam por tornar a entrada no ensino superior um momento bastante esperado por muitos jovens.

## 3.3 A ENTRADA NA UNIVERSIDADE: ADAPTAÇÕES EM RELAÇÃO AO NOVO COTIDIANO

Com exigências cada vez maiores, o mercado de trabalho impõe novos

ritmos e novas necessidades à população. Os jovens, por exemplo, se vêem cada vez mais cedo envolvidos em escolhas decisivas sobre o seu futuro, como por exemplo, no caso da escolha da profissão que irá seguir. Já no ensino médio, alguns iniciam o preparo para entrada no mundo acadêmico por meio de exames seletivos seriados. Em Juiz de Fora, a UFJF oferece esta possibilidade de ingresso valendo-se do PISM (Programa de Ingresso de Seletivo Misto) realizado em três etapas, sendo a primeira quando o aluno se encontra ainda no primeiro ano ensino médio.

Cabe destacar que logrando êxito em relação à admissão em uma Universidade, o aluno se vê em um momento importante de sua vida, pois

> A entrada na Universidade é um marco muito importante na vida dos estudantes, carregada de um simbolismo de status, posição de vantagem na sociedade e realização de um ideal de muitos pais. Porém, caracterizada também como um momento de angústias, conflitos, ansiedade, decisões difíceis, fantasias, etc. Já antes do início, a tensão de escolher uma profissão nem sempre clara traz prejuízos à segurança e estabilidade da vida acadêmica. Além disso, somam-se outros fatores como a necessidade de desenvolver um perfil de estudante universitário, adequar-se a uma metodologia de ensino específica, integrar-se a um grupo de pessoas desconhecidas e ao clima da classe. (MARTINCOWSKI, 2013, p. 130).

Diante disso, a entrada no meio acadêmico se dá em um ambiente de desafios, expectativas e também de frustrações, em alguns casos. Os estudantes deverão enfrentar múltiplas tarefas, as quais podemos destacar quatro domínios principais, segundo Almeida e Soares (2003).

O primeiro seria o domínio acadêmico, transição entre o ensino secundário e o universitário, sendo bastante exigente, pois o estudante deverá se adaptar a novas metodologias, linguagens, ritmos, estratégias de aprendizado e sistemas de avaliações. O segundo seria o social. Este domínio requer do estudante o desenvolvimento de padrões mais maduros de relacionamento interpessoal, nas relações com a família, professores, colegas, sexo oposto e autoridades. O terceiro domínio diz respeito ao pessoal, o contribui para a formação de uma identidade, desenvolvimento da autoestima, maior conhecimento sobre si e sobre o mundo. O quarto e último domínio dizem respeito ao vocacional. Segundo os autores, a Universidade tem um papel fundamental no desenvolvimento de uma identidade vocacional.

A entrada no ensino superior também traz a tona desafios e mudanças; Secco e outros (2005) destacam a separação da família e dos amigos, adaptação de

novas tarefas, novas exigências pessoais, sociais e acadêmicas. Ingressar no ensino superior requer esforço para se obter êxito.

Coulon (2008) aborda a entrada na universidade como um momento difícil, entre a passagem de aluno do ensino médio para o estudante do ensino superior, que pode ser delicada. Sua tese principal é a de que o sucesso na trajetória acadêmica depende, em grande parte, da inserção dos estudantes nesse novo ambiente.

Para o autor, ser estudante é um status provisório. A vida universitária é uma passagem, marcada por modificações importantes nas relações dos indivíduos e que estão presentes em toda a aprendizagem. As relações com o tempo, espaço e regras de aprendizagem são vividas de modo diferenciado, como destaca Coulon (2008).

O tempo encontra-se modificado; as aulas não possuem a mesma duração, o volume de conteúdos a serem assimilados é aumentado em relação ao ensino médio, a duração não é mais anual e sim semestral, bem como provas e trabalhos que ocorrem em um ritmo mais ou menos acelerado.

Sobre o espaço físico das universidades, Coulon (2008) ressalta as suas dimensões. Geralmente, estes estabelecimentos possuem campus e prédios extensos, o que em um primeiro momento pode causar estranhamento por parte do estudante, gerando, no início, dificuldades de encontrar suas salas, por exemplo.

As regras e o saber, para o autor, são as mudanças mais espetaculares enfrentadas pelos calouros. O autor afirma que as regras da universidade são muito mais expressivas e complexas. “Além das regras propriamente ditas, ‘o sentido do jogo’ é muito diferente. Quanto à relação com o saber, ele é totalmente modificado quando se entra na universidade” (COULON, 2008, p. 35-36).

Diante dessas situações, a maioria das Universidades possui guias para calouros ou oferecem palestras de abertura para informar aos novos estudantes algumas regras da Universidade, bem como seus direitos e deveres.

A Universidade Federal de Juiz de Fora possui em sua página da internet uma sessão intitulada de “Primeiros passos para calouros” (Figura 10).

Figura 10 – Boas-vindas aos calouros

Fonte: Universidade Federal de Juiz de Fora[16]

Nessa sessão, o estudante encontra dicas sobre a matrícula, recepção de calouros realizada pela instituição, locais de informações, mapa de acesso ao campus, além ressaltar que, conforme regimento interno, a prática do trote é proibida pela instituição.

## 3.4 O MUNDO UNIVERSITÁRIO: REFLEXÕES SOBRE CULTURA UNIVERSITÁRIA, SEUS ELEMENTOS E RITUAIS

Nossa intenção neste tópico é apresentar alguns elementos que permeiam o cotidiano dos universitários, realizando uma conexão entre o “mundo universitário” e uma possível “cultura universitária.”

[16] Disponíve em: <http://www.ufjf.br/noticias/2016/03/30/primeiros-passos-para-calouros/>.

### 3.4.1 Considerações acerca da “cultura universitária”

Nossa intenção não é de modo algum criar alguma definição acerca da “cultura universitária”. No que diz respeito à cultura, este é um conceito polissêmico, no entanto, algumas considerações devem ser realizadas, a fim de se compreender melhor nosso objeto de estudo, o qual é diretamente relacionado com a espetacularização e mercantilização de elementos de tal cultura.

Ginzburg (1987) define cultura como: massa de recursos, forma de consciência, crenças e hábitos relacionados a determinado grupo historicamente. O autor introduz o conceito de circularidade, que ocorre em dois eixos: vertical e horizontal. No eixo vertical ocorrem influências culturais entre diferentes classes sociais (processo de mão dupla), o eixo horizontal contempla a viabilidade das trocas de experiências e incorporação destas por culturas distintas.

Esta circularidade para Claval (1999) é observada sob a perspectiva sócio- espacial, a partir de hierarquias simples e complexas, as quais orientam necessidades da vida (ponto de vista vertical) que são cimentadas por meio de horizontalidades criadas através dos laços afetivos/biológicos. O autor aponta a cultura como uma herança transmitida por sua origem em um passado distante, possuindo dinamismo, não sendo, portanto, algo cristalizado.

Sob a ótica capitalista, ao longo do processo evolutivo do capitalismo, a cultura passa então a ter valor de troca, pois “aquilo que se poderia chamar o valor de uso na recepção dos bens culturais é substituído pelo valor de troca, em lugar do prazer estético penetra a ideia de tomar parte e estar em dia; em lugar da compreensão, ganha-se prestígio” (ADORNO, 2009, p. 61).

Compreendemos assim como um sistema aberto ao dinamismo das sociedades. O caráter dinâmico da cultura também é destacado em Laraia (2001) que o liga a contextos e temporalidades. Para o autor, o tempo é fator primordial na análise de uma cultura.

Corrêa (2004) em sua tese de doutorado apresenta a cultura como fruto da produção humana, ou seja, a totalidade dos produtos humanos, seja na materialidade exemplificada nos instrumentos de toda espécie que permitem ao homem modificar seu ambiente físico, seja na imaterialidade demonstrada na produção simbólica que permeiam e produzem sentidos em todos os aspectos da

vida, cotidianamente.

Ainda segundo Corrêa (2004) a cultura emerge como uma ponte que viabiliza a relação do ser humano com o espaço. Este relacionamento apresenta-se com faces de uma mesma realidade, onde a função social e a função simbólica engendram a distinção e a correlação entre o espaço social, produzido e concebido sob a organização e produção, e o espaço cultural, que é o espaço vivenciado e concebido em termos de significação e relação simbólica.

É notório que, com o avanço da globalização, a cultura também tenha sofrido influências desse processo. Milton Santos nos chama atenção para o papel da globalização nas apropriações culturais, “para a maior parte da humanidade, o processo de globalização acaba tendo, direta ou indiretamente, influência sobre todos os aspectos da existência: a vida econômica, a vida cultural, as relações interpessoais e a própria subjetividade.” (SANTOS, M., 2001, p. 69).

Nesse processo de apropriação cultural mencionado por M. Santos (2001), observamos que alguns elementos presentes no “mundo” universitário vêm sendo apropriados por diversos atores. Vários setores têm se utilizado do termo “universitário” a fim de agregar valor em suas mercadorias, transformando o próprio termo em um elemento que possa modificar o valor original das coisas. Algo que reforça o valor dos produtos e serviços é a marca, a qual consideramos:

> [...] um sistema complexo que abrange diversas formas de expressão: linguísticas, visuais e sonoras, entre outras, que confere ao produto uma identidade e um conjunto de valores, identificando-o e diferenciando-o dos concorrentes. Funciona como um indicador de procedência e qualidade, influenciando na decisão de compra. (GOMEZ; OLHATS; PÓLO, 2011, p. 2).

R. N. M. T. Santos (2010) destaca que a marca é considerada a identidade de um produto, serviço, dentre outros. Podemos dizer, segundo Bauer (2006 apud SANTOS, R. N. M. T., 2010), que a marca é um nome, termo, símbolo, desenho ou uma combinação desses elementos, os quais nos indicam produtos, serviços ou bens de determinado fornecedor diferenciando-os de outras mercadorias.

Deste modo, quando um fornecedor de produtos ou serviços agrega a sua marca ou produto o termo “universitário” está realizando uma distinção em seus produtos. Pensamos que este termo pode estar ainda atrelado ao estereótipo do

estudante universitário mencionado anteriormente, principalmente em relação ao senso comum. Nesse sentido, o senso comum tende a transformar o “universitário” e seu “mundo” como algo à parte, relacionado com a ideia de fetiche presente na obra de Marx (MARX, 1996). A mercadoria tende a sofrer uma personificação, como se possuísse vida própria, sendo algo autônomo que ainda mantém relação com os homens.

Esse fetiche pelo “mundo” universitário pode ter nascido devido às origens elitistas à universidade, lugar relacionado com a classe mais abastada da sociedade, e que pode nos remeter a valores como o *status* e ascensão social. Assim, um produto ligado ao público universitário carrega em si a imagem de algo bom, relacionado com um ambiente selecionado, utilizado por pessoas esclarecidas, entre outras formas que pairam no imaginário popular. “O imaginário trabalha no nível mais intangível desse amontoado subjetivo. Ele abrange as impressões, sensações, imagens, referências, associações de um grupo, organização ou de uma pessoa (XAVIER 2010, p. 12).

Observamos assim que este termo vem sendo empregado juntamente com produtos comerciais, pois, segundo o empresariado, valoriza o próprio produto. Podemos verificar este fato por meio de reportagens em diversas revistas, sites e jornais em suas colunas sobre empreendedorismo e marketing.

Segundo a reportagem veiculada no jornal Estado de São Paulo em 27 de fevereiro de 2012, intitulada de “*Público universitário inspira a criação de negócios*” (OLIVETTE, 2012), este segmento tem inspirado empreendedores a criar negócios próprios. Estudos da Fundação Getúlio Vargas, divulgados na reportagem, revelam que o consumo universitário movimenta R$ 76 bilhões por ano. O texto nos apresenta as experiências de alguns empreendedores interessados nesse público específico e cita o caso de um empresário que investiu cerca de quatro milhões para criar um serviço, que oferece por meio de quiosques instalados nas universidades, a venda de ingressos para shows, peças de teatro, pacotes de viagens para jogos universitários, feriados, palestras e cursos, além de promover gincanas e concursos culturais.

Além deste exemplo, temos o uso deste termo na música, com destaque para o sertanejo, que agora recebe uma nova roupagem denominada de sertanejo *universitário;* produtos especiais voltados para esse segmento, tais como pacotes bancários, serviços diferenciados em imobiliárias, promoções exclusivas em cinemas e outros locais de entretenimento. Além do aparecimento de empresas

especializadas em oferecer serviços para os universitários, como festas de formaturas, coberturas de eventos, fotografia entre outros.

Recentemente, em meados de 2016, existia em Juiz de Fora uma empresa chamada “Clube do Universitário”. Atualmente, a empresa mudou de nome e passou a se chamar “SMART”. No início de suas atividades, seus objetivos eram oferecer aos sócios vantagens, descontos e promoções em diversos locais como bares, boates, shows, festas, entre outros. Além dos descontos, existia uma parceria com a empresa de fundos de formatura e eventos, a “Viva Eventos”, na qual os sócios poderiam angariar recursos para seu fundo de formatura.

Para se tornar um sócio deste clube de vantagens era necessário adquirir um cartão da empresa disponível no site “www.clubeuniversitariojf.com.br”, com um revendedor, ou nos pontos de venda (banca de jornal situada no Parque Halfeld). Para tal serviço, é cobrada uma taxa; esse cartão de descontos e vantagens possui validade de dois meses. Após esse período é necessário adquirir outro cartão.

Estes foram apenas alguns exemplos do uso do termo “universitário” como um diferencial para atrair o mercado consumidor. Em 24de março de 2008, Caio Romano, então Diretor Geral da “Mundo Universitário”, agência de publicidade, promoções e eventos afirmou na coluna “Administração” do *site* “Portal da Educação”, que uma excelente opção para alavancar as vendas de produtos e serviços é a estratégia da segmentação para o público universitário:

> Operadoras de celular e, principalmente, os bancos já utilizam essa estratégia com sucesso há algum tempo, sempre atrelando descontos exclusivos, benefícios e informação a seus pacotes. Marcas que são “a cara” destes jovens e que levam a palavra “universitária” em seus nomes ou em sua comunicação, por si só, já atraem a atenção deste público. (ROMANO, 2008).[17]

Bosi (1992) defende a ideia de que a cultura universitária é almejada por jovens de classe média e alta, possuindo “uma força de auto reprodução só comparável, hoje, à das grandes empresas de comunicação de massa” (BOSI, 1992).

Concordamos com o autor que entende a cultura como conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social. Sendo assim,

---

[17] Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/estetica/universitarios-o-novo-alvo-para-fidelizar-sua-marca/4486>.

podemos perceber que existem faixas culturais, fora da universidade, mas que refletem a cultura da universidade. Fora da Universidade, os meios de comunicação de massa servem para difundir ideais e comercializar bens simbólicos, processo corrente na sociedade de consumo. Diante do exposto, percebemos que a cultura universitária vai além do campus universitário, sendo necessário explicitar o que entendemos e qual a perspectiva de cultura universitária utilizaremos em nossa investigação.

A cultura universitária, como destaca L. R. A. Santos (SANTOS, L. R. A., 2013), possui "o objetivo de formar pedagógica e socialmente seus estudantes, possui outra finalidade e considerada a mais importante, que é de iniciá-los numa formação profissional/científica para atuarem na sociedade". Além dessa função ligada ao aspecto profissional, uma parte cultural a envolve, por meio de elementos que a permeiam, tais como a rotina intelectual, a produção do conhecimento, o acesso a este tipo de educação, assim como o próprio conceito das instituições de ensino.

Sobre a discussão em torna do conceito de cultura, para finalizar, concordamos com Laraia (2001) a qual defende que a discussão sobre a cultura não terminou e talvez nunca termine, "[...] pois uma compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana" (LARAIA, 2001, p. 63).

Mais especificamente no que tange à "cultura universitária", trabalharemos com a ideia de ela é apropriada, pelas formas simbólicas dos contextos sociais, via meios de comunicação de massa, que difundem e produzem as formas simbólicas. Com isso, por cultura universitária, entendemos ser um conjunto de elementos que permeiam o universo acadêmico, envolve a produção do conhecimento e se relaciona com um status temporário de estudante, pois "ser universitário" é uma condição temporária, um status social provisório que dura apenas alguns anos (COULON, 2008, p. 31).

### 3.4.2 O outro lado da Universidade: alguns elementos da cultura universitária

Após refletirmos sobre o contexto universitário e o que poderia ser

considerado como cultura universitária, passamos a analisar os elementos que compõe o “mundo” universitário.

Podemos destacar a produção acadêmica, como um elemento central presente nesse universo. Essa produção gira em torno não só do conhecimento adquirido em sala de aula, imprescindível para o desenvolvimento acadêmico e profissional, mas também pode estar presente na construção de um novo conhecimento por meio das pesquisas de iniciação científica, tutorias e monitorias.

Esse elemento é algo óbvio e natural do cotidiano acadêmico, mas além deste podemos destacar outro lado das universidades: o de ambiente de socialização, convivência, lazer e divertimento.

Algumas pesquisas apontam o ambiente acadêmico como um local propício a certos comportamentos mais liberais, como uso excessivo de álcool e substâncias ilícitas. Fachini (2013) em sua tese de doutorado em Ciências apresentada, na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (Universidade de São Paulo), intitulada de “Aspectos da vida acadêmica associados ao uso de álcool e outras drogas” traz à tona a discussão sobre esse universo por meio das falas dos participantes de sua pesquisa. Para Fachini (2013)

> O discurso dos universitários entrevistados reflete o período universitário com um sentido bastante peculiar de que, nesse momento da vida e nesse contexto, tudo é permitido e “perdoado”. Em outras palavras, essa compreensão implica em uma espécie de moratória social antes do ingresso definitivo no universo adulto. A faculdade é vista como a “última chance” de ser irresponsável e de viver o final da juventude de forma intensa e sem preocupações com o dia de amanhã. (FACHINI, 2013, p. 60).

Outro aspecto mencionado na tese é a visão que os estudantes possuem da universidade em seu momento de ingresso. Segundo o autor, a construção social da vida universitária parece aliada a uma imagem de permissividade e concessões, paralelamente ao cotidiano maçante de aulas, trabalhos e pesquisas, há uma realidade de festas regadas a bebidas, drogas e sexo. “O consumo com finalidade recreacional parece uma forte ideia presente no imaginário dos universitários.” (FACHINI, 2013, p. 63)

Pereira e Freitas (2013) dizem ser possível afirmar que o deus da mitologia grega Dionísio, figura relacionada a banquetes, festas e excessos, frequenta as festas universitárias, “pois estas possibilitam a manifestação e a

vivência de características associadas à sua imagem arquetípica" (PEREIRA; FREITAS, 2013). Musse (2008) e Romera (ROMERA, 2014) investigaram essa relação entre festas universitárias e excessos, sobretudo o uso de álcool por jovens estudantes universitários. As duas autoras trabalharam com a ideia de a divulgação das festas universitárias estarem sugerindo o consumo excessivo de álcool, por meio de cartazes e outras mídias.

Tanto para Musse (2008) quanto para Romera (2014) o modo como as festas universitárias são divulgadas contribuem para reforçar o imaginário sobre estes eventos. Para Musse (2008), o ambiente universitário é um ambiente festivo. A autora faz essa afirmação com base na observação dos campi universitário, local frequentemente utilizado para a divulgação de festas universitárias. Os cartazes geralmente são fixados em murais de grande circulação de pessoas e frequentemente exploram o consumo de álcool, "oportunizando sua aceitação e apologia." (MUSSE, 2008, p. 3).

Ao final de seu trabalho, Romera (2014) conclui que os cartazes de festas divulgados nos campi universitários possuem um elevado número de eventos de lazer direcionado ao público jovem com poder persuasivo e concentrado no consumo de cerveja.

Em trabalho de campo, tivemos a oportunidade de fotografar algumas destas publicidades fixadas em frente à entrada do Restaurante Universitário, no campus da UFJF, local de ampla circulação de pessoas (Figura 11).

Figura 11 – Cartaz de propaganda de festa

Fonte: A autora, 2017. Dados da pesquisa.

No entanto, essa publicidade, até certo ponto, foi observada como positiva pelas empresas do ramo cervejeiro. Durante algum tempo, as festas universitárias foram patrocinadas por grandes grupos de cerveja, que estampavam as propagandas das festas, cediam brindes como canecas e forneciam material de divulgação e estrutura. Porém, no final do ano de 2016, um grupo de empresas desse segmento anunciou na mídia o cancelamento de patrocínios em eventos universitários com bebida liberada.

> A partir de agora, festas com esta característica não receberão apoio ou patrocínio por meio de fornecimento de material promocional - o que inclui mesas, cadeira, colete, guarda-sol, etc - nem mesmo poderão exibir marcas de cervejas em seu material de promoção, o que inclui flyer, convite, site e publicidade interna e externa", diz o grupo, em nota. (CERVEJARIAS..., 2016).

Esta nota divulgada no jornal O Dia em 27 de outubro de 2016 é reflexo de acontecimentos ocorridos em eventos deste tipo, tais como a morte de um estudante na USP, estupro de alunas em festas nos anos de 2011 e 2013 na mesma instituição e o episódio de março de 2015, no qual um estudante de Engenharia Elétrica da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) morreu de coma alcoólico após participar de uma festa universitária em Bauru, no centro-oeste paulista. Estes episódios foram exemplos citados na reportagem, mas realizando uma breve busca na internet é possível verificar várias outras situações similares ocorridas em eventos deste tipo.

Cabe ressaltar que as festas universitárias são apenas uma das opções de lazer que os estudantes encontram para se divertir e relaxar. Além das festas, o lazer pode ser vivenciado de inúmeras formas e de maneiras diferente. Andrade (2001) aborda o lazer sob a forma de matrizes básicas, de forma que seriam o lazer espontâneo, o programado, esporádico e o habitual.

Identificamos o lazer espontâneo na vida dos estudantes universitários, nas saídas após o término da aula ou durante aquela confraternização de encerramento de período. Esse tipo de lazer acontece após atos comuns e pelo surgimento de algo inesperado, como o adiamento de uma aula e a oportunidade de ir a um bar ou ao cinema, por exemplo. Em termos conceituais, essas situações podem ser entendidas como “consequência não prevista de alguma ação fundamentada naturalmente em decorrência de algum evento ou uma série de eventos, situações ou circunstâncias previstas ou imprevistas.” (ANDRADE, 2001).

Como lazer programado, entendemos que seja um momento em que previamente se combina alguma atividade prazerosa, como no caso de uma viagem, assiduidade em clubes recreativos, casas de campo, entre outros.

O lazer esporádico é “o conjunto de atividades específicas que se efetuam segundo a disponibilidade de tempo, sem as características que determinam ou exigem periodicidades certas e durações determinadas” (ANDRADE, 2001, p. 113). Conforme definição do autor, esse lazer acontece de maneira imprecisa, também denominado como de ocasião ou de oportunidade.

Podemos diferenciar o lazer esporádico do lazer espontâneo na seguinte questão: o esporádico acontece em um momento em que se obtém uma disponibilidade, como o encontro casual nos relacionamentos pessoais, um final de semana em que haverá uma apresentação de algum grupo artístico. Enquanto o

lazer espontâneo acontece na surpresa, no inesperado, como ao convite para uma “escapada” da aula para assistir a um jogo de futebol no bar próximo à faculdade. Esta situação é vivenciada na cidade de Juiz de Fora, em diversos bares próximos a instituições de ensino superior, nas noites de quarta-feira, quando há exibição de jogos de campeonatos diversos.

O lazer habitual, para Andrade (2001), é encontrado principalmente nos hábitos de lazer cotidiano de pessoas conservadoras ou tradicionais. Tem, por característica, um certo tipo de devotamento, por sua repetitividade ao longo tempo. Podemos citar como um exemplo de lazer habitual, o acompanhamento de séries de televisão, rotina na academia, leituras diversas, o próprio ato de assistir à televisão.

Ainda existem as formas silenciosas do lazer, que seriam as bibliotecas, as formas sonoras, ao ouvir música, e outras como televisão, cinema e teatro. Os dois últimos podendo ser considerados como lazeres artísticos por (DUMAZEDIER, 1979). Além das atividades físicas, consideradas como lazeres físicos, os universitários podem frequentar academias esportivas ou praticar algum esporte como fonte de divertimento e lazer. Ainda temos os lazeres práticos atrelados a práticas, como bordados, artesanatos, pintura. E, por último, os sociais, que são aqueles do encontro com o outro, mediante visitas, recepções, restaurantes entre outras ocasiões.

Outra faceta que compõe a cultura universitária são os rituais presentes na universidade. No momento de ingresso temos o “trote” como a primeira forma de inserção ao meio acadêmico, representando um ritual de iniciação. Esta prática é tão antiga quanto à própria origem das Universidades, como destaca Zuin (2011). O trote adotado nas universidades européias era uma prática violenta, na qual os estudantes novatos eram encarados pelos veteranos como animais, daí a palavra trote, oriunda do “trotar”.

As raízes do trote são vistas uma prática historicamente construída. Durante a Idade Média, os estudantes vindos de diversos países procuravam, na Universidade, uma possibilidade de ascensão social. “Consolidadas por seu caráter urbano, as instituições ofereciam tratamento diferenciado para cada um. Numa época de desprezo e discriminação para com o mundo rural, aos camponeses, julgados rústicos, restava o trote” (COLTRO, 1999, p. 135)

No Brasil, alguns acontecimentos ligados à prática do trote, não terminaram muito bem. Zuin (2011) destaca em seu artigo alguns exemplos de

casos de violência ocorridos com calouros. Um exemplo citado pelo autor foi o caso de um aluno, em 1980, que não resistiu às agressões físicas provocadas por veteranos, após recusa em ter seus cabelos raspados. Ainda citado por Zuin (2011), no ano de 1994, um outro aluno, dessa vez menor de 18 anos foi internado após ingerir bebida alcoólica em excesso. Um estudante de medicina da Universidade de São Paulo (USP) morto em 1999, após ser atirado na piscina do clube onde ocorria o trote, sem contar outros inúmeros casos de violência que não são registrados. Todos esses casos exemplificam a possível violência do ritual, conforme levantado pelo autor.

Devido a estas ações violentas, os trotes têm sido cada vez mais coibidos pelas instituições. Na realidade, o modo como esse ritual ocorre muitas vezes não representa a integração no novo meio, mas sim acaba por trazer humilhações, traumas e, às vezes, fatalidades como estas relatadas por Zuin (2011).

Em substituição a essas condutas intolerantes e violentas, as instituições, tanto privadas quanto públicas, vêm estimulando outras práticas de socialização entre os estudantes. O “trote solidário” vem adquirindo espaço no meio acadêmico e consiste em ações que envolvam a solidariedade, tais como doação de sangue, de alimentos, cadastro em banco de doadores de medula óssea, mutirão de limpeza entre outras iniciativas.

A prática do trote é proibida pela UFJF desde o ano de 2009, sendo incentivadas, pela instituição, iniciativas de boas-vindas, baseadas em princípios solidários. Apesar desse costume ter sido abolido no campus, ainda era possível encontrar pelas ruas da cidade de Juiz de Fora jovens com roupas rasgadas, tingidas, com cabelos cortados e pedindo moedas. Tal prática era também realizada por instituições privadas e, com isso, coibir essas atitudes nas ruas da cidade se tornou uma tarefa para o legislativo.

Em 2014, foi sancionadaa lei municipal nº 13.028 - de 23 de setembro de 2014, que dispõe sobre a vedação da realização do “trote” em vias e Logradouros Públicos no Município de Juiz de Fora. Para fins legais, é considerado trote atos que comprometam a integridade física, moral e psicológica dos estudantes, como obrigar o consumo de bebidas alcoólicas ou outras substâncias, constrangimentos, obrigar os alunos a cometer atos contra sua vontade, incitar a mendicância, praticar atos que coloquem os estudantes em situações ridicularizantes, corte de roupas, raspagem e pintura dos cabelos. Vale ressaltar que a lei não se aplica ao “trote

solidário”.

Mas os rituais não se findam apenas no início da jornada acadêmica. Para L. C. Rodrigues (RODRIGUES, L. C., 1997), a vida universitária é repleta de rituais. A autora considera as aulas, provas, comemorações, palestras, seleções de pós-graduações, contratações de docentes, formaturas de graduação e defesas de dissertações e teses como rituais.

Nossa compreensão de rito e rituais vai ao encontro de Segalen (2005) a qual considera:

> [...] un conjunto de actos formalizados, expresivos, portadores de una dimensión simbólica. El rito se caracteriza por una configuraciónespacio-temporal específica, por el recurso a una serie de objetos, por unos sistemas de comportamiento y de lenguaje específicos, y por unos signos emblemáticos, cuyo sentido codificado constituye uno de losbienescomunes de un grupo. (SEGALEN, 2005. p. 30).

Como frisado por Guilouski e Costa (2012, p.) “os rituais são compostos por uma série de ritos. Podem ser de caráter religioso e não-religioso”. Rios (2010) explicita melhor esta afirmação esclarecendo a diferença entre rito e ritual:

> Portanto, quando tratarmos de rito, estaremos nos referindo ao exato momento/evento em que o ritual é executado e observado. Assim, ritual então é todo o conjunto de elementos, fatos, personagens, tempos e símbolos aos quais o rito necessita para ser posto em prática. Ou ainda, ritual é a produção e rito a noite de estréia, da união temos a ritualização. (RIOS, 2010, p. 54).

Diante da afirmação de Rios (2010), podemos considerar a formatura como um ritual de passagem, no caso de encerramento de um ciclo. Em nosso estudo, consideramos este momento como um conjunto de símbolos e situações bem demarcadas, sendo todas as suas formalidades compreendidas como ritos contidas no ritual da formatura.

Podemos dizer que este momento é de certo modo performático, possuindo alguma teatralidade como ressalta Domingues (2013). O autor propõe uma perspectiva baseada em uma abordagem teatral ou dramatúrgica para analisar a temática dos ritos e rituais. Algo que faz sentido e vai ao encontro de nosso estudo.

> Verificou-se que o rito é composto de uma série de gestualidades teatralizadas e que isso é acentuado numa instituição moderna em que as representações públicas são realizadas em palcos com atores desempenhando seus papéis. Todo rito é composto de gestos e verbalizações previamente aprendidos e ensaiados; algumas vezes impostos por regulamentos escritos, outras por acordos tácitos. (DOMINGUES, 2013, p. 159).

A formatura, atualmente mais que um ritual, composto pelos ritos que lhe compõe tradicionalmente, graduados utilizando a vestimenta tradicional, discursos, aplausos, apresentações e, por fim, a entrega do diploma, tem se tornado um momento esperado por muitos estudantes desde o ingresso em sua instituição.

À medida que o público universitário aumentou, alguns empreendedores observaram uma oportunidade de negócio. Surgiram as empresas gerenciadoras de fundos de formatura e outras de vários segmentos, como publicidade e marketing especializadas nesse tipo de público em particular. Mais adiante iremos analisar o papel de tais atores no processo de espetacularização e mercantilização da cultura universitária.

O que podemos adiantar é que a formatura considerada ainda um ritual, passou a ser um grande evento, que movimenta o circuito da economia, gerando empregos e novos produtos a serem consumidos. A seguir, iremos analisar o caso das festas universitárias, que estão cada vez mais se aproximando de produtos mercadológicos.

# 4 O CASO DAS FESTAS UNIVERSITÁRIAS

Nesta seção iremos analisar os eventos festivos universitários de um modo geral, seus tipos, suas temporalidades e espacialidades afim de entender a dinâmica dos mesmos realizando uma reflexão sobre o conceito de festas e estes eventos vinculados a fundos de formatura, que possuem um caráter metodológico sem perder a sua essência festiva.

## 4.1 O CONCEITO DE FESTA E AS FESTAS UNIVERSITÁRIAS

O conceito de festa perpassa o senso comum como sendo uma reunião de pessoas, um festejo, um momento de descontração, sendo alvo de polêmicas por não ser um termo neutro. O Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (1986) traz como verbete festa a definição de “uma reunião alegre para fim de divertimento; conjunto das cerimônias com que se celebra qualquer acontecimento, solenidade, comemoração; dia santificado, de descanso, de regozijo”.

A percepção de festa, como destaca Guarinello (2001), é bastante fluida; o que é festa para uns, pode não ser para outros. Para Amaral (1998) uma festa com poucas pessoas, não pode ser considerada como tal. No âmbito das ciências como Antropologia, Sociologia, Geografia, História, dentre outras, o conceito de festa pode ser entendido de um modo mais complexo e profundo.

Ferreira (2006) considera as festas como inerente à natureza humana, pois desde os primeiros registros das primeiras civilizações podiam se observar situações que nos remetam a festejos. A autora destaca que as festas podem ser entendidas como um “conjunto de atos cerimoniais de caráter coletivo pela sua colocação dentro de um tempo delimitado, tido como diverso da cotidianidade” (FERREIRA, 2006, p. 112).

A festa pode ser entendida como uma exceção às regras, inserindo-se no cotidiano um momento diverso à regra. R. L. Souza (SOUZA, R. L., 2005) propõe compreender a festa como uma transgressão normatizada, contrastando com o dia a dia, “a festa celebra a ruptura ou o relaxamento de interditos sociais; sem isto, ela

não existiria. Ela é alegre, mas é organizada de forma séria, assim como o jogo" (SOUZA, R. L., 2005, p. 101).

Concordando com essa perspectiva, Pereira e Freitas (2013) entendem as festas universitárias como um momento na rotina acadêmica. O cotidiano universitário é visto como extremamente racional e entediante, sendo as festas uma compensação, pois permitem momentos de diversão e prazer. As festas universitárias assim como a festa no geral instalam-se

> [...] portanto, a partir de um momento de ruptura em relação a um universo pautado pela obediência aos superiores e pela necessidade de sobrevivência, e é precisamente o fato de configurar-se como ruptura que a justifica, mas tal ruptura é, ela própria normatizada, e compreendermos como a ruptura se dá e quais normas a regem é fundamental para compreendermos o próprio cotidiano a partir do qual ela se define. (SOUZA, R. L. 2005, p. 102).

Apesar da percepção do momento festivo como algo diferente na rotina universitária, podendo significar uma pausa entre as tarefas cansativas da graduação, devemos observar que as mesmas já fazem parte do "universo" acadêmico e podem sim significar uma pausa ou uma quebra de padrão, no entanto, elas fazem parte desse mundo. O meio acadêmico pode ser um tanto rígido, mas possui também suas compensações, e isso é esperado por muitos universitários; o momento das festas, dos churrascos, ou seja, esses eventos aparentemente possuem o papel de ruptura, mas de modo mais profundo também fazem parte da produção do cotidiano universitário, ou de uma possível identidade.

> A festa é uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. (GUARINELLO, 2001, p. 972).

No geral, as festas universitárias possuem muita animação, favorecendo um ambiente propício aos excessos, se aproximando dos processos de efervescência coletiva designado por Émile Durkheim. Para o autor, os sujeitos quando reunidos em coletividade, emanam grande fluxo energético sendo liberado por meio dessa interação.

Assim como no ritual australiano analisado por Durkheim, esse tipo de

festa reúne uma massa e indivíduos liberando grande energia. Podemos dizer, à luz do autor, que “o impulso inicial vai assim se amplificando à medida que repercute, como uma avalanche aumenta à medida que avança. E como paixões tão intensas e tão liberadas de todo controle não podem deixar de se extravasar” (DURKHEIM, 2000).

O contexto no qual ocorrem às festas universitárias encontra-se permeado por bebidas alcoólicas, multidão (no caso principalmente das festas micaretescas) e música em volume elevado. Esse ambiente pode trazer “à memória associações de juventude forte, sexualmente atraente, vencedora e destemida, usadas de modo freqüente pela mídia televisiva, tornando-se objeto de desejo de consumo da maioria dos jovens, na ilusão do poder transformador da bebida” (MUSSE, 2008, p. 6).

O recurso da bebida liberada potencializa as reações anteriormente analisadas por Durkheim: o contato direto das pessoas entre si em certos rituais favorece comportamentos excessivos. Sobre os comportamentos, “observou-se muitas vezes que as festas populares levam a excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito” (DURKHEIM, 2000, p. 456). A efervescência desencadeia atos inusitados, Corrêa (2004) compreende que,

> [...] desta forma, a tensão ou efervescência que caracteriza a festa, compreendida por uma disputa pelo poder do discurso hegemônico, será materializada sob ações binárias e antagônicas, que tanto podem buscar as qualificações deste como as desqualificações; as lembranças e esquecimentos; de estranhamentos e reconhecimentos, que por fim, geram conflitos e alianças que delimitam fronteiras, que são porosas, de trocas, tendo em vista que, o território na e, da festa é polissêmico. (CORRÊA, 2004, p. 42).

As pessoas se sentem fora das condições cotidianas da vida, tomando certas decisões e atitudes que não tomariam em outro momento. A Figura 12 ilustra a afirmação do autor na prática.

Figura 12 – Títulos de reportagens sobre abusos em festas universitárias

Fonte: A autora, 2017

Assim como o ato de celebrar, festar, aproveitar ao máximo o momento, as festas universitárias também possuem uma faceta sombria. A Figura 11 expõe este lado mais transgressor. Em rápida pesquisa, podemos observar tais afirmações. Inúmeras reportagens vinculadas em mídias online retratam as consequências dos abusos nestes tipos de evento. As situações intercorrem desde assédio, tanto sexual quanto moral, até estupros e casos de homicídio.

A fronteira entre o permitido e o não permitido pode ser considerada como uma linha tênue. Freud (1974 apud (MAIA, 2011) em sua obra *Totem e Tabu* também discorre sobre os excessos contidos nas festas. “O caso é que o excesso faz parte da essência do festival; o sentimento festivo é produzido pela liberdade de fazer o que via de regra é proibido [...] uma festa é um excesso permitido, ou melhor, obrigatório, a ruptura solene de uma proibição” (FREUD, 1974 apud MAIA, 2011, p.168).

As festas universitárias em seus diversos tipos, calouradas, chopadas, micaretescas, churrascos de integração e outras são momentos os quais os estudantes podem se abstrair do cotidiano estressante da academia.

> A festa é entendida como o momento para se divertir, se desestressar da semana, estar com os amigos, dançar, esquecer da faculdade, “encher a cara”. O cotidiano universitário é visto como aversivo, entediante, excessivamente racional. A compensação acaba sendo realizada nas festas, que abrem espaço para a diversão, o emocional, o prazer e a vivência mais intensa da música através da dança, sendo o corpo o meio para tais vivências. (PEREIRA; FREITAS, 2013, p. 748).

Entretanto esse “encher a cara” e esquecer as “regras” podem ser um tanto perigosos, pois os excessos cometidos sob o “clima” de permissividade acabam por propiciar atos inesperados e tornar as festas universitárias ao mesmo tempo um momento de prazer e também de tensão. Tendo em vista que estes eventos podem acarretar desdobramentos imprevisíveis, destruindo a ordem momentânea das coisas e situações, como destaca Damatta (1997) que encara festa como desconstrução da ordem; Callois (1950) a qual a festa auxilia um retorno ao caos original, e para Cox (1971) a festa possui um caráter de orgia.

## 4.2 OS TIPOS DE FESTAS UNIVERSITÁRIAS

A entrada na Universidade pelos jovens pode ser considerada um momento significativo, por representar um passo para a vida adulta e a possível realização profissional. Coulon (2008) aborda esse tema frisando como a passagem de aluno do ensino médio para o estudante do ensino superior pode ser delicada. Sua tese principal é a de que o sucesso na trajetória acadêmica depende, em grande parte, da inserção dos estudantes nesse novo ambiente.

Sobre as festas universitárias ao longo dessa trajetória acadêmica podemos considerar o trote como a primeira manifestação de inserção nesse meio seguido das “calouradas” (festas geralmente com bebidas liberadas que ocorrem no início do semestre letivo como boas-vindas aos novos estudantes), as festas de estilo micaretesco, festas organizadas por diretórios acadêmicos, chopadas (festas de bebidas liberadas, não sendo necessariamente o chope, mas a cerveja a bebida comercializada em questão) e para finalizar, a festa de formatura e suas festividades (festa dos cem dias, aula da saudade, baile de gala).

Passada a fase de inserção ao mundo universitário, os estudantes ainda encontram, no cotidiano acadêmico, outros eventos considerados de integração.

Assim, ao longo do período, é comum a realização de alguns encontros festivos com o intuito de promover a integração entre calouros. No curso de Geografia da UFJF, a tradicional festa “Viola e Vinho”, organizada por estudantes do Instituto de Ciências Humanas (ICH), além dos churrascos promovidos pelos cursos e festas realizadas pelas próprias instituições são alguns exemplos de ações que ocorrem com o intuito de se criar a interação entre calouros e veteranos.

Entretanto, ultimamente, festas no interior das universidades, inclusive no da UFJF, vem sendo proibidas diante de situações como abuso de álcool, violência e insegurança para os frequentadores. Os estabelecimentos estão adotando procedimentos mais cautelosos quanto à liberação de festas em suas instalações. A UFJF possui uma resolução que regulamenta festas e outros eventos em seu campus. Medidas como alvarás, proibição de consumo de bebida alcoólica por menores de idade, bem como a restrição de seu acesso, são algumas normas elencadas na resolução. O folder abaixo, ilustrado na Figura 13, representa um guia prático da UFJF acerca do que se pode ou não realizar na instituição no que tange a eventos e festas.

Figura 13 – Normas para realização de festas e eventos na UFJF

Fonte: Universidade Federal de Juiz de Fora[18]

[18] Disponível em: <http://www.ufjf.br/secom/2013/07/09/conselho-superior-aprova-regulamentacao-de-festas-na-ufjf/>.

Devido a essas exigências, alguns eventos se tornam inviáveis migrando para estabelecimentos privados, como salões de festas, casas noturnas e outros espaços para recreação. Nesse sentido, é importante destacar que as festas possuem espaços-tempos específicos para ocorrer. N. P. Santos e Mendes (SANTOS, N. P.; MENDES, 1999) sublinham que a percepção do tempo nas sociedades industriais sofreu intensas modificações. Para os autores, o tempo do trabalho parece confrontado com outros tempos sociais, com destaque para o tempo do consumo, que muitas vezes é o tempo do lazer.

Nesse cenário de novidade diante da entrada no mundo acadêmico, o estudante ainda se depara com a questão da formatura, outro ritual presente na vida acadêmica e de destaque, pois significa o fechamento de um ciclo e que trataremos mais adiante.

Porém, como mencionado anteriormente, entre o início da vida acadêmica e o seu fechamento existem momentos festivos que permeiam toda essa jornada universitária.

Após a inserção à comunidade acadêmica alguns cursos e grupos de estudantes iniciam a temporada das “calouradas”. Essas festas recebem esse nome por serem um momento de boas-vindas aos “calouros”, sendo, portanto, uma festa oferecida em homenagem aos novos estudantes da instituição.

Geralmente, as calouradas são momentos esperados tanto pelos calouros, quanto por veteranos e costumeiramente ocorrem no início de cada semestre letivo, tendo em vista que alguns cursos abrem matrículas novas também no segundo semestre do ano. Muitas instituições oferecem a calourada não somente como uma festa, mas como um conjunto de atividades para os novatos com duração de pelo menos uma semana.

Diante da proibição de festas na UFJF, a maioria das calouradas até o presente momento dessa pesquisa acontece por iniciativa dos vários cursos oferecidos pela instituição, em estabelecimentos fechados, como casas noturnas, salões de festas ou granjas e sítios. Além das calouradas, existem também, em Juiz de Fora e em todo Brasil, as festas universitárias de estilo micaretesco.

Este tipo de festa é conhecido no senso comum como “micareta universitária”, entretanto a micareta tradicional como elucida Xavier (2010) estava ligada às datas entre o carnaval e a quaresma, como um período de festa fora de época. O termo “micareta”, como salienta Duarte (XAVIER, 2010), foi cunhado no

Brasil como uma referência do segundo carnaval de Feira de Santana, sendo esta a primeira cidade a realizar um carnaval fora de época no Brasil.

Pesquisando pela *internet*, é possível ver a propaganda de inúmeras festas nesse estilo. Isso se deve ao processo de exportação pelo qual as micaretas passaram, conseguindo absorver novos públicos e se adaptando ao gosto brasileiro (XAVIER, 2010, p. 43). A autora defende o termo festa de estilo micaretesco ou festa micaretesca em detrimento ao de uso corrente, justamente por esse processo de adaptação, pois a micareta, produto da cidade de Salvador, passou a ser realizada em outros estados, em qualquer época do ano, com outras roupagens e incluindo outros ritmos musicais, além do axé, sertanejo universitário e *funk.* Para as festas universitárias que ocorrem nesses moldes, o ritmo do sertanejo universitário e o funk foram bem aceitos pelo público.

Sobre as festas de estilo micaretesco, em Juiz de Fora, a mais recente edição foi o “Carnafacul”, realizado em 2014, com origens em São Paulo, e que agora está sendo exportada para outras cidades, de modo itinerante. No entanto, a maior festa neste estilo realizada no município foi o “Carnadministrando”. Este evento era organizado pelo grupo Viva, considerada desde 2009 pela mídia local e pelos participantes como a melhor festa universitária da cidade. Abaixo a Figura 14 destaca o flyer de divulgação do evento.

Figura 14 – *Flyer* do Carnadministrando edição 2013

Fonte: PORTAL ON, c2017[19]

[19] Disponível em: <http://www.revistaon.com.br/agenda/95/carnadministrando_2013_tire_a_sorte>.

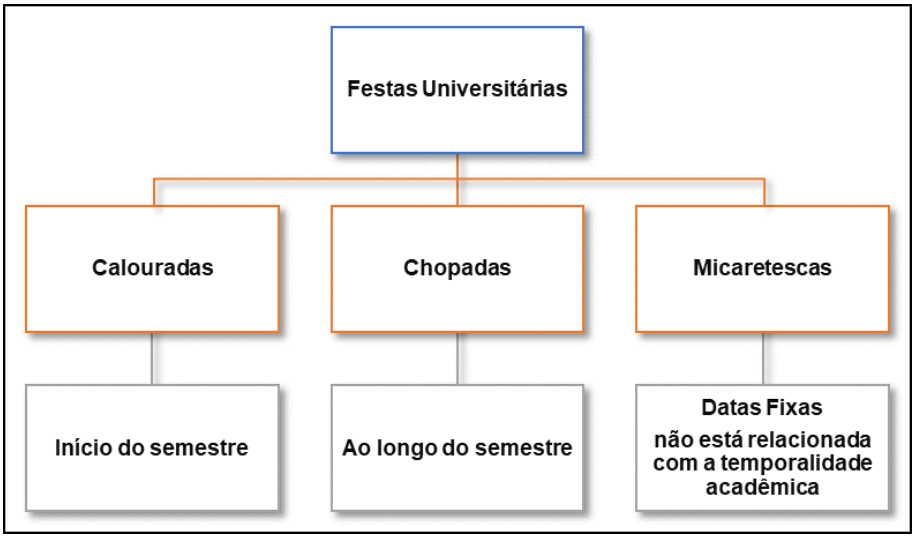
Geralmente, as festas de estilo micaretesco, tanto as chamadas “universitárias” como as tradicionais, oferecem bebidas liberadas, abadás (camisetas do evento para identificar os brincantes de acordo com o ingresso adquirido), blocos e o trio elétrico.

Existem também as chopadas, que podem ser oferecidas no início do semestre como uma calourada, ou durante o ano em qualquer época. Esse tipo de festa é caracterizado pelo oferecimento de bebida liberada e mais recentemente tem sido conhecida como festas *open bar*. Comumente são realizadas por empresas de fundo de formatura. Mais adiante, iremos abordar com maior profundidade as chopadas e as empresas que as promovem. Por último, temos a formatura, que engloba uma série de elementos, entre eles o baile de gala. Em um tópico à parte, analisaremos a questão da formatura e sua relação com a mercantilização da cultura universitária.

## 4.3 A TEMPORALIDADE E ESPACIALIDADE DO FESTAR UNIVERSITÁRIO

Assim como as festas populares, as festas universitárias ocorrem em um espaço- tempo específico. São eventos efêmeros e transitórios, perdurando algumas horas, dias ou semanas (MAIA, 1999). Percebemos que as festas universitárias não seguem um calendário padrão e ocorrem ao longo do ano. Destacamos as calouradas como festividades que marcam o início do semestre letivo, as chopadas ocorrem durante os semestres e as de estilo micaretesco com datas fixas. A Figura 15 ilustra um esquema entre as festas universitárias e a temporalidade das mesmas.

Figura 15 – Temporalidade das festas universitárias




Fonte: A autora, 2017

Para os festeiros a temporalidade da festa não é muito relevante, pois os participantes não se importam com as datas e sim com o evento, conforme Duarte (2005 apud XAVIER, 2010, p. 60). De acordo com a autora, isso favorece a criação de novas festas produzindo a tradição inventada.

Nesse sentido, Silva (2012) afirma que as festas estão em constante transformação e são abertas às influências, novas mídias e novos contextos o que as impulsionam a serem repaginadas e reinventadas. O autor compreende as festas como eventos, à luz de Santos (2006) o qual encara eventos como únicos e singulares, “na verdade, os eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes, ali mesmo onde estão, novas características”.

A tradição então é inventada e surgem as “tradicionais” micaretas universitárias. Inventada, pois as festas universitárias surgem no contexto acadêmico, em meio à necessidade de se quebrar a rotina, como um momento de fuga e compensação. Posteriormente, essa festa original passa a ser observada como algo atrativo que ultrapassa a finalidade do encontro e diversão. Passa a ser observada como um negócio, uma nova oportunidade de se obter lucro. Assim foi a trajetória da festa Carnadministrando, considerada a maior “micareta” universitária de Juiz de Fora e região. No caso desta festa em particular, sua origem se deu em meados de 2003 quando cinco jovens estudantes dos cursos de Direito, Odontologia e Administração, com idades entre 19 e 21 anos criaram um evento universitário

despretensioso com o intuito de integração entre estes diferentes cursos. Os organizadores batizaram a festa de “Administrando a boca direitinho”, ou ABD, uma alusão aos três cursos.

O evento foi considerado pelos idealizadores como bem sucedido, o que os impulsionou a criar uma pequena empresa denominada ABD Produções após a realização da festa. A posteriori, no ano de 2007, a empresa passa a se tornar um grupo intitulado de “Viva. Formaturas Personalizadas”, e atualmente com a expansão da empresa, a qual iremos abordar em outro momento, temos finalmente a “Viva Eventos”.

Com a criação deste embrião da atual “Viva Eventos”, outras festas foram realizadas tais como "Administrando da Copa", durante a Copa do Mundo de 2006, e o “Carnadministrando”, que nasceu também em 2006. Em 2012, ocorreu a última edição do “Administrando a boca direitinho”. Ao todo foram 9 edições anuais deste evento. Neste mesmo ano, o grupo realizou a única edição do “Carnasertajeo”, outro desdobramento do ABD. Sobre o “Carnadministrando”, esta festa aconteceu entre os anos de 2006 até 2014, sendo esta a sua última edição.

Um diferencial das festas promovidas pelo grupo, como aponta Johnny Franco, atual gerente de marketing do grupo, era o formato *open bar*, diferente de outras festas, como a JF Folia, também no mesmo estilo micaretesco, porém não havia as bebidas liberadas; estas eram servidas em quiosques montados no circuito onde ocorria a festa e também em bares exclusivos em seus camarotes. Johnny também destaca o trio elétrico como outro diferencial, pois o mesmo era móvel com camarote 360º graus.

Devido à própria expansão da empresa, o declínio no Axé com a ascensão do sertanejo universitário - próprio desdobramento do Carnadminstrando em uma edição de Carnasertanejo - já sinalizava uma tentativa de transformação da festa por parte da empresa e os casos de violência em torno deste tipo de evento acarretou o fim da festa considerada tradicional na cidade. Sobre esta questão, Xavier (2010) afirma que tais festas são tradicionalmente inventadas. “A nomenclatura da festa como micareta, folia ou indexando-se alguma referência ao carnaval (Carnabeirão, JF Folia, Micarê Goiânia) tornam-nas objeto do interesse de grandes empresas, desejosas de associar suas marcas a estes eventos atraentes ao público” (XAVIER, 2010, p. 63).

Por terem uma data fixa, as festas micaretescas, ABD e

Carnadmininstrando, eram bastante esperadas pelos foliões. Apesar de serem denominadas “universitárias”, as mesmas não ocorriam nos espaços acadêmicos e tão pouco eram frequentadas apenas por estudantes universitários. Muito pelo contrário. Os eventos tomaram grandes proporções, sendo frequentados por pessoas de cidades vizinhas e também do estado do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Alguns participantes chegavam à cidade e se hospedavam em hotéis da cidade. Como exemplo, podemos citar o Hotel dos Viajantes que ainda mantém em sua página uma nota sobre a festa, no *menu* “Eventos”, disponível em: http://hoteldosviajantesjf.com.br/component/content/article/106-sample-sports-news/1253-thelodge-paris.html.

A véspera da festa era um momento de espera e curiosidade, pois alguns dias antes do início, os participantes realizavam a troca do ingresso de papel pelo “abadá” (uma espécie de uniforme de festas de estilo micaretesco e micaretas). Essa vestimenta é um elemento muito importante para o folião que irá brincar. A Figura 16 representa a chamada realizada em 09 de abril de 2014 por meio do perfil oficial da festa na rede social *Facebook*para a troca de ingressos por abadás. Ele era entregue apenas na véspera do evento para evitar fraudes.

Figura 16 – Troca de abadás – Carnadministrando 2014

Fonte: Carnadministrando Oficial[20]

[20] Disponível em: <https://www.facebook.com/Carnadministrando/photos/a.287272707959037.75808.238187846200857/763090483710588/?type=3&theater>.

Outro momento peculiar atrelado à temporalidade específica destes eventos é o chamado “esquenta”, que é o uso de bebidas alcoólicas antes da festa. Apesar de serem “open bar”, muitos participantes utilizam essa prática antes de irem de fato para o evento.

Sobre a espacialidade das festas universitárias, temos que levar em conta seu tipo, pois para cada evento teremos uma demanda diferente. As calouradas, geralmente, acontecem com mais intensidade no início do ano e irão demandar espaços que combinem com esta época. Muitas são realizadas em granjas (chácaras ou pequenos sítios). A empresa juiz-foranaPhormar, especializada em formaturas, possui um imóvel, a Granja da Phormar (Figura 17) onde realiza a maior parte das calouradas e chopadas promovidas pelos estudantes que contratam seus serviços.

Figura 17 – Granja da Phormar

Fonte: Granja da Phormar[21]

Como são realizadas em meses mais quentes, fevereiro e março, esse tipo de espaço atrai muito os participantes, o que fez com que a empresa até

[21] Disponível em: <http://phormar.com.br/local/granja-phormar/>.

adquirisse um imóvel com esta finalidade, para otimizar os gastos com locações. Geralmente, as granjas contam com ampla área verde, piscina, churrasqueira e salão de festa, o que permite aos partícipes maiores possibilidades de diversão.

Outro ponto relevante diz respeito à localização dessas propriedades. De acordo com a configuração espacial da cidade, a grande maioria das granjas e sítios está localizada em bairros afastados do centro ou até mesmo na zona rural de Juiz de Fora. Algumas são bastante isoladas, o que confere privacidade ao evento e evitam problemas em relação ao som elevado ou outras situações, tais como brigas e desentendimentos.

Além de granjas e sítios, são frequentemente utilizados boates e salões de festa. Estes locais, assim como aqueles, também se encontram em regiões mais afastadas da cidade, pontos onde se tem menos residências, pois existem normas urbanas quanto ao uso e ocupação do solo, evitando desta maneira problemas em relação ao alto volume de carros de som e do próprio estabelecimento, aglomeração de pessoas nas vias, possíveis ocorrências de violência entre outros imprevistos possíveis.

As festas universitárias são uma realidade no cotidiano acadêmico; no entanto, nossa pesquisa se foca no ritual da formatura, e, de acordo com nossa perspectiva, essas festas (calouradas, chopadas, churrascos) são parte integrante da cultura universitária, se tornando, em alguns casos, produtos e subprodutos oferecidos pelos fundos de formatura como veremos no próximo capítulo.

# 5 A FESTA E O NEGÓCIO: O RITUAL DA FORMATURA COMO UM PRODUTO MERCADOLÓGICO

A formatura pode ser considerada um ritual de passagem, destacamos neste capitulo a importância deste momento para os formandos e seus familiares e as relações sociais e econômicas que engendram esta etapa da vida acadêmica. Analisaremos as relações de mercantilização que envolve todos esses elementos discutidos anteriormente por parte das empresas de gestão de fundos de formatura e demais eventos festivos universitários.

## 5.1 FÁBRICA DE SONHOS: AS EMPRESAS ESPECIALIZADAS EM GERENCIAMENTO DE FUNDOS DE FORMATURA

Desde a entrada na universidade o momento da formatura é aguardado tanto pelos graduandos como por seus familiares. Como destaca Vieira (2004), os acadêmicos “arrecadam fundos desde o início do curso para custear as despesas que as comemorações acarretam. À expectativa dos acadêmicos, acrescenta-se a longa espera familiar e dos amigos” (VIEIRA, 2004, p. 8).

Recentemente, esse ritual tem ganhado muito *status* e *glamour*, por conta de serviços especializados em satisfazer as necessidades e anseios de seus clientes. Contudo, a autora reforça em seu trabalho que as cerimônias de autorga de grau na idade média possuíam também este caráter. Para ela, essa tradição ainda permanece no imaginário das pessoas despertando o desejo por cerimônias elaboradas e luxuosas.

> É possível que o luxo crescente da vida universitária, a exclusão dos pobres e o modo de vida aristocrático dos doutores tenham atraído cada vez mais para as universidades nobres de antiga nobreza. Nesta linha de raciocínio, a ostentação torna-se também a marca das cerimônias universitárias. (VIEIRA, 2004, p. 8).

Para atender aos anseios desse público específico, surgiram as empresas gerenciadoras de fundos de formatura. A maior parte destas empresas emergiu em

meados dos anos 2000, juntamente com o aumento do número de matrículas em estabelecimentos de ensino superior, que ocorreu principalmente devido a políticas públicas, como Prouni e Reuni.

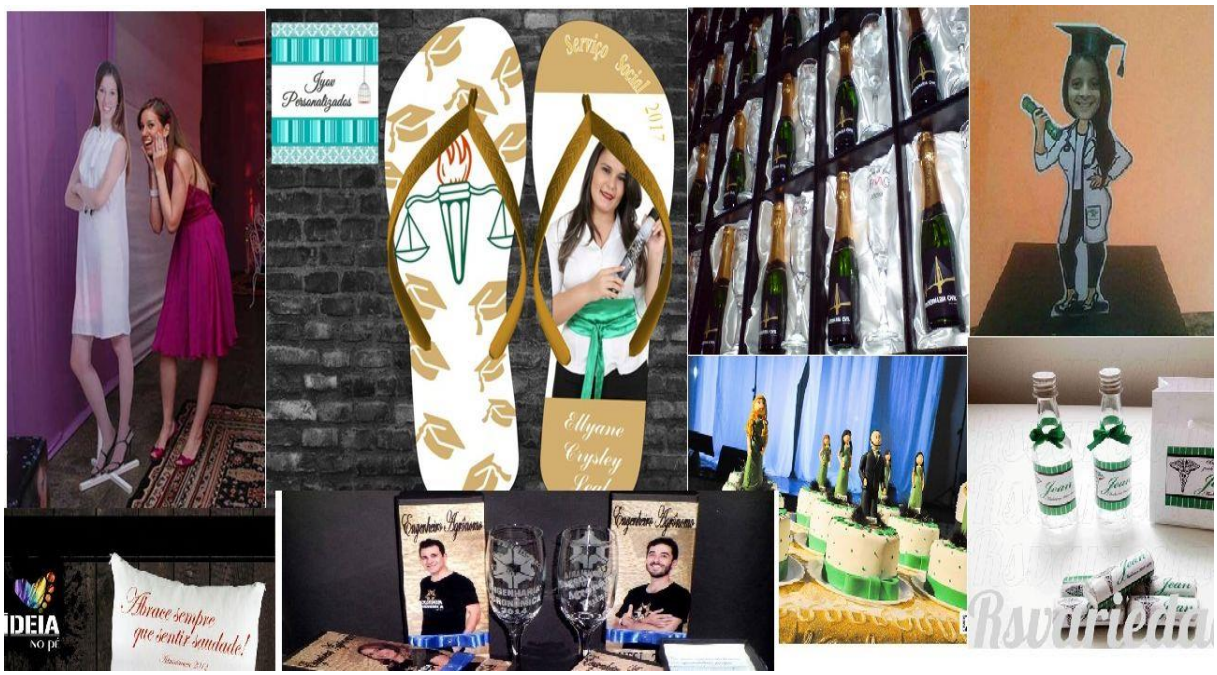
Uma empresa desse ramo geralmente presta acessoria aos formandos, cuidando da parte financeira do fundo de formatura e organizando os eventos. Em Juiz de Fora, destacam-se duas empresas deste segmento: A Viva Eventos e a Phormar formaturas.

A primeira empresa é a mais atrativa na cidade, uma vez que expandiram seus negócios para outros formatos, como grandes eventos open bar, casamentos, reuniões de negócios e foi a pioneira do segmento a atuar por meio de franquias. Atualmente, devido a este sistema, a empresa possui franqueadores por diversas cidades do Brasil. A empresa Phormar tem uma atuação mais regional e apesar de atuar há 20 anos no ramo, não se utiliza desse sistema de franquias e possui enfoque no público universitário.

O primeiro contato dos estudantes com estas empresas ocorre logo no início do curso. Geralmente, o primeiro contato pode partir tanto dos estudantes quanto pelas empresas; entretanto, é bastante comum partir das empresas, realizando a apresentação de suas propostas indo às instituições. Nessa primeira abordagem, as empresas apresentam para os estudantes os serviços que oferecem; logo após os interessados montam uma comissão e fecham o negócio com a empresa escolhida.

As empresas que realizam este tipo de serviço podem ser encaradas como verdadeiras fábricas de sonhos, já que se tratando de formaturas, nenhuma ideia é mirabolante. Algumas empresas oferecem diversos serviços e produtos ao gosto do cliente. A Figura 18 mostra alguns produtos incluídos no pacote de festa de formatura.

Figura 18 – Brindes de formatura



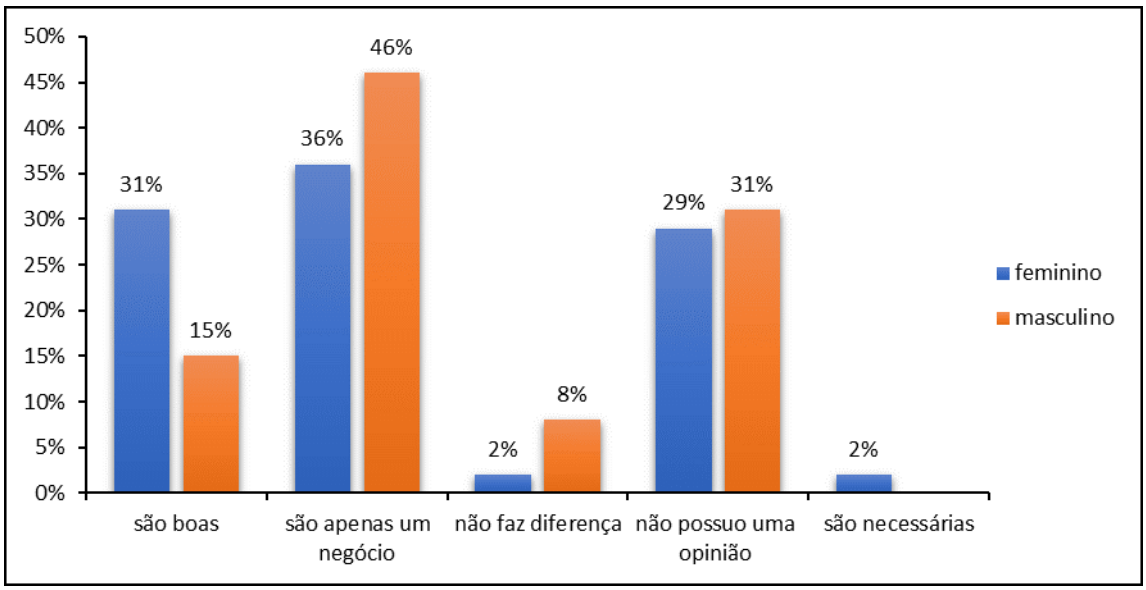

Fonte: A autora, 2017

Como podemos observar, a criatividade é um elemento muito presente neste segmento. O empresariado oferece inúmeras sugestões de formatos de festas e brindes. Atualmente, são muito procurados os chinelos personalizados, painéis com fotos dos formandos, canecas e copos, almofadas, taças, garrafas de espumante, enfim, são vários produtos que incrementam a festa e o pacote contratado.

Esses vários produtos possuem grande geograficidade, pois movimenta um grande circuito, geram emprego, renda e também estimulam a criação de novos negócios, além de redes de fornecedores em várias cidades ou estados (no caso dos fabricantes de brindes, nem todas as empresas são sediadas em Juiz de Fora). Observamos que em torno da formatura, existem vários produtos acessórios. Por meio do aparecimento das empresas de fundo de formatura com sugestões para a festa e também por modismos, surgem várias ideias que dão origem a pequenos negócios, como lojas especializadas em confecção de sandálias personalizadas, estamparia de camisas, serviços gráficos, artesanato e outros.

Sobre as empresas gerenciadoras de fundos de formatura, a opinião dos estudantes universitários entrevistados na UFJF não é unânime (gráfico 5).

Gráfico 5 – Opinião dos estudantes em relação às empresas de fundo de formatura




Fonte: A autora, 2017

Como podemos perceber, a maioria dos estudantes encara as empresas gerenciadoras de fundos de formatura como apenas um negócio, porém de forma positiva, pois estas empresas organizam melhor a logística de um evento desse porte. Alguns entrevistados comentaram que estas empresas possuem uma importância relevante, pois muitos ao ingressar na universidade, não possuem experiência em organizar eventos, o que pode gerar desentendimentos e frustrações.

Alguns pontuam que tais empresas chegam a ser inconvenientes e muito insistentes na tentativa de concretizarem o negócio. Em uma de nossas entrevistas, um estudante declara “por muitas vezes, observo que prometem muitos atrativos para as festas ao longo do curso e não cumprem. Eu acho os preços altos das mensalidades” (ESTUDANTE 10, jornalismo)

Isso é relevante, uma vez que as empresas embutem cada vez mais serviços e produtos para incrementar esse momento. Algumas, como o caso da empresa VIVA, possuem opções de shows com bandas locais a artistas de nível nacional, como a cantora Anitta, Preta Gil, Claudia Leite, entre outros.

Obviamente estas opções estão ligadas à renda como destaca o estudante ao comentar sobre os altos preços cobrados, sendo este um assunto recorrente em nossas entrevistas. Esses pacotes de formatura são iniciados

juntamente com o curso, geralmente no primeiro período. As mensalidades vão se arrastando até a data da formatura, o que em média demora quatro anos.

De um modo geral, a maioria dos estudantes sinalizou satisfação com a atuação destas empresas, pois prestam serviços de qualidade e cumprem com o combinado.

Outro relato interessante foi em relação às desavenças geradas por causa das formaturas; o entrevistado em questão classificou como positiva a intervenção de uma empresa, pois muitas vezes fundos de formatura gerenciados pelos próprios alunos costumam causar desentendimentos. As empresas, para este entrevistado, gerenciam melhor a preparação do evento, sobretudo em relação à gestão financeira.

Sobre essa questão, é interessante observar como o mercado se inova e cria alternativas para reproduzir o capital. Pensando nisso, a empresa VIVA desenvolveu um aplicativo de gerenciamento financeiro, chamado de Viva Bank. Nele, o cliente pode gerenciar totalmente as despesas de seu fundo de formatura, imprimir seus boletos, verificar o saldo da conta, entre outras funções.

Enfim, tais empresas superaram as expectativas ultrapassando os negócios de gerenciamento financeiro e burocrático da formatura, passando a oferecer outros serviços e criando novas demandas, como produção de softwares, produtos personalizados, empresas como as especializadas em fotografia para formaturas e outros. Veremos a seguir o processo pelo qual a formatura vem passando: a sua mercantilização e espetacularização.

## 5.2 O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR: A FORMATURA COMO UM ESPETÁCULO

A formatura, sob um ponto de vista prático, é apenas uma cerimônia de outorga de grau; o momento em que o estudante recebe a autorização formal para o ingresso em sua carreira profissional via diploma universitário, passando a gozar de todos os direitos que o título lhe ofereça. Sob a perspectiva antropológica, mais precisamente sob a visão de van Gennep (2011) em *Ritos de Passagem*, ela é bem mais que esta descrição formal. A formatura possui uma série de símbolos, ritos e pode ser considerada um ritual. Para os estudos geográficos, os rituais possuem

espacialidades e temporalidades, as quais iremos analisar mais à frente.

Sobre as características do ritual em si, destacamos “a vestimenta de professores e alunos, evocando as antigas vestes dos docentes e discentes das universidades medievais: a capa longa e preta, o capelo aveludado, a borla com granjas e galões. Essas vestimentas típicas têm a função de esconder seu portador” (VIEIRA, 2004, p. 9); a autora, concordando com DAMATTA (1997), ainda cita que estas vestes teriam a função de ruptura com o cotidiano, pois fazem uma separação dos papéis vivenciados pelos sujeitos durante o ritual e sua rotina diária. Na Figura 19, observamos os participantes de uma formatura *fake* devidamente trajados para ocasião.

Figura 19 – Alunos trajados para a colação de grau contrata pelo fundo de formatura

Fonte: Arquivo pessoal de Vinicius Gomes formado em Matemática pela UFJF, 2014.

Entretanto, mais recentemente, como já mencionado anteriormente, a formatura não se resume apenas ao momento do ritual. Desde a entrada em um fundo de formatura até a data do baile de gala, muitas etapas acontecem. Encaramos isso como uma possível mercantilização deste ritual, pois tal momento acaba se tornando um produto mercadológico nas mãos do empresariado.

A formatura passa a ser vendida em um pacote com vários produtos: a festa dos cem dias (cem dias antecedentes ao baile de gala), churrascos, chopadas, aula da saudade (festa geralmente à fantasia onde alguns professores são convidados e homenageados, conforme figura20), Buffet, celebrações religiosas, brindes para serem vendidos e baratearem o custo do evento, brindes que serão entregues aos convidados, show, fotografia, enfim, uma gama bastante extensa de atividades e produtos envolvidos.

Figura 20 – Aula da saudade - turma Geografia UFJF

Fonte: Vanely Andressa, arquivo pessoal, 2015.

São criados verdadeiros cenários para as festas universitárias contidas nos pacotes de formatura e também para o baile de gala, altamente requintados

> A elaboração desses cenários está relacionada à função semiológica de determinar a ação no espaço e no tempo, contendo signos que se relacionem com as mais variadas circunstâncias. Podem tanto representar o lugar social das profissões (laboratório, sala de aula) como significar o tempo histórico (templo grego, mitologia). A cenografia é expressa através de variados meios, dependendo da época, da tradição, dos gostos pessoais e das condições materiais do espetáculo. (VIEIRA, 2004, p. 9).

A iluminação também possui um papel importante, pois “delimita o lugar

teatral, por meio do facho de luz concentrado numa determinada parte do palco, que significa o lugar momentâneo da ação" (idem, p.9). Outra característica presente atualmente são as músicas de tema e também os vídeos com fotos dos formandos e momentos marcantes.

Todas essas novidades podem ser vistas como modismos e novas necessidades, afinal no passado os grandes bailes de formatura se baseavam na festa, na boa comida, no jantar, na banda. Recentemente, novos costumes dos estudantes universitários surgem e assim a formatura vem sofrendo uma releitura com elementos novos como destacam L. M. Marques e Brandão (2015)

> A festa se dá pela oralidade, pelo ritual, pela doação e forma um ciclo exterior ao tempo e ao espaço. Ela é dinâmica, se reinventa, transforma e se insere na globalidade, agregando novos símbolos e se metamorfoseando. Dá-se origem então a uma nova manifestação, com elementos renovados, mas formulados a partir do tradicional, dos cheiros, da fé, das cores e dos valores. (MARQUES, L. M.; BRANDÃO, 2015, p. 12).

Essas relações e novidades podem ser naturalizadas pela mídia e a indústria da propaganda, pois "o marketing, a propaganda e a imprensa vendem para as amplas massas sonhos e desejos irrealizáveis. Inculcam 'necessidades' supérfluas, alienantes, alienadoras e alienadas." (TAFFAREL, 2013, p. 95).

Os meios de comunicação em massa, a grande mídia e indústria do marketing e propaganda podem ser um dos responsáveis por criar essas novas demandas. Theodor Adorno em sua obra "Indústria cultural e sociedade" critica a homogeneidade da cultura transmitida à sociedade pelos meios de comunicação em massa, que tendem a pasteurizá-la, tornando-a uma massa uniforme. A indústria cultural torna-se responsável por engessar a cultura, por meio de suas regras.

Assim como Taffarel (2013) destaca as necessidades criadas pelo processo de reprodução do capital, Harvey (2012) também nos afirma sobre essa busca crescente por mercados culminando na criação de necessidades supérfluas. O sucesso desse processo está no "crescimento mediante a destruição criativa, cria novos desejos e necessidades. Transforma espaços e acelera o ritmo da vida" (HARVEY, 2012, p. 308).

Devido ao novo cenário favorável ao surgimento de demandas voltadas para o público universitário, as festas de formatura comercializadas por tais empresas de gestão de fundos podem ser consideradas verdadeiros "espetáculos",

conforme divulgado pela empresa VIVA em um *flyer* em seu *slogan* de *marketing*, como mostramos em destaque circular na Figura 21 a seguir.

Figura 21 – Viva Eventos, mais que eventos, verdadeiros espetáculos

Fonte: Viva Eventos[22]

No entanto, para nós a palavra espetáculo possui um sentido mais profundo do que apenas uma festa grandiosa e bem organizada. Debord (2003) entende por espetáculo a relação social entre as pessoas mediatizada por imagens. O autor, em sua clássica obra “A sociedade do espetáculo” com sua primeira edição em 1967, faz uma criticaa sociedade contemporânea caracterizada pelo consumo de massa e a transformação da cultura em mercadoria por meio principalmente da mídia e da propaganda.

Para Rios (2010), a imagem no momento da formatura é diante desse novo contexto midiático em que estamos inseridos bem mais relevante do que sua real função, como frisa a autora

---

[22] Disponível em: <http://www.vivaeventos.com.br/viva-e-premiada-pelo-top-mind-2014-como-empresa-de-eventos-mais-lembrada-em-jf/>.

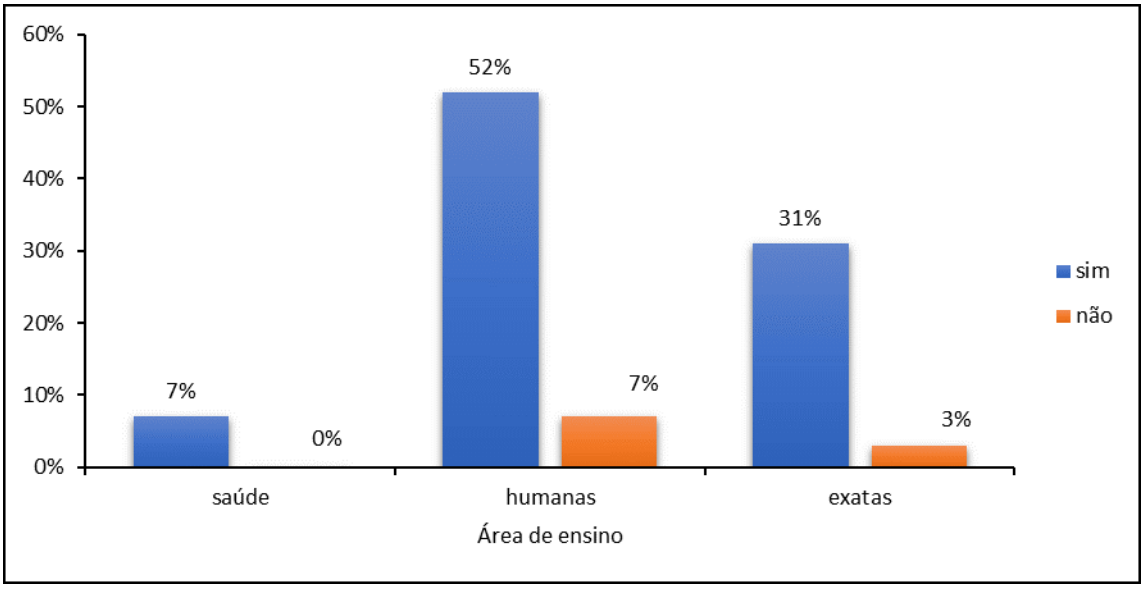
> A sedução pela exposição da imagem permite que ela manipule o meio, infiltrando-se nos mais comuns e tradicionais afazeres, redimensionando-os e revalorando-os, transformando uma simples caminhada no parque em desfile de passarela. Ao trote e, principalmente, à formatura, vale mais *estudar* a roupa, o penteado, a música, o convite, a filmagem... a lembrar que a partir daquele evento, fundamentalmente, deixa-se de ser estudante e passa-se à profissional (no Brasil atual é mais provável que se torne desempregado). (RIOS, 2010, p. 90).

Ainda sobre a imagem, à luz de Debord, a sociedade contemporânea, por meio dos processos de reprodução do capital, se comporta passivamente ao mundo real, contemplando sua realidade, ou ainda sim alienada ao mundo real que a cerca. “O espetáculo na sociedade representa concretamente uma fabricação da alienação... O espetáculo é o capital a tal grau de acumulação que se torna imagem” (DEBORD, 2003, p. 26). Sobre a transformação da festa em espetáculo, Rios (2010) pontua

> ainda há um novo aspecto a ser tratado aqui. A transformação da festa em espetáculo. Até mesmo os aniversários antes comemorados restritamente a alguns convidados, hoje se esganiçam em equipamentos de som acionados pelos famigerados carros-mensagem ou estampados em fotos e frases gigantescas nos outdoors da cidade.Essa onda de necessidade midiática transformou o trote em caso de polícia, pois este incorporou ao ritual a violência, e fez da formatura uma busca constante por recursos inovadores como pirotecnia e apresentações circenses, neste caso havendo ainda o esvaziamento do significado da formatura como a garantia do emprego e da renda. (RIOS, 2010, p. 80).

Ao entrevistar os estudantes da UFJF a respeito da formatura, a maioria acredita que as festas estão cada vez mais glamourizadas e luxuosas. Esses apontamentos presentes na obra de Debord (2003) nos fazem refletir sobre esta questão da espetacularização da formatura. Para os estudantes, as festas estão cada vez mais espetacularizadas. Entendemos que este fato se deve, em parte, pelo ~~o~~ reflexo do trabalho das empresas de gerenciamento de fundos de formatura. O gráfico 6, abaixo representa a opinião dos entrevistados sobre o fato da formatura estar se tornando uma festa-espetáculo.

Gráfico 6 – Opinião dos estudantes sobre a espetacularização das festas de formatura




Fonte: A autora, 2017

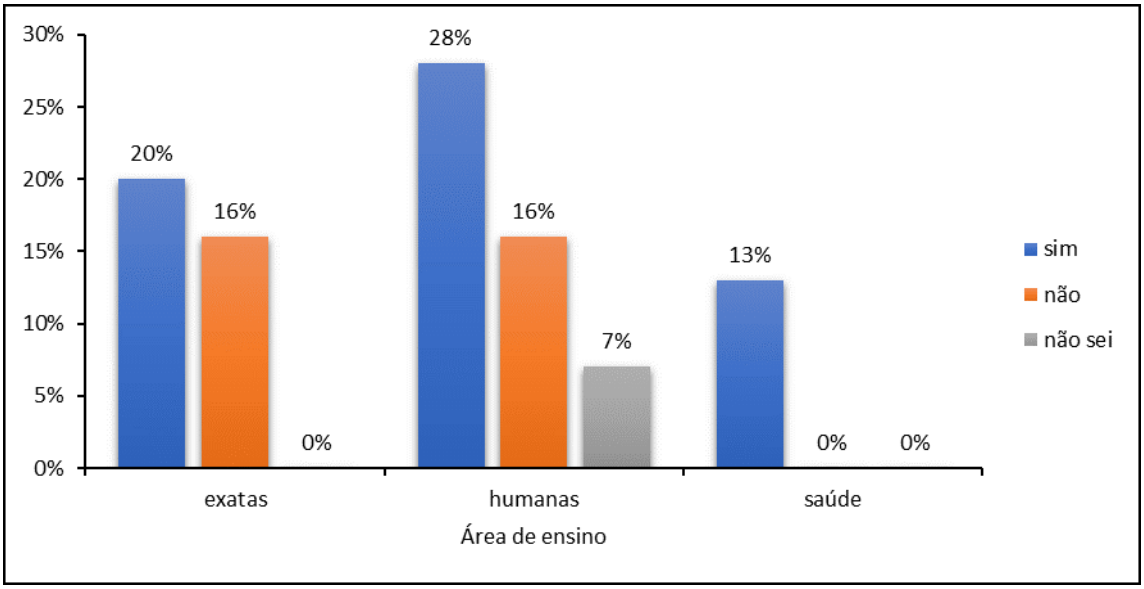
Além da aparência da festa, nos chama a atenção o quesito participação dos estudantes. Antes dessas empresas atuarem de maneira intensa, esses procedimentos eram realizados pelos próprios acadêmicos. Montava-se um fundo de formatura com tesoureiro, no caso, um aluno que seria responsável pela parte financeira. As decisões eram tomadas por todos, e uma comissão era formada e se encarregava de contratar todos os serviços, fotógrafos, Buffet, banda de música, salão.

De certo modo, este tipo de organização demanda tempo e pode ser desgastante como relatado na reportagem “Com a beca e a calculadora na mão” veiculada em 17/02/2013, online, no jornal Gazeta do Povo. “A turma não decide e depois critica a comissão. Quando as coisas estão certas, parece que passa uma nuvem e tudo muda”, diz Diogo Bona Pereira, 21 anos, presidente da comissão de formatura de uma turma de Administração da Universidade Positivo (UP).

Nestas situações entram as empresas gerenciadoras de fundos de formatura, porém os serviços prestados por estas empresas, podem diminuir ou retirar em parte o envolvimento dos participantes da gestão da festa. Aliás, o intuito de contratar uma empresa deste segmento é justamente esse, mas em nossa percepção, isto produz uma alienação em relação a estes assuntos, reduzindo este momento de espera e preparação a apenas o ato de se pagar as mensalidades.

Justamente por este motivo muitos estudantes da UFJF optaram por contratar alguma empresa gerenciadora de fundo de formatura, como ilustra o gráfico7.

Gráfico 7 – Contratação de empresa de fundo de formatura




Fonte: A autora, 2017

Observamos por meio do gráfico acima que a maior parte das turmas que contrataram este tipo de empresa para organizar suas formaturas pertencem a cursos ligados as ciências humanas, tais como história, geografia, psicologia, ciências econômicas e outros. Se isolarmos cada categoria, temos: 56% dos entrevistados de ciências exatas disseram que suas turmas contrataram ou irão contratar empresas deste segmento, contra 44% que não optaram por contratar uma empresa desse tipo. Já aqueles estudantes pertencentes ao grupo das ciências humanas, 56% disseram que suas turmas optaram por fechar pacotes com empresas especializadas, 31% disseram que suas turmas não irão contratar e 13% disseram que não sabiam se a turma iria fechar com alguma empresa. No grupo dos estudantes pertencentes à área da saúde, temos a adesão de 100% das turmas, no caso dos estudantes que foram entrevistados.

Nos grupos em que houve a contratação destes serviços, os estudantes justificaram ser por conta da praticidade de se ter uma empresa para resolver as questões financeiras e administrar a organização das festividades. A importância de se ter uma festa como um fechamento do curso também foi bastante citada pelos

estudantes como um motivo para contratar tais empresas.

A maior parte dos estudantes que disseram que a turma não irá contratar uma empresa de fundo de formatura (e nem irão organizar por conta própria) alegou o custo do evento como um fator impactante. Alguns estudantes disseram que o contato logo no início do curso também foi um ponto negativo, pois alguns não estavam certos do curso escolhido, outros não sabiam se iriam continuar ou quando terminariam o curso. Mas, sem dúvida, o fator 'renda' foi bastante citado por aqueles que disseram não participar do fundo. Até em entrevistas onde se afirmava participação da turma, houve comentários a respeito dos altos custos da festa, que acabavam por excluir aqueles alunos de menor poder aquisitivo. Podemos verificar estas afirmações por meio das entrevistas abaixo:

> *Escolhi não participar por achar um investimento muito grande para minha situação momentânea*. (ESTUDANTE 80, Engenharia de Produção)

> *Prefiro utilizar o dinheiro para viagem, em vez de investir muito dinheiro em pouco tempo, porém adoro ir nas que sou convidado*. (ESTUDANTE 5, Geografia)

> *Pois meu curso não é unitário quanto as turmas que ingressam em relação à turma formada; além disso, o curso não estimula a prática*. (ESTUDANTE 10, Bacharelado interdisciplinar de Ciências Humanas)

> *Preços abusivos. O dinheiro aplicado poderia ser investido em alguma aquisição pessoal. Fora os gastos extras que podem surgir caso o estudante não tenha entes na cidade. O evento em si é maravilhoso e importante para cada um, mas não vale o preço que é pago*. (ESTUDANTE 51, Jornalismo)

Outro ponto levantado, sobretudo pelos estudantes pertencentes aos bacharelados interdisciplinares de ciências humanas, como relatado pelo estudante 10, foi a questão da organização do curso. A turma em questão não possui uma unidade, pois a grade dos períodos fica "em aberto" para que os estudantes possam escolher algumas disciplinas; escolhas que se dão de acordo com o curso que irão seguir após a segunda etapa do curso.

De acordo com o site da UFJF, os Bacharelados Interdisciplinares (BIs) são programas de formação em nível de graduação de natureza geral, que conduzem ao diploma, organizados por grandes áreas do conhecimento. Possuem dois ciclos: o primeiro, geralmente, dura dois anos. Após sua conclusão, o aluno se

forma e tem, no caso do bacharelado em ciências humanas (BACH), o título de bacharel em humanidades; posteriormente, graduado, passa por uma seleção interna e escolhe qual curso irá ingressar para concluir sua formação.

Atualmente, o Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas oferece em seu segundo ciclo as graduações em ciências da religião, turismo, filosofia e ciências sociais. Devido a esta dinâmica, as turmas não veem muito sentido em organizar um fundo de formatura, razão pela qual optam por não participarem.

Além desta questão, o estudante 51 relatou a questão dos graduandos migrantes, pois devido a este fato os gastos com hospedagem e transporte de parentes podem impactar nos custos do evento. Além disso, relata a questão dos altos preços cobrados por estes serviços, aliás, muitos entrevistados consideram extremamente fúteis e exagerados certos incrementos da festa, como alguns brindes e suvenires.

Os altos custos da formatura podem ser explicados pelo fato de os pacotes de serviços apresentados aos clientes já serem pré-formatados. A empresa gerencia toda a parte burocrática, a turma cria uma comissão e escolhe algumas opções dentro do que a empresa já oferece. A Figura 22 é um esquema vinculado na reportagem mencionada anteriormente constando o orçamento de uma festa de formatura para 100 formandos. Este orçamento é bem exagerado, tendo em vista o número de alunos que chegam a concluir o curso. Situação bastante comum é a fusão de turmas de diferentes períodos para se conseguir chegar a um número mínimo de pagantes do pacote. Dependendo do número, a empresa não consegue prestar o serviço.

Figura 22 – Orçamento de uma festa de formatura para 100 formandos

NA PONTA DO LÁPIS

O preço de itens essenciais em uma formatura pode variar muito. Os exemplos abaixo são para uma festa de 100 formandos.

| | SIMPLES | SOFISTICADO |
|---|---|---|
| Cenário e decoração da colação de grau | R$ 40 mil<br>Cenário temático estático, sem performances de artistas. | R$ 60 mil<br>Cenário temático com movimento, performance de artistas e vídeos. |
| Sonorização e iluminação da colação de grau | R$ 12 mil<br>Pacote básico de efeitos especiais e iluminação. | R$ 23 mil<br>Mais efeitos e aparelhos de iluminação. |
| Acessórios para formandos | R$ 4,5 mil<br>Aluguel de becas e confecção de canudos. | R$ 9,2 mil<br>Becas, canudos e placas de vidro para homenagem. |
| Ornamentação e complemento para baile de formatura | R$ 30 mil<br>Túnel de lycra para entrada, arranjos para mesas, capas para cadeiras e dois lounges. | R$ 83 mil<br>Luminárias estilizadas, moveis especiais, globo espelhado, tapetes persas e arranjos de luxo. |
| Hora do brinde no baile | R$ 2,5 mil<br>Espumante e taças para os formandos. | R$ 11,5 mil<br>Inclui ainda mesa com 7,5 mil doces requintados. |

| ITENS AVULSOS | |
|---|---|
| Convites personalizados | R$ 20 a R$ 60 cada |
| Orquestra para a colação | R$ 5,8 mil |
| Banda para o baile | R$ 16 mil |
| Luminárias personalizadas | R$ 120 cada |
| Artistas performáticos | R$ 1 mil cada |
| Iluminação especial para pista do baile | R$ 9 mil |

**OUTROS GASTOS**

- Geradores de energia
- Fotógrafos e cinegrafistas
- Pessoal para trabalhar com organização, montagem de estrutura e segurança.

| TOTAIS<br>Colação e baile, inclui outros gastos além dos itens acima | SIMPLES | SOFISTICADO |
|---|---|---|
| | R$ 170 mil | R$ 290 mil |

**Fonte:** Millenium e Polyndia. **Infografia:** Gazeta do Povo.

Fonte: Gazeta do Povo[23]

Na Figura 23 observamos a formatura como um megaevento, como relatado na reportagem realizada pelo portal G1, em 11/03/2014, disponível *online* sobre o baile oferecido por formandos da Politécnica Da Universidade de São Paulo (USP) para dez mil pessoas. Segundo dados da reportagem, cada estudante pagou o equivalente a R$2.690, podendo convidar até dez pessoas para o baile e quatro convites para a colação de grau. Os convites avulsos para a colação saíram a R$ 120, e os do baile foram fixados em R$ 250.

[23] Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/vida-na-universidade/com-a-beca-e-a-calculadora-nas-maos-5ii0p14b1n1uqoosiggd6ri61>.

Figura 23 – Baile de luxo da Politénica da USP

11/03/2014 06h20 - Atualizado em 11/03/2014 14h24

**Formaturas 'vips' têm baile de luxo de R$ 2 milhões para 10 mil convidados**

Poli-USP e Direito-PUC são consideradas as maiores festas de São Paulo. Bailes contam com shows de Paralamas do Sucesso e Ivete Sangalo.

Ana Carolina Moreno
Do G1, em São Paulo

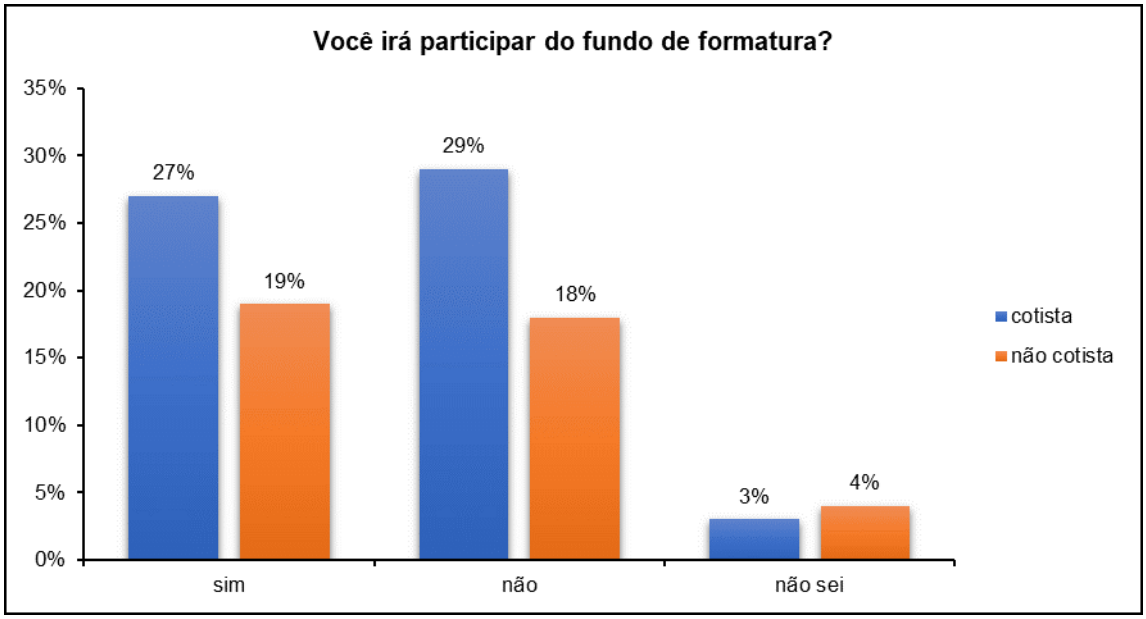
Cerca de 460 formandos participaram do baile de formatura da Poli-USP em 22 de fevereiro no Expo Center Norte para 10 mil convidados (Foto: Divulgação/ÀS Formaturas – Enjoy/Julio Fugimoto)

Fonte: G1[24]

Novamente retomamos a questão da renda como um fator importante para a escolha de determinada empresa de fundo de formatura ou, simplesmente, a não participação no fundo em questão. O gráfico 8 apresenta a porcentagem de alunos que irão participar ou não do fundo de formatura da turma.

[24] Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/03/formaturas-vips-tem-baile-de-luxo-de-r-2-milhoes-para-10-mil-convidados.html>.

Gráfico 8 – Participação individual no fundo de formatura da turma

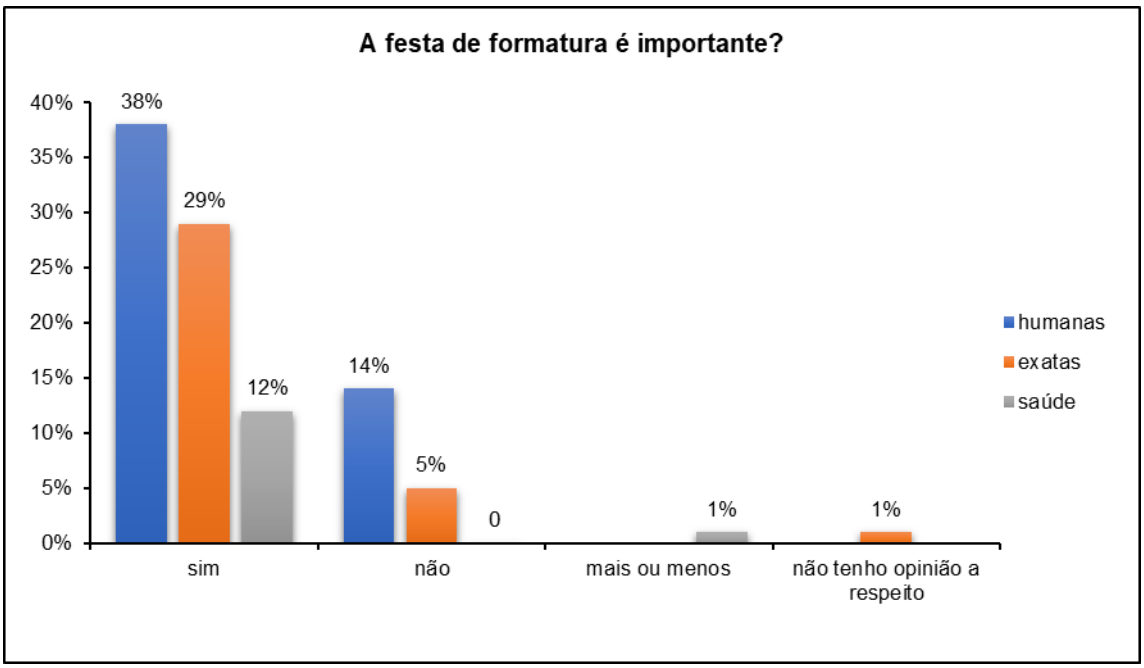



Fonte: A autora, 2017.

Realmente a formatura é um momento muito esperado pelos graduandos. Notamos que a maioria dos cotistas não irá participar do fundo de formatura. Ainda que suas turmas o contratem, 29% dos cotistas não irão participar do fundo, mas, de certo modo, muitos ainda irão participar, já que 27% dos entrevistados que irão participar do fundo são cotistas.

A despeito de nem todos os estudantes participarem do fundo de formatura, a maioria acredita que a festa ou baile de gala seja um momento importante na conclusão do curso (gráfico 9). Apesar de a porcentagem ser relativamente baixa para o grupo da saúde, isoladamente essa porcentagem muda, pois 92% dos entrevistados acreditam que a festa seja “essencial”, como aponta o gráfico 9 a seguir.

Gráfico 9 – A importância da festa de formatura




Fonte: A autora, 2017

A maioria dos estudantes acredita que a não participação no fundo de formatura não interfira no entrosamento dos alunos. Para eles, essas questões dependem do convívio e outros fatores ligados às questões cotidianas do meio acadêmico.

Contrapondo-se à formatura comercializada, temos o momento da conclusão do curso e formatura de fato. Aparentemente, abordando esse tema, temos a impressão de que os alunos de classes mais baixas ou os que optaram por não participar do fundo por vários motivos ficam à margem desse processo, no entanto, isso não é totalmente verdadeiro.

A formatura em si é um ritual e o que está sendo comercializado é uma parte dessa cultura universitária. As empresas de gerenciamento de fundo de formatura vendem um pacote que está centrado na festa de formatura ou baile de gala. Em torno deste produto, que é a festa em si, existem outros subprodutos, como os suvenires, rifas para arrecadação de verba para o fundo, venda de brindes como canetas e garrafas de água. Não podemos deixar de citar as festas universitárias, chopadas, calouradas e churrascos como mercadorias também comercializadas pelas empresas, uma vez que estes eventos existem para baratear o custo das mensalidades dos formandos. Apesar de serem produtos comercializados, as festas

ainda são um momento de união e descontração para os estudantes.

Devemos destacar também a formatura unificada oferecida pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Este momento, de fato, representa a conclusão do curso. A UFJF não oferece bailes ou festas e sim uma solenidade para efetivar a entrega do diploma de conclusão do curso. A colação de grau unificada ocorre duas vezes ao ano e a instituição oferece aos formandos, além da entrega imediata do diploma (verdadeiro), uma beca, capelo, faixa com a cor do curso, um DVD com a gravação da solenidade e uma foto do formando devidamente trajado para a cerimônia. A fotografia abaixo (Figura 24) foi tirada no dia de minha colação de grau pela UFJF, onde de fato ocorreu à entrega do diploma via ritual de passagem: formatura.

Figura 24 – Eu e minha amiga, Cristina Oliveira, em nossa formatura (real)

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

## 5.3 TEMPORALIDADES E ESPACIALIDADES DA FESTA DE FORMATURA

Assim como as festas universitárias mencionadas anteriormente, a

formatura também possui suas temporalidades e espacialidades. Naturalmente, ao se pensar o termo formatura nos remetemos à etapa final de algum curso, desde o jardim de infância (formatura do pré-escolar) até a colação de grau universitária. No entanto, durante nossa pesquisa, percebemos que por meio da comercialização dos pacotes de formatura, há uma mudança nessa temporalidade natural.

O tempo é algo inerente a todo ser humano, estamos sujeitos a suas leis e consequências. A marcação do tempo por meio dos dias e das horas é algo recente, pois foi "construída pelo homem e a serviço de suas rotinas" (POBLET, 2011, p. 45). Mas o tempo não se resume apenas a esta função cronológica. A autora destaca ainda os inúmeros tempos presentes em nossa língua

> Assim, teremos o tempo da colheita, o tempo ruim e o bom, o mau tempo, o meu tempo de colégio; o tempo musical em andamentos diferentes (gravíssimo, grave, larghissimo, largo, larghetto, lento, adágio, adagietto, andante, andantino, moderato- nem rápido, nem lento — alegretto ou allegroma non tropo — allegro, vivace, vivacíssimo, presto, prestíssimo), o compasso de dois tempos, o de três tempos. O tempo da gramática, o tempo composto, dos verbos. O tempo cósmico e o tempo védico. O tempo das efemérides, das vacas gordas das vacas magras, o tempo sideral da astronomia, o tempo do onça, o tempo pervertido, do horário de verão, do Jet-leg; ainda: fecha-se o tempo, se ganha tempo, se perde tempo, temporiza-se. (POBLET, 2011, p. 45).

Esse tempo físico ou cronológico independe de nós

> pois é o tempo da natureza, ele na verdade sequer precisaria ou mesmo poderia ser por nós percebido. É o presente absoluto da ação, já que não é passado nem futuro. O passado não existe, pois já se foi; o futuro também não existe, pois ainda não acontece. Assim, estes dois conceitos apenas fazem sentido dentro da experiência vivida, dentro da racionalização e consciência do seu decorrer – constituem, portanto, o valor da memória e da projeção, causa e conseqüência do momento presente, medido pelo ser humano –, ou seja, o tempo psicológico. (MARQUES, J. B., 2008).

Para a autora, apenas o presente é real, mas também só possui sentido comparado com tempo que ainda não é, ou que já se foi, em outras palavras, buscando-se uma contextualização no passado. Isto constitui o processo de apreensão da história. Este tempo, segundo J. B. Marques (2008), é a temporalidade.

Além destas concepções de tempo, temos, de acordo com a visão de Gama e Santos (GAMA; SANTOS, 2008), a noção do tempo concreto, a qual os

lugares se relacionam entre si com um tempo no mundo, não se desvinculando.

O autor nos fala sobre a concomitância do tempo, pois “em cada lugar, o tempo das diversas ações e dos diversos atores e a maneira como utilizam o tempo social não são os mesmos. No viver comum de cada instante, os eventos não são sucessivos, mas concomitantes. Temos, aqui, o eixo das coexistências” (GAMA; SANTOS, 2008, p. 159). Concordando com esta linha de pensamento, Saquet (SAQUET, 2007) trata o tempo como um fluxo contínuo, indicando processos e também simultaneidades.

Assim, de acordo com Nogueira e Lima (2016) “a ‘temporalidade’ indica a qualidade, estado ou condição do que é temporal; provisório, temporário; um estado de interinidade (NOGUEIRA; LIMA, 2016, p. 247).

Então, de acordo com J. B. Marques (2008), o tempo da formatura está relacionado, de certo modo, ao passado, formar-se ao final do curso, de acordo com a tradição ou passado. Entretanto, se tratando das temporalidades, temos que levar em conta o viés psicológico em que este ritual se encontra inserido atualmente.

O que as empresas gerenciadoras de fundo de formaturas organizam na realidade são um evento comemorativo que simboliza a formatura, a qual sua temporalidade está atrelada ao contrato comercial e não mais a data de término do curso.

Temos assim um novo produto: a formatura *fake* (falsa) conforme a Figura 25, na qual ocorre a colação de grau contratada pelo fundo de formatura. Esta colação não possui valor legal, sendo apenas uma cerimônia de representação.

Figura 25 – Colação de grau contratada por meio de fundo de formatura (formatura *fake*)

Fonte: Acervo pessoal de Vinicius Gomes, aluno do curso de Matemática da UFJF, 2014.

Como assim uma formatura falsa? Devido às obrigações contratuais, os clientes pré-estabelecem juntamente com a empresa prestadora de serviços uma data fixa para as solenidades. Assim, cria-seuma possível antecipação da colação de grau, sendo apenas uma encenação teatral, pois na realidade o cliente ainda não se formou.

Como observamos anteriormente, o pacote contratado possui muitos serviços, com destaque maior para a solenidade de colação de grau e o baile de gala. O contrato geralmente é fechado quatro anos antes da data prevista, pois quanto mais longo for, melhor o parcelamento das mensalidades, diminuindo o seu valor pago por mês.

De acordo com uma das empresas de gestão de fundos de formatura da cidade de Juiz de Fora, são realizadas formaturas todos os meses do ano; para este ano, a agenda está fechada com 455 eventos, ou seja, mais de uma festa de formatura por dia durante todos os dias do ano. Isso nos mostra que não existe uma sazonalidade em relação a este acontecimento.

Empiricamente, antes de realizar os levantamentos, pensávamos diferente em relação a esta questão. Nossa hipótese era de que haveria uma possível sazonalidade, como ocorre com a colação unificada da UFJF em dois

períodos do ano. Nossa hipótese não se confirmou. Chegamos à conclusão de que, em se tratando de negócios, não existe um período certo ou mais apropriado para se fazer a formatura.

Essa temporalidade fica a cargo de uma agenda, onde certas datas poderão não estar mais disponíveis de acordo com a demanda. Aí entra a questão do tempo psicológico trabalhada por J. B. Marques (2008); para as pessoas que contratam este tipo de serviço, não importa a questão da data, pois em grande parte dos casos, principalmente para os formandos de instituições de ensino superior federais, dificilmente as datas coincidem.

Essa falta de sincronismo está relacionada a vários fatores, tais como reprovações, mudanças no calendário acadêmico, greves e outras. No entanto, permanece o tempo psicológico. Durante a semana em que se sucedem os eventos aparentemente funciona como se fosse algo real.

A própria colação é simulada, como se ~~o~~ realmente o ‘cliente’ estivesse se formando, com decoração, mesa composta por professores do curso, discursos, padrinhos, canudo, vestimentas. No caso, podemos dizer que seria uma festa de representação, marcada pela simulação de elementos da cultura. E de certo modo, espetacularizada, voltada para uma massa consumidora. “Decerto existe uma festa decorativa que utiliza os símbolos da vida coletiva e com eles ornamenta-se, teatralizando destarte os padrões que representam as instituições e lhes imprimem vigor” (DUVIGANUD, 1983, p. 212).

As festas de representação geralmente ocorrem em uma escala maior, na qual o autor aborda questões sobre o crescimento deste tipo de festa em transições de um sistema a outro. Em nosso caso, entendemos como uma representação essa apresentação quase teatral do ritual, da festa de formatura, uma vez que a razão para a festa é a colação de grau, que ainda não ocorreu ou, que em alguns casos, já aconteceu. A temporalidade da formatura *fake* é, na verdade, imposta pelas relações do capital, através dos contratos comerciais.

A espacialidade é outra face importante deste ritual. Na visão de Nogueira e Lima “a ‘espacialidade’ refere-se a um determinado ‘espaço’, ‘local’, ‘lugar’, ‘localidade’ onde marcos religiosos estão presentes e, também, onde eventos e ocorrências religiosas são realizados, e manifestações de fé e crença praticadas” (NOGUEIRA; LIMA, 2016, p. 245).

Entendemos por espacialidade certa organização do espaço geográfico

que apresenta características específicas sendo sempre atrelada a uma temporalidade também específica. Espacialidade e temporalidade são indissociáveis, assim como espaço e tempo. A noção de espacialidade para Ramos (2002)

> [...] traz consigo a idéia de processo em permanente movimento, ou seja, não se trata do espaço em si, como objeto analítico, mas do espaço na história, pensado como processo histórico, incluindo tanto o realizado quanto o possível, num constante movimento dialético. Mesmo porque não existe espaço priori, ele só pode ser pensado como espaço social, não sendo uma categoria independente da realidade. Nesse sentido, a noção de espacialidade, conforme definimos anteriormente, é mais potente como objeto analítico. (RAMOS, 2002, p. 68).

A espacialidade da formatura *fake* gira também em torno de questões financeiras; não existe um local definido e tradicional onde este ritual irá acontecer, como no caso da colação unificada da UFJF, que ocorre no Cine Theatro Central, um dos locais mais nobres da cidade.

A colação de grau ocorre geralmente em teatros ou salões alugados pelas empresas e costumam ser realizadas, de acordo com nosso levantamento, em locais como o Teatro Pró-Musica, Teatro Solar, Expominas, Independência Trade Hotel.

O Cine Theatro Central (Figura 26) é utilizado apenas para grupos maiores de formandos, por se tratar de um local bastante amplo e nobre.

Figura 26 – Cine Theatro Central

Fonte: Universidade Federal de Juiz de Fora[25]

O teatro é o local mais indicado para a realização da cerimônia de colação de grau, pois segundo Domingues (2013) os ritos de passagem possuem uma carga teatral se aproximando de encenações dramatúrgicas.

O autor realiza em seu artigo intitulado "*Teatralidade de um Rito de Passagem*" uma descrição e análise de um rito de passagem por meio da observação.

> O rito de passagem na instituição aqui observada ocorre num lugar previamente determinado: o cenário, diante de um público: plateia e com a presença do "transitante" e dos instrutores no centro da cena: atores. O cenário lembra a disposição de um teatro. Há um palco ou tablado que fica à frente de cadeiras dispostas em fileiras, nas quais as pessoas se sentarão para assistir à execução do rito. No palco, há uma grande mesa coberta por um pano ritual que deixa em destaque o nome e o símbolo que identifica a instituição. (DOMINGUES, 2013, p. 166).

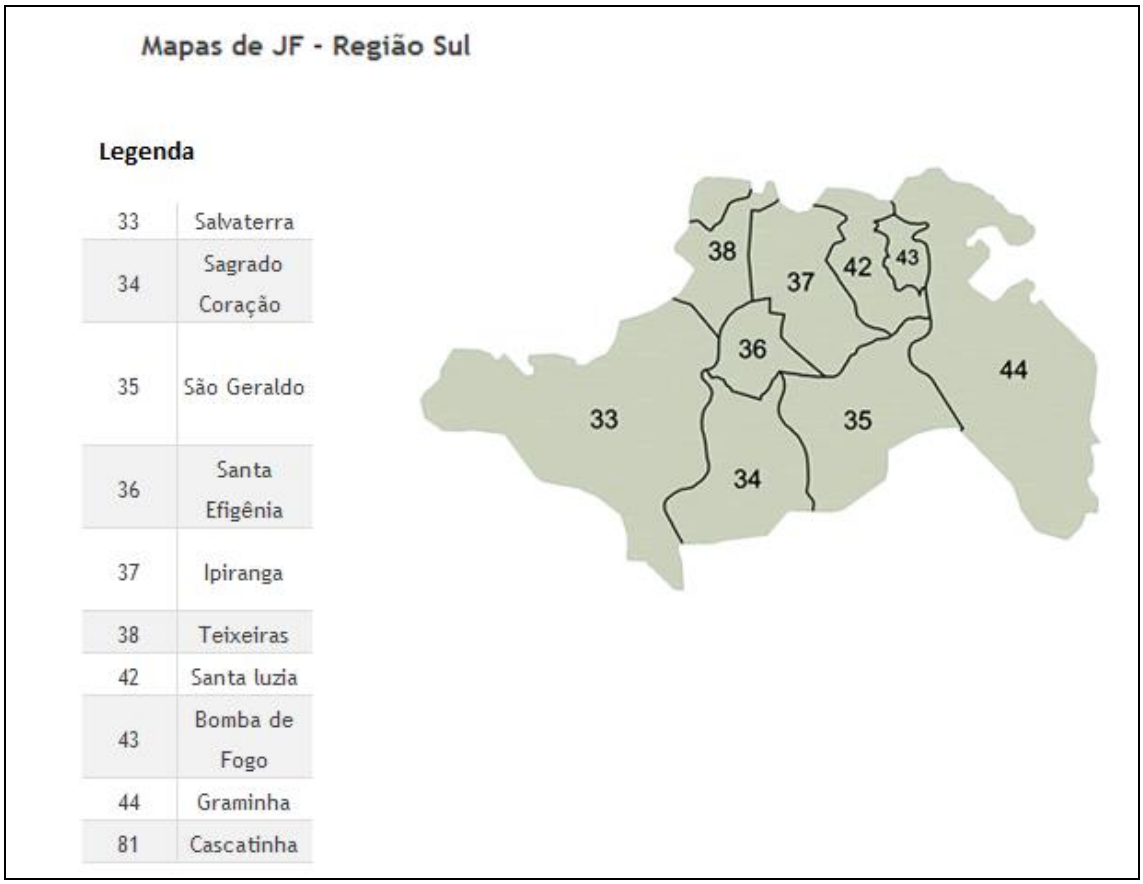
O ritual descrito pelo autor é o ato da apresentação de um trabalho de conclusão de curso. Podemos facilmente transpor as ideias deste autor para o nosso caso, o ritual da formatura. Assim, o teatro funciona como o local ideal, não exclusivo, para a cerimônia. Possui um palco onde se dará a visibilidade à banca e aos formandos, geralmente, um telão onde podem ser projetados vídeos e fotografias dos graduados, uma boa acústica e os lugares marcados para a plateia.

[25] Disponível em: <http://www.cead.ufjf.br/2013/09/19/2013-09-19-14-41-54/>.

“O rito sempre ocorre em locais demarcados e delimitados, como as instituições, e é realizado na representação de pessoas que ocupam determinados papéis na equipe. E isso na presença de uma plateia” (DOMINGUES, 2013, p. 170).

No caso de Juiz de Fora, estes teatros estão localizados nas proximidades do centro da cidade. Isto facilita o acesso à cerimônia. No entanto, em relação à espacialidade da festa de formatura temos uma concentração na zona sul da cidade, mais precisamente no bairro Salvaterra (mapa 3).

Mapa 3 – Localização do bairro Salvaterra na região Sul de Juiz de Fora




Fonte: A autora, 2017. Adaptado de Prefeitura de Juiz de Fora[26]

Isso se dá pela configuração do local, pouco adensada, com padrão de construções mais elevado para a região, predominando granjas, sítios e chácaras próximos da BR- 040, como aponta Tasca (2010). Além das granjas, segundo nosso

[26] Disponível em: <www.pjf.mg.gov.br/mapas, adaptado pela>.

levantamento, existem algumas casas noturnas, como o Cultural, Avalon, Baalbeck, Blitz Girl e outras no entorno de bairros vizinhos, como a Mansão situada no bairro Aeroporto. Estão instalados também na região muitos salões de festas, tais como: Capitólio, Olympo, Green Hill e outros.

Os bailes de formatura costumam ocorrer nesses salões de festas, com destaque também para Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), situada também em direção ao Salvaterra. Estes locais mais afastados são escolhidos para este tipo de construção devido à lei de ocupação do solo, assim uma preferência em se construir salões e boates na região.

A questão do local não é muito relevante para os formandos, uma vez que geralmente está atrelado a questões de disponibilidade, número de convidados e o preço do aluguel do espaço. De certo modo, sendo afastado do centro o acesso a estes lugares fica mais a cargo de carros particulares e táxis. Linhas de ônibus para estes locais não são tão abundantes, dificultando a chegada através de transporte coletivo.

Esta questão do deslocamento pode gerar problemas como acidentes de trânsito como relatado em Jequié na Bahia (Figura 27).

Figura 27 – Acidente após formatura universitária em Jequié - BA

Fonte: Portal Nova Cruz[8]

Como sabemos, bebidas alcoólicas como cervejas e coquetéis são oferecidas durante as festas de formatura. É possível, por meio de uma rápida busca pela internet, verificar histórias sobre acidentes com vítimas fatais na volta desses eventos. Felizmente não são muitos os casos na mídia; no entanto, quando se faz uso de bebidas alcoólicas e se assume a direção de um veículo, essa possibilidade sempre deve ser considerada. O ideal seria a conscientização dos motoristas para não consumirem álcool ou, no caso de fazer uso de bebidas alcoólicas, optarem por ir embora de táxi ou outros meios, como motoristas particulares ou até mesmo transporte público.

Ainda sobre a espacialidade das festas de formatura, temos um caso interessante que é o do Expominas. O local em questão foi projetado para ser o maior centro de eventos da região. Voltado para feiras de negócios, eventos empresariais, shows, eventos esportivos e outros, o Expominas acabou não atendendo as expectativas. De acordo com o jornal Tribuna de Minas, em reportagem do dia 3 de abril de 2015, o empreendimento que teve seu custo alçado em 50 milhões, aproximadamente, e, segundo a reportagem, estava ocioso. Até a

[27] Disponível em: <http://portalnovacruzrn.blogspot.com.br/2014/02/jovem-morre-em-acidente-apos-voltar-da.html>.

data do fechamento da reportagem, haviam sido agendados apenas seis eventos.

Figura 28 – Expominas Juiz de Fora

Fonte: Nocelli, 2015

A baixa demanda de eventos impacta os setores produtivos da cidade, pois o turismo gera receitas para vários segmentos como hotelaria e alimentação. Passados quase dois anos, o Expominas continua com a agenda pouco movimentada. Em março de 2017 ocorreu um pregão presencial para exploração total do local. No entanto, conforme divulgado em 08/03/2017, no portal G1, não houve interessados em participar da licitação que daria direito de exploraro imóvel por 15 anos podendo ser prorrogado por mais 15 anos.

Atualmente, algumas feiras e shows ocorrem esporadicamente no espaço, entretanto, os eventos que mais utilizam esse local são as festas de formatura. Podemos dizer que de espaço de negócios, o Expominas passou facilmente a salão de festas, sofrendo assim praticamente uma refuncionalização.

Esse processo de ressignicação dos espaços, bem como mudanças de função nos remete às ideias de Milton Santos, ao destacar que a paisagem sofre mutações ao longo do tempo, podendo esta ser de origem estrutural ou funcional, sendo comum a readaptação de certos espaços.

A paisagem, segundo M. Santos (SANTOS, M., 1988) não é criada de uma só vez, e sim por um movimento que agrega passado e presente se

sobrepondo ou se substituindo, constituindo um conjunto de objetos com idades diferentes, em resumo é uma herança de diferentes momentos. Assim, o que antes foi projetado para ser um grande centro de convenções, devido às oscilações de mercado e a oferta, acabou por abrigar novos eventos, se transformando em um grande salão de festas e referência para grandes bailes de gala.

A formatura, como vimos nesta seção, é um ritual formado por muitos momentos, importante por simbolizar o fechamento de um ciclo e a conclusão de alguma etapa da vida estudantil. Vislumbrando o crescimento do público universitário, alguns empresários optaram por investir nesse segmento, observando na formatura uma mercadoria em potencial. Isso pode ser explicado via o conceito de mercantilização universal, que tende a transformar tudo em mercadoria e "constitui a base formal-material para as alterações do espaço-tempo na sociedade do capital" (ALVES, 2007, p. 173).

Daí, temos essa alteração em relação ao espaço-tempo do ritual, no caso das formaturas organizadas por empresas prestadoras de serviço. Para o empresariado, as formaturas são apenas um negócio, porém, para os estudantes, este momento, mesmo que deslocado de sua temporalidade correta, ainda pode ser considerado inesquecível e cheio de simbolismos.

# 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formatura, em nossa concepção, é um ritual de passagem ainda muito tradicional e simbólico para aqueles que concluem qualquer curso, seja no ensino médio, técnico profissionalizante e/ou superior.

Observamos ao longo da pesquisa que este ritual sempre esteve atrelado a uma atmosfera de luxo e uma possível ascensão social como frisado por Vieira (2004). Vislumbrando à possibilidade de lucrar com a organização de eventos para o público universitário, alguns empreendedores resolveram investir nesse mercado.

Esse foi o caso do grupo de amigos juiz-foranos, que criaram, ainda na faculdade, uma empresa para gerenciar fundos de formatura. Na esteira dessa oportunidade, à grande demanda de estudantes interessada neste tipo de serviço, surgiram inúmeras outras empresas deste ramo. Esta demanda deu origem a uma nova forma de empreender no segmento por meio do sistema de franquias - estratégia de expansão de negócios utilizada em inúmeros outros segmentos. “Descobrimos um mercado que ainda tinha muito para ser explorado”, explica Pedrosa, diretor de expansão da empresa Viva, em reportagem de 24 de outubro de 2014, para a Forbes Brasil (FORBES BRASIL, 2014).

A partir dessas iniciativas empreendedoras, nos deparamos com um novo produto: a formatura universitária. Cabe ressaltar que, em nossa visão, a formatura comercializada por tais empresas passa sim a ser uma mercadoria e entendemos por mercadoria à luz de Harvey (2013), baseado nas ideias de Marx “como uma incorporação material do valor de uso, do valor de troca e do valor” (HARVEY, 2013, p. 49).

Harvey (2013) destaca que o valor de uso está atrelado à forma “natural” da mercadoria que está relacionada com a satisfação das necessidades humanas. Em nosso caso, encarando a formatura como uma mercadoria, seu valor de uso está relacionado com a terminologia do curso, ou seja, a utilidade da formatura é sinalizar o término do curso, saciando a necessidade da outorga do grau acadêmico. De outro lado, seu valor de troca está ligado a questões quantitativas, ou seja, de quantidade e custo. Assim, quanto mais luxuosa a formatura, quanto mais trabalho envolvido em sua organização, mais valioso e caro este produto se tornará.

Esses elementos acabam incorporados ao senso comum, criando uma

espécie de fetichismo em relação ao “mundo universitário”. Observamos que o termo “universitário” vem sendo empregado juntamente com produtos comerciais, pois, segundo o empresariado, valoriza o produto.

Do modo como as formaturas são comercializadas (no caso, todo o pacote contendo baile, cerimônias religiosas, colação de grau) constatou-se que estão sendo bastante aceitas pelo público alvo, por meio das ações de propaganda e marketing.

Assim como a formatura é comercializada pelas empresas, as festas universitárias também são. Observamos que diante da lógica empresarial deste segmento, as festas (chopadas, churrascos, calouradas) são um produto oferecido aos estudantes para baratear o custo da festa.

Os ingressos desses eventos são convertidos para os clientes em descontos em suas mensalidades, o que segundo consta no site de uma das empresas juiz-foranas. “Ganhe Dinheiro: A VIVA ajuda a sua turma na arrecadação de recursos e a reduzir o valor das mensalidades através de brindes, rifas e eventos. Facilidades extras para você arrecadar dinheiro se divertindo!” (www.vivaeventos.com.br/formaturas).

O fetiche presente nas mercadorias está, para Marx (1996), na personificação da mercadoria, como se esta possuísse vida própria, sendo algo autônomo que ainda mantém relação com os homens. Nesse sentido, o senso comum tende a transformar o “universitário” e seu “mundo” como algo à parte e, recorrendo a essa concepção, constrói-se um estereótipo do “estudante universitário”, que é pautado principalmente pela tradição elitista do ensino superior no Brasil. Porém, essa realidade sofre modificações perante a abertura e ampliação do acesso ao ensino superior, transformando o perfil do universitário. Observamos por meio dos dados fornecidos pela Andifes que as políticas públicas oportunizaram o acesso ao ensino superior às classes mais baixas da sociedade, modificando o perfil anterior, estudante branco pertencente à classe social mais elevada, para estudante negro de classe social média à baixa.

Deste modo, toda a cultura em torno do universitário, tende um pouco a sofrer esses efeitos, que terminam por refletir nas formaturas milionárias ou em megaproduções, como é noticiado na mídia. O “mundo universitário” até então estava baseado em um determinado estereótipo anterior, tendo em vista que a mudança do perfil dos estudantesuniversitáriosé recente e a desconstrução

estereótipos mais antiga demanda tempo.

Esta visão da formatura é interessante, porém esbarra na questão da temporalidade. Por ser uma mercadoria, a formatura não segue a lógica natural do ritual e sim uma lógica comercial criando novas temporalidades; o “esforço no sentido do mais-valor relativo promove, assim, uma constante remodelagem da temporalidade do trabalho social e da vida social” (HARVEY, 2013, p. 361).

Além disso, a formatura vem ganhando moldes de espetáculo; a passividade dos participantes, ao delegarem as funções de organização a terceiros, ficando apenas com a responsabilidade de arcar com as mensalidades e repassar informes ao restante dos colegas de fundo que não fazem parte da comissão da formatura. Este tipo de evento tem se tornado um grande investimento, rendendo capital para os organizadores, dinamizando setores da economia urbana e estimulando a criação de novos negócios.

O estudante universitário, assim que ingressa na academia, passa a ser visto como um mercado consumidor potencial, pois comercializam tudo voltado para este público, desde a conta bancária (serviços e tarifas diferenciadas para estudantes universitários oferecidos por bancos desde o dia de matrícula do novo estudante) até o seu *grandfinale*, que é a formatura.

Percebemos que existe, de fato, uma grande vontade de adquirir este tipo de serviço por parte dos estudantes universitários, afinal quem não gosta de uma boa festa ou de deixar um momento marcado na vida de seus amigos e familiares?

A formatura comercializada satisfaz esses anseios que, na verdade, são necessidades supérfluas, uma vez que estes serviços são apenas representações teatralizadas, como o caso da colação de grau (formatura fake). Em nossas entrevistas, identificou-se o caso de um estudante que não se formaria no curso, pois havia praticamente abandonado a graduação, mas escondeu isso da família que continuou arcando com as despesas do fundo. O mesmo participou da festa e da colação de grau, porém não concluiu os estudos até onde se sabe. Para Vieira (2004), quando tratamos de festas espetacularizadas de formatura “não interessa que seja, o importante é que pareça ser!” (VIEIRA, 2004, p. 11).

O caso o qual tomamos conhecimento não é uma situação isolada. Recentemente a justiça tem recebido muitos mandados de segurança impetrados por estudantes impedidos de participarem de colações de grau e demais festividades por não terem de fato terminado seus cursos, conforme informa o site “JusBrasil”,

que é especializado em assuntos jurídicos. Em um artigo veiculado na página, a opinião de muitos juízes se dá em favor dos estudantes, tendo em vista a soma vultosa que é paga às empresas de fundo de formatura e possíveis danos psicológicos. Sob uma visão jurídica, a colação de grau seria uma festividade, não havendo impedimentos para a instituição permitir que o estudante participe da cerimônia de modo simbólico.

Cabe ressaltar que não são todos os juízes que possuem esse ponto de vista e que no caso das formaturas fake, realizadas em locais privados por conta dos estudantes, não existe motivação para a não participação, uma vez que a condição para participar de todos os eventos é estar com seus pagamentos em dia ou quitados, o que nada tem a ver com estar devidamente diplomado para a ocasião.

Ainda que por muitos motivos os estudantes desejem grandes eventos como estes para finalizar o que, para muitos, representa uma conquista da vida profissional e acadêmica, também são muitos os motivos para não se concretizar o negócio. Tais como: questões financeiras, de temporalidades (como o caso do descompasso entre contrato de serviços e final do curso) ou espacialidades (parentes que moram longe, estudantes migrantes os quais a família não teria como se hospedar ou vir para as festividades). Soma-se a estes que, por estas e outras razões, não irão participar destas festividades aqueles estudantes que não apoiam estas práticas, pois observam isto como uma comercialização e banalização de elementos da vida estudantil.

Notamos, em nosso estudo, que as políticas universitárias, sejam de permanência no ensino superior, como bolsas de manutenção (que oferecem valores para estudantes carentes e também para aqueles de cursos integrais como medicina e enfermagem), processos de expansão quanto à estrutura física e quantitativo de vagas contribuíram para um aumento do número de estudantes no ensino superior.

Houve uma maior abertura para as classes mais baixas da sociedade, sobretudo para os estudantes autodeclarados negros, o de escola pública e aqueles que apresentam este duplo perfil. Ao contrário do que se imagina, de acordo com nossa pesquisa, apesar de serem estudantes cotistas, muitos participam do fundo de formatura conforme explicitado anteriormente.

Acreditamos que esta participação se deva ao fato do orgulho em ingressar em uma universidade pública, pois muitos dos estudantes cotistas, de um

modo geral, são os primeiros da família a portarem um diploma de curso superior.

De certo modo, participar do fundo pode ser difícil financeiramente, mas carrega uma carga simbólica muito forte. Tanto que em maio de 2016, em reportagem vinculada pela portal G1, um vídeo de um baile de formatura teve mais de um milhão de compartilhamentos em rede sociais. O vídeo foi gravado no baile do curso de serviço social na cidade de Mossoró que fica região Oeste do Rio Grande do Norte. A estudante Kauany homenageou seus pais agricultores. Na ocasião, a formanda desceu as escadas do salão com uma enxada na mão, representando a sua luta e a de sua família quanto a ingressar, permanecer e concluir um curso superior. Kauany foi a primeira de quatro irmãos a possuir o ensino superior completo. Este momento é um tempo espaço voltado para protestos, como no exemplo citado anteriormente. Também é um momento de dramatização de questões de justiça social, pois o formando trans pode ir à formatura vestido com a roupa condizente com seu gênero e nome social.

As políticas públicas foram importantes meios para a realização dos anseios de se ingressar em uma instituição de ensino pública, além disso, baseado nesse crescimento e nesse fetiche sobre o baile e a colação de grau, o empresariado conseguiu consolidar ainda mais no mercado essa necessidade de um final grandioso para muitos estudantes.

Apesar de estas festividades serem organizadas por meio de empresas, isto não descaracteriza o tradicional ritual de formatura, mesmo ao colarem grau e ainda realizarem o baile de formatura antecipadamente ao término do curso. O fechamento real, pelo menos na Universidade Federal de Juiz de Fora, por ser uma instituição pública, se dá de forma democrática e gratuita.

Após os estudantes concluírem sua grade disciplinar, cursar seus estágios obrigatórios, defender seus trabalhos de conclusão de curso quando for o caso e não ter nenhuma pendência com a biblioteca acadêmica, eles estão aptos a colarem grau oficialmente e poder gozar de todos os direitos que seu título conceda.

O formando, ao término da solenidade, já sai com o diploma em mãos. Ricos e pobres, pretos e brancos, cotistas, não cotistas, todos juntos devidamente trajados, aptos a ingressar o mercado de trabalho. No final das contas, a formatura (real) que vale ainda é pública, gratuita e para todos!!!!

# REFERÊNCIAS


ADORNO, T. **Indústria cultura e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: MERCURI, E.; POLYDORO, S. A. J. (Orgs.). **Estudante universitário**: características e experiências de formação. Taubaté: Cabral, 2003. p. 15–40.

ALVES, G. **Dimensões da Reestruturação Produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. 2ª ed. Londrina: Praxis, 2007.

AMARAL, R. **Festa à brasileira**: sentidos do festejar no país “que não é sério”. 1998. 380 f. Tese (doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

AMORIM, C. C. **O uso do território brasileiro e as instituições de ensino superior**. 2010. 335 f. Tese (doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ANDRADE, J. V. **Lazer**: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ANTUNES, R. **Suspensão do 2º semestre letivo da UFJF deve afetar economia de cidade**. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2015/07/suspensao-do-2-semestre-letivo-da-ufjf-deve-afetar-economia-de-cidade.html>. Acesso em: 1 jun. 2016.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Etudantis**. IV Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior brasileiras**. Uberlândia: Andifes, 2016. Disponível em: <arquivos.info.ufrn.br/arquivos/2016148075eca434327469c267f6e95dd/Perfil2016.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2017.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR. **UFJF**: Quase um terço dos aprovados no Sisu vem de outros estados. 2016. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/ufjf-quase-um-terco-dos-aprovados-no-sisu-vem-de-outros-estados/>. Acesso em: 10 fev. 2016.

BAUMGARTNER, W. H. Universidades públicas como agentes de desenvolvimento urbano e regional de cidades médias e pequenas: uma discussão teórica, metodológica e empírica. **GeoTextos**, Salvador, v. 11, n. 1, p. 91–111, 2015.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

BRASIL. Lei nº 11.096 de 13 de janeiro de 2005. Institui o Programa Universidade para Todos - Prouni, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior; altera a Lei no 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 14 jan. 2005. Seção 1, p. 7.

BRASIL. Lei nº 12.933, de 26 de dezembro de 2013. Dispõe sobre o benefício do pagamento de meia-entrada para estudantes, idosos, pessoas com deficiência e jovens de 15 a 29 anos comprovadamente carentes em espetáculos artístico-culturais e esportivos, e revoga a Medida Provisória no 2.208, de 17 de agosto de 2001. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 dez. 2013. Seção 1, p. 4.

BRASIL. Ministério da Educação. **e-MEC. Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados**. c2017. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 5 abr. 2017.

BUENO, J. L. O. A Evasão de alunos. **Paideia**, Ribeirão Preto, n. 5, p. 9–16, 1993.

CARVALHO, A. P.; LOPES NETO, D.; SILVA, N. C. Significado dos rituais de formaturas para os egressos da Escola de Enfermagem de Manaus/AM (1955-2010). **Historia da enfermagem: revista eletrônica**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 49–61, 2015.

CARVALHO, R. Universitários questionam número de ônibus disponíveis para a UFJF. **Diário Regional**, Juiz de Fora, 7 jun. 2016. Disponível em: <http://www.diarioregionaljf.com.br/cidade/3949-universitarios-questionam-numero-de-onibus-disponiveis-para-a-ufjf>. Acesso em: 12 out. 2016.

CERVEJARIAS anunciam fim de patrocínio de festas universitárias 'open bar'. **O Dia**, 27 out. 2016. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/brasil/2016-10-27/cervejarias-anunciam-fim-de-patrocinio-de-festas-universitarias-open-bar.html>. Acesso em: 12 fev. 2017.

CHAVES, S. T. Estudo de caso: a cidade de Juiz de Fora MG - sua centralidade e problemas socioeconômicos. **Revista geomae**, Campo Mourão, v. 2, n. 1. esp., p. 155–170, 2011.

CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 59–98.

CORRÊA, A. M. **Irmandade da Boa Morte como manifestação cultural afro-brasileira**: de cultura alternativa à inserção global. 2004. 315f. Tese (doutorado em Geografia)) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

CORREA, S. M. B. **Probabilidade e estatística**. Belo Horizonte: PUC Minas Virtual, 2003.

COULON, A. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Salvador: EdUFBA, 2008.

COX, H. **La Fête des fous**: Essai théologique sur les notions de fête et de fantaisie. Paris: Éditions du Seuil, 1971.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Railton Souza Guedes. [S.l.]: eBooksBrasil.com, 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2015.

DOMINGUES, R. A. Teatralidade de um rito de passagem. **Antropos: revista de antropologia**, Brasília, v. 6, p. 159–172, 2013.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FACHINI, A. **Aspectos da vida acadêmica associados ao uso de álcool e outras drogas**. 2013. 165 f. Tese (doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.

FERNANDES, F. **Universidade basileira**: reforma ou revolução. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

FERREIRA, M. N. Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares. **Comunicação e Informação**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 111–117, 2006.

FORBES BRASIL. **De festas de faculdade a um faturamento de R$ 5 milhões**. 2014. Disponível em: <http://forbes.uol.com.br/negocios/2014/10/viva-eventos-de-festas-de-faculdade-um-faturamento-de-r-5-milhoes/>. Acesso em: 10 set. 2015.

FRANÇA, I. S. **A cidade média suas centralidades**: o exemplo de Montes Claros no norte de Minas Gerais.2007. 256 f. Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

GAMA, A.; SANTOS, N. P. **Lazer**: da libertação do tempo à conquista das práticas. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008.

GERALDO, W. M. J. **A reestruturação urbana pós-fordista de Juiz de Fora**. 2014. 271 f. Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

GOMEZ, L. S. R.; OLHATS, M.; PÓLO, C. Fashion Branding: uma relação emocional com o consumidor. **ModaPalavra e-periódico**, [S.l.], v. 4, n. 8, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/7820>. Acesso em: 5 maio 2017.

GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I. (Orgs.). **Festa: cultura e sociedade na América Portuguesa**. São Paulo: EdUSP, 2001. 2 v. p. 969–975.

GUILOUSKI, B.; COSTA, D. R. D. Ritos e rituais. In: JORNADA INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA EM TEOLOGIA E HUMANIDADES, 2., 2012, Curitiba. **Anais**... Curitiba: PUCPR, 2012. p. 91–109. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/2jointh?dd99=anais>. Acesso em: 12 fev. 2017.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2012.

HARVEY, D. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil em Síntese**: Minas Gerais - Juiz de Fora - História & Fotos. c2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/juiz-de-fora/historico>. Acesso em: 5 maio 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos: guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília: [s.n.], 2012. Disponível em: <http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2017.

JUIZ DE FORA. Prefeitura de Juiz de Fora. **A cidade** - População. c2016. Disponível em: <https://pjf.mg.gov.br/cidade/populacao.php>. Acesso em: 10 out. 2016.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAGALHÃES, L. C. **O câmpus universitário como equipamento singular do meio urbano**.2014. 138 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2014.

MAIA, C. E. S. Cidade e festa: os excessos nas paradas LGBTS – reflexões a partir da realidade goianiense. **Cidades**, São Paulo, v. 8, n. 13, p. 233–263, 2011.

MAIA, C. E. S. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 191–218.

MARCELLINO, N. C. et al. **Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana**. O caso da RMC - Região Metropolitana de Campinas. Curitiba: Opus, 2007.

MARQUES, J. B. O conceito de temporalidade e sua aplicação na historiografia antiga. **Revista de História**, São Paulo, n. 158, p. 43–65, 2008.

MARQUES, L. M.; BRANDÃO, C. R. As festas populares como objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 9, n. 3, p. 7–26, 2015.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Livro primeiro, Tomo 1. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MORENO, P. F.; SOARES, A. B. O que vai acontecer quando eu estiver na universidade?: Expectativas de jovens estudantes brasileiros. **Aletheia**, Canoas, n. 45, p. 114–127, 2014.

MUSSE, A. B. Apologia ao uso e abuso de álcool entre universitários: uma análise de cartazes de propaganda de festas universitárias. **SMAD - Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 1–13, 2008.

NOCELLI, G. Expominas ainda subutilizado. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 3 abr. 2015. Disponível em: <http://www.tribunademinas.com.br/expominas-ainda-subutilizado/>. Acesso em: 1 abr. 2017.

NOGUEIRA, M. M.; LIMA, I. B. Indicadores para o planejamento e gestão do turismo religioso municipal: o caso da festa de nossa senhora do livramento, em Caracaraí, Roraima. **CULTUR - Revista de Cultura e Turismo**, Ilhéus, v. 9, n. 3, p. 101–142, 2016.

OLIVETTE, C. Público universitário inspira a criação de negócios. **Estado de São Paulo**, São Paulo, 27 fev. 2012. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/blogs/sua-oportunidade/publico-universitario-inspira-a-criacao-de-negocios/>. Acesso em 10 fev. 2016.

PEREIRA, O. C. N.; FREITAS, L. V. Dioniso e a festa universitária: entrevistas com estudantes da USP. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 31, n. 75, p. 739–750, 2013.

POBLET, M. M. J. **A dimensão espaço-temporal em Fernand Braudel**: aportes teóricos para a geografia. 2011. 165 f. Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

RAMOS, A. W. Espaço-tempo na cidade de S. Paulo: historicidade e espacialidade do “Bairro” da Água Branca. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 15, p. 65–75, 2002.

RIOS, R. L. F. **Quando a universidade é uma festa**: trote e formatura. 2010. 177 f. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

RODRIGUES, A. S. R. **A produção do espaço urbano de Juiz de Fora/MG**: dinâmicas imobiliárias e novas centralidades. 2013. 292 f. Tese (doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

RODRIGUES, L. C. **Rituais na universidade**: uma etnografia na Unicamp. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.

ROMANO, C. **Universitários: o novo alvo para fidelizar sua marca**. 2008. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/estetica/universitarios-o-novo-alvo-para-fidelizar-sua-marca/4486>. Acesso em: 12 fev. 2016.

ROMERA, L. A. Lazer e festas: estudo sobre os modos de divulgação de bebidas nos campi universitários. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 22, n. 1SE, p. 95–102, 2014.

SANGLARD, F.; ARÊAS, G. Um terço dos habitantes de Juiz de Fora é de outras cidades. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 28 abr. 2012 Disponível em: <http://www.ufjf.br/ladem/2012/04/28/um-terco-dos-habitantes-de-juiz-de-fora-e-de-outras-cidades/>. Acesso em: 25 out. 2016.

SANTOS, L. R. A. A Cultura universitária e a produção social das identidades de gênero e sexualidade na formação docente no curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 3., 2013, Aracaju. **Anais**... Aracaju: Universidade do Estado da Bahia, 2013. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2013/06/A-cultura-universit%C3%A1ria-e-a-produ%C3%A7%C3%A3o-social-das-identidades-de-g%C3%AAnero-e-sexualidade-na-forma%C3%A7%C3%A3o-docente-no-curso-de-educa%C3%A7%C3%A3o-f%C3%ADsica-da-Universidade-Federal-de-Sergipe.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2016.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EdUSP, 2006.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, N. P.; MENDES, A. G. Os espaços-tempos de lazer na sociedade de consumo contemporânea. **Cadernos de geografia**, Coimbra, n. 18, p. 129–137, 1999.

SANTOS, R. N. M. T. A “Marca Amazônia" como impulsora do desenvolvimento local. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais**... Caxias do Sul: Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2760-1.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2017.

SAQUET, M. A. **Abordagem e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SECCO, G. M. S. B. *et al.* Para uma abordagem psicológica da transição do ensino secundário para o ensino superior: pontes e alçapões. **Psicologia e Educação**, Covilhã, v. 4, n. 1, p. 7–21, 2005.

SEGALEN, M. **Ritos y rituales contemporâneos**. Tradução de Alícia Martorell Linares. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

SILVA, A. F. As festas populares e sua dimensão socioespacial na contemporaneidade. **Sociedade e Território**, Natal, v. 24, n. 2, p. 103–121, 2012.

SILVA, S. L. R.; FERREIRA, J. A. G. Família e ensino superior: que relação entre dois contextos de desenvolvimento? **Exedra: revista científica**, Coimbra, n. 1, p. 101–126, 2009.

SOUZA, J. P. M. Ciência e capitalismo. **Filosofia e educação (online**), Campinas, v. 2, n. 2, p. 266–280, 2011.

SOUZA, P. N. P. **Estrutura e funcionalmente do ensino superior brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1991.

SOUZA, R. L. Festa e cultura popular: a ruptura e a norma. **Revista Anthropológicas**, Recife, v. 16, n. 2, p. 99–132, 2005.

STALLIVIERI, L. **O sistema de ensino superior do Brasil**: características, tendências e perspectivas. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2006.

TAFFAREL, C. Z. Lazer e projeto histórico. **Educación Física y Deporte**, Medellín, v. 31, n. 2, p. 1094, 2013.

TASCA, L. **As contradições e complementaridades nas leis urbanas de Juiz de Fora**: dos planos aos projetos de intervenção. 2010. 267 f. Tese (doutorado em Planejamento Urbano e Regional – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

TEIXEIRA, M. A. P. et al. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 185–202, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **História**. c2017. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ufjf/sobre/historia/>. Acesso em: 20 maio 2017.

VAN GENNEP, A. **Ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.

VIEIRA, A. M. D. P. Tecnologia e efemeridade: um estudo sobre a cerimônia de formatura nas universidades de Curitiba. In: EDUCERE, 4., CONGRESSO NACIONAL DA ÁREA DA EDUCAÇÃO, 2., 2004, Curitiba. **Anais**... Curitiba: PUC-PR, 2004. Disponível em: <http://docplayer.com.br/6370279-Tecnologia-e-efemeridade-um-estudo-sobre-a-cerimonia-de-formatura-nas-universidades-de-curitiba-resumo.html>. Acesso em: 2 out. 2015.

XAVIER, C. V. **Micaretas ou Festas Micaretescas?** Sobre espaços públicos e privados, lugares e locais na turistificação da folia em Goiânia. 2010. 206 f. Tese (doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Goiânia, Goiânia, 2010.

YAZBECK, L. **As origens da Universidade Federal de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: EdUFJF, 1999.

ZUIN, A. A. S. O trote universitário como violência espetacular. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 587–604, 2011.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A – Questionário

### QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES DA UFJF

**QUESTIONÁRIO – O UNIVERSO DA UFJF** **DATA:** _____

1) Sexo ( ) M ( ) F

2) Idade ( ) 18- 23 ( ) 24-29 ( ) 30- 35 ( ) 36- 41 ( ) 41 – 45 ( ) 46- 51 ( ) + 52

3) Estado civil ( ) casado ( ) solteiro( ) divorciado ( ) outros

4) _____ Curso em que está marticulado _____

5) Ingressou através de cotas? ( ) sim ( ) não. Se sim, em qual cota? __

6) _____ Período cursado_____

7) _____ O que você custuma fazer durante o seu tempo livre? _____ _____

8) Você passou a frequentar outros locais ou realizar outro tipo de lazer após ingressar no curso superior? ( ) sim ( ) não. _____ Por que? _____

9) Você utiliza o campus como um espaço de lazer? ( ) sim ( ) não

**PARTE II – SOBRE O LAZER**

1) Com que frequência você vivencia o seu lazer?
( ) diariamente ( ) semanalmente
( ) mensalmente

2) _____ Geralmente, quanto da sua renda você dispõe para usufruir com seu lazer? _____

3) _____ Quais locais costuma frequentar? _____

4) Você já foi em algum evento universitário?
( ) sim ( ) não

5) Gosta de eventos voltados para o público universitário?
( ) sim ( ) não

6) Seu curso promove festas?
( ) sim ( ) não

**PARTE III – SOBRE AS EMPRESAS DE FUNDO DE FORMATURA E FESTAS UNIVERSITÁRIAS**

1) Qual sua opinião a respeito das empresas gerenciadoras de fundos de formatura?
( ) são boas, facilitam para os universitários
( ) apenas mais um negócio
( ) não fazem diferença
( ) não sei

2) Sua turma irá contratar uma empresa desse segmento? ( ) sim ( ) não

3) Você participará do fundo de formatura? ( ) sim ( ) não

4) _____ Por que você escolheu participar ou não do fundo de formatura?_____

5) Em sua opinião a festa de formatura é importante? ( ) sim ( ) não

6) Na sua opinião as festas de formatura se tornaram grandes eventos espetacularizados? ( ) sim ( ) não

7) Já foi em alguma festa de formatura? ( ) sim ( ) não

8) _____ Qual sua opinião a respeito das empresas gerenciadoras de fundos de formatura?

9) Sua turma irá contratar uma empresa desse segmento? ( ) sim ( ) não

10) Você participará do fundo de formatura? ( ) sim ( ) não

11) _____ Por que você escolheu participar ou não do fundo de formatura?_____

12) _____ Você acredita que faz diferença a participação no fundo de formatura com relação ao entrosamento entre os colegas? _____

13) _____ Qual sua opinião sobre as festas de formatura?_____